

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

LAURO NIEHUES CARRER

**A PARTICIPAÇÃO DOS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA
E SEUS DEPARTAMENTOS E AGÊNCIAS GOVERNAMENTAIS
NO PLANEJAMENTO E EXECUÇÃO DO GOLPE DA GUATEMALA
(1952-1954)**

FLORIANÓPOLIS, SC

2024

LAURO NIEHUES CARRER

**A PARTICIPAÇÃO DOS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA
E SEUS DEPARTAMENTOS E AGÊNCIAS GOVERNAMENTAIS
NO PLANEJAMENTO E EXECUÇÃO DO GOLPE DA GUATEMALA
(1952-1954)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em História do Tempo Presente da Universidade do Estado de Santa Catarina como requisito parcial para obtenção do título de mestre em História. Orientadora: Prof.^a Dr.^a Mariana Rangel Joffily.

FLORIANÓPOLIS, SC

2024

LAURO NIEHUES CARRER

**A PARTICIPAÇÃO DOS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA
E SEUS DEPARTAMENTOS E AGÊNCIAS GOVERNAMENTAIS
NO PLANEJAMENTO E EXECUÇÃO DO GOLPE DA GUATEMALA
(1952-1954)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em História do Tempo Presente da Universidade do Estado de Santa Catarina como requisito parcial para obtenção do título de mestre em História. Orientadora: Prof.^a Dr.^a Mariana Rangel Joffily.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Mariana Rangel Joffily
Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC)

Prof. Dr. Reinaldo Lindolfo Lohn
Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC)

Prof. Dr. Sidinei José Munhoz
Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

Florianópolis, 13 de agosto de 2024

Ficha catalográfica elaborada pelo programa de geração automática da Biblioteca Universitária Udesc, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Niehues Carrer, Lauro

A PARTICIPAÇÃO DOS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA E SEUS DEPARTAMENTOS E AGÊNCIAS GOVERNAMENTAIS NO PLANEJAMENTO E EXECUÇÃO DO GOLPE DA GUATEMALA (1952-1954) / Lauro Niehues Carrer. -- 2024.

115 p.

Orientador: Mariana Rangel Joffily

-- Seleccione -- (mestrado) -- Universidade do Estado de Santa Catarina, Centro de Ciências Humanas e da Educação, Programa de Pós-Graduação -- Seleccione --, Florianópolis, 2024.

1. Intervencionismo estadunidense. 2. Golpe da Guatemala. 3. Guerra Fria. I. Rangel Joffily, Mariana. II. Universidade do Estado de Santa Catarina, Centro de Ciências Humanas e da Educação, Programa de Pós-Graduação -- Seleccione --. III. Título.

*You that never done nothin'
But build to destroy
You play with my world
Like it's your little toy
You put a gun in my hand
And you hide from my eyes
And you turn and run farther
When the fast bullets fly*
Bob Dylan – Masters of War

AGRADECIMENTOS

Durante o processo de escrita da dissertação aqui apresentada inúmeras pessoas foram imprescindíveis para a realização da mesma. Primeiramente gostaria de agradecer a minha mãe Daise e minha irmã Lara pelo apoio à minha decisão de seguir os caminhos da pós-graduação e por todo o suporte dado durante todo esse período de dois anos do mestrado, sem vocês nada seria possível. Gostaria de agradecer, também, a minha orientadora, a Prof.^a Dr.^a Mariana Rangel Joffily, por ter aceitado orientar minha pesquisa e pelos inúmeros conselhos e apontamentos, sem dúvida essa orientação foi fundamental para a realização dessa dissertação e para minha formação como acadêmico de História, com lições que irei carregar para sempre ao longo da minha jornada. Esse trabalho também não seria possível sem meus amigos e colegas que, em meio a períodos conturbados, me proporcionavam momentos de alegria e lazer, melhorando meu espírito e me motivando a dar meu máximo. Também dedico esse trabalho a quem não está mais entre nós, meu vô Danilo, que faleceu vítima da Covid-19 durante a pandemia, e meu pai, Isaac, que ainda é minha inspiração e sempre irá ser, quem me ensinou sobre a importância da arte, da educação e de se amar o que faz, e que durante a sua vida, sempre procurou, na prática, auxiliar aqueles que precisavam. Por fim, gostaria de agradecer a CAPES por viabilizar a realização dessa pesquisa por meio do financiamento da mesma.

RESUMO

O final do Século XIX e início do XX foram marcados pelo início do imperialismo estadunidense, e, após a Segunda Guerra Mundial, o começo da Guerra Fria e a introdução da doutrina de contenção do comunismo na política externa dos Estados Unidos, a prática do intervencionismo na América Latina se torna parte fundamental da política externa estadunidense, pois o território latino-americano agora era visto como um espaço de disputa global. A presente dissertação de mestrado tem como objetivo compreender a participação dos diferentes departamentos e agências do governo dos Estados Unidos na preparação e execução do Golpe da Guatemala, que foi a primeira intervenção realizada pelos EUA em um país latino-americano durante a Guerra Fria. Utilizando de fontes documentais do governo dos Estados Unidos, foi possível analisar essa participação através de uma perspectiva interna dos departamentos e agências governamentais estadunidenses, identificando os principais personagens, as concórdias e os conflitos internos entre esses departamentos e agências.

Palavras chave: Intervencionismo estadunidense. Golpe da Guatemala. Guerra Fria.

ABSTRACT

The end of the 19th century and the beginning of the 20th were marked by the beginning of U.S. imperialism, and, after World War II, the start of the Cold War and the introduction of the doctrine of containment of communism in the foreign policy of the United States, the practice of interventionism in Latin America becomes a fundamental part of American foreign policy, as the Latin American territory was now seen as a space for global dispute. This master's dissertation aims to understand the participation of the different departments and agencies of the United States government in the preparation and execution of the Guatemala Coup, which was the first intervention executed the USA in a Latin American country during the Cold War. Using documentary sources from the United States government, it was possible to analyze this participation through an internal perspective of the American government departments and agencies, identifying the main characters, the agreements and internal conflicts among these departments and agencies.

Keywords: U.S. interventionism. Guatemalan Coup. Cold War.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
1 AS RELAÇÕES INTERNAS DOS DEPARTAMENTOS E AGÊNCIAS GOVERNAMENTAIS ESTADUNIDENSES EM MEIO AO PROCESSO DE APROVAÇÃO DA OPERAÇÃO PBSUCCESS	26
1.1 A política externa estadunidense na América Latina em meio à Guerra Fria.....	30
1.2 O monitoramento dos EUA na Guatemala entre 1944 e 1952	32
1.3 A operação PBFORTUNE	39
1.4 O Governo Eisenhower e a aprovação da operação PBSUCCESS.....	50
2 A RELAÇÃO ENTRE ANTICOMUNISMO, ANTINACIONALISMO E O CAPITAL PRIVADO NOS DEPARTAMENTOS E AGÊNCIAS DO GOVERNO ESTADUNIDENSE NA INTERVENÇÃO DA GUATEMALA.....	58
2.1 A passagem da reforma agrária no governo de Jacobo Árbenz.....	60
2.2 A análise do governo estadunidense sobre o movimento comunista guatemalteco.....	64
2.3 A relação entre o capital privado estadunidense na Guatemala e o governo dos EUA.....	73
2.4 O anticomunismo estadunidense e o caso do “armamento soviético” na Guatemala.....	80
2.5 O anticomunismo como justificativa e ferramenta da intervenção na Guatemala.....	84
3 OS DEPARTAMENTOS E AGÊNCIAS DO GOVERNO ESTADUNIDENSE E SUAS PARTICIPAÇÕES E ARTICULAÇÕES NA PREPARAÇÃO E EXECUÇÃO DO GOLPE DA GUATEMALA.....	86
3.1 A conferência de Caracas e a legitimação do intervencionismo estadunidense na Guatemala.....	88
3.2 A deposição de Jacobo Árbenz.....	91
3.3 A instauração de Castillo Armas na presidência da Guatemala.....	100
CONCLUSÃO.....	105
REFERÊNCIAS	108
FONTES DOCUMENTAIS	112

INTRODUÇÃO

A situação política e social da Guatemala nos dias atuais, sobretudo a crise migratória de guatemaltecos para os Estados Unidos¹ e a crise institucional com a Justiça da Guatemala, a qual ordenou a suspensão dos resultados do primeiro turno das eleições presidenciais de 2023², reflete uma história que tem como marco o Golpe da Guatemala, que, ocorrido em meio à Guerra Fria, inaugurou o período chamado de “Guerra Fria Interamericana”, conceito que é utilizado para tratar dos “[...] contornos particulares que o confronto bipolar com a URSS adquiriu nas Américas” (Harmer, *apud* Joffily, 2018, p. 61). Esse golpe, ocorrido em 1954, foi a primeira intervenção realizada pelos Estados Unidos da América em um país latino-americano durante esse período.³

Por meio da Agência Central de Inteligência dos Estados Unidos, a CIA, com o incentivo do Departamento de Estado e de outros departamentos e agências, a partir de 1952, durante a administração Truman, a estratégia do governo norte-americano foi concebida para tirar do poder o então presidente Juan Jacobo Árbenz Guzmán, concretizando-se apenas no dia 27 de junho de 1954, por meio da operação denominada de PBSUCCESS. Essa operação, ocorrida no Governo Eisenhower, foi marcada pela renúncia de Árbenz ao cargo de presidente do país, na expectativa de que as políticas sociais e econômicas realizadas durante o seu governo e os ideais da Revolução de 1944, que estabeleceu um sistema democrático no país, permanecessem na Guatemala. No entanto, essa expectativa não se realizou, uma vez que o escolhido pelo governo estadunidense para ocupar sua posição foi o Coronel Carlos Castillo Armas, o qual, junto às demais forças opositoras a Árbenz, alterou os rumos da Guatemala, tornando-a um país ditatorial e imerso em uma guerra civil que perduraria até a segunda metade da década de 1990.

O meu interesse a respeito dos Estados Unidos, sua história e cultura se iniciou ainda na minha infância, devido à influência que meu pai, grande admirador de músicos e artistas estadunidenses, especialmente de *blues*, *folk* e *rock*, exercia em mim quando criança. Essa

¹ NA GUATEMALA, Kamala diz ‘não venham’, e EUA lançam programa de combate ao tráfico de pessoas. *Folha de São Paulo*, 7 jun. 2021. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2021/06/nao-venham-diz-kamala-em-visita-a-guatemala-para-discutir-migracao.shtml>.

² BARBOSA, Leandro. Supremo da Guatemala anula suspensão de partido e garante segundo turno das eleições: Partido de candidato à presidência havia sido suspenso por juiz de primeira instância. *Brasil de Fato*. São Paulo, 14 jul. 2023. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2023/07/14/supremo-da-guatemala-anula-suspensao-de-partido-e-garante-segundo-turno-das-eleicoes>.

³ Durante a Guerra Fria, o primeiro golpe de Estado realizado pelos Estados Unidos foi no Irã, em 1953, em conjunto com o MI-6, a agência de inteligência britânica, o qual depôs primeiro-ministro iraniano Mohammed Mossadeg.

admiração foi alimentando uma curiosidade acerca da sociedade estadunidense do século XX, e já na graduação em História, em projetos de iniciação científica, sob orientação da Professora Dra. Mariana Joffily, surgiu o interesse a respeito das intervenções que os Estados Unidos realizaram na América Latina, especialmente após a Segunda Guerra Mundial. Já prestes a me formar na graduação e pensando em possíveis projetos para a realização de um mestrado, o caso da Guatemala, por conta de sua relevância para a política externa estadunidense na América Latina durante a Guerra Fria e do evento em si, além de ter encontrado centenas de documentos governamentais disponíveis sobre essa intervenção que provinham do governo estadunidense, foi o tema que mais se destacou para mim em meio a tantos casos de intervenção praticada pelos Estados Unidos que poderiam ter sido escolhidos.

A intervenção dos Estados Unidos na Guatemala em 1954, portanto, insere-se no contexto da Guerra Fria, ou seja, no período de 1947 até 1991, em que EUA e União Soviética protagonizavam um conflito entre si, o que pautava os interesses geopolíticos dos Estados Unidos. Assim, a América Latina, durante esse período, adquiriu uma nova importância para a política de Estado dos EUA, diferente da que estava em voga na primeira metade do século XX. Enquanto, nesse mesmo período, as políticas direcionadas aos países latino-americanos visavam à expansão da influência e do mercado estadunidense como meio para o desenvolvimento dos Estados Unidos e sua consolidação como uma grande potência mundial, durante a Guerra Fria, mesmo que esse ideal no continente americano ainda permanecesse, o intervencionismo tornou-se uma prática pertencente à política de contenção do comunismo soviético e de proteção dos interesses estadunidenses.

Os Estados Unidos da América, portanto, a partir da criação do Tratado Interamericano de Assistência Recíproca, em 1947, e da Organização dos Estados Americanos, em 1948, juntamente com a fundação da Agência Central de Inteligência (CIA), em 1947, criaram meios de aplicar essa doutrina de contenção na prática, procurando cada vez mais aumentar sua influência nos países da América Latina por meio da CIA, como executora de seus objetivos (Ayerbe, 2000; Santos, 2007; Vicente, 2014).

O caso da Guatemala tornou-se um marco dessa prática intervencionista estadunidense, pois, além de ser o primeiro exemplo de um golpe de Estado apoiado pelos Estados Unidos durante a Guerra Fria na América Latina, ele inaugurou uma política de intervencionismo dos EUA no território latino-americano, na qual diversas táticas empregadas para retirar Árbenz do poder foram reutilizadas em outros países latino-americanos, com algumas tentativas frutíferas, mas outras infrutíferas, de subverter determinados governos que eram vistos como

potenciais ameaças aos interesses estadunidenses, como o de Cuba em 1961, o do Brasil em 1964 e o do Chile em 1973.

Falar dessa prática de intervencionismo, que os Estados Unidos realizaram na América Latina na segunda metade do século XX, requer a compreensão das relações internas dos diferentes departamentos e agências do governo norte-americano. Da sua cadeia de comando, de quais eram suas respectivas funções, e das divergências em relação a tais intervenções. Essa ideia contradiz uma visão simplista e maniqueísta das intervenções estadunidenses na América Latina, pois observa, para além da intervenção em si mesma, seus dilemas e suas contradições internas em meio à política de Estado vigente; nesse caso, de proteção e de contenção do comunismo.

Sendo assim, o trabalho aqui apresentado fundamenta-se na seguinte problemática: “Como os diferentes departamentos e agências do governo dos Estados Unidos da América, especialmente o Departamento de Estado, a CIA, e a embaixada dos EUA na Guatemala, funcionavam, participavam e se relacionavam durante a preparação e a execução do Golpe da Guatemala, o qual depôs o então presidente Jacobo Árbenz?”

Para a realização desta pesquisa, foi necessário guiar-me por uma ampla bibliografia sobre diversos temas que possibilitassem, juntamente aos documentos escolhidos para serem analisados, compreender a partir de uma visão abrangente a intervenção dos Estados Unidos no Golpe de 1954, e chegar a respostas para a problemática proposta neste trabalho. Na sequência, analisar-se-ão obras que discutem os seguintes assuntos: os Estados Unidos e sua política externa desde o século XIX, com foco na América Latina, passando pelo tema da Guerra Fria e abordando a relação dos EUA e a Guatemala entre 1944 e 1954; a revolução guatemalteca de 1944 e os governos de Juan José Arévalo e Jacobo Árbenz, bem como a reforma agrária de 1952, ocorrida durante a administração de Árbenz; a operação planejada pela CIA, que depôs Árbenz da presidência; a questão do comunismo na Guatemala; e também as fontes governamentais dos Estados Unidos e a historiografia sobre o Golpe da Guatemala de 1954.

Ao pesquisar sobre a participação dos EUA no Golpe da Guatemala, fica evidente, em diversos trabalhos sobre o assunto, algumas das principais divergências entre autores e os maiores debates acerca do tema. Nesse caso, o principal ponto de debate é o motivo que os Estados Unidos tiveram para planejar e executar um golpe de Estado em um governo democraticamente eleito em um pequeno país da América Central. Para isso, valho-me do artigo produzido por Stephen Streeter, professor da Universidade de McMaster, que tem como título *Interpreting the 1954 U.S. Intervention in Guatemala: Realist, Revisionist, and Postrevisio-*

nist Perspectives, para compreender a historiografia da intervenção dos Estados Unidos da América na Guatemala em 1954.

Streeter apresenta-nos, então, três perspectivas historiográficas sobre a participação dos Estados Unidos no Golpe de 1954: a realista, a revisionista e a pós-revisionista, sendo que as últimas duas convergem entre si:

(1) A perspectiva realista aborda esse tema a partir da ideia de que a intervenção foi uma consequência direta da Guerra Fria e da expansão soviética, considerando que Jacobo Árbenz era um comunista às ordens da União Soviética.

(2) Já a visão revisionista aponta o papel desempenhado pelos Estados Unidos na Guerra Fria como a grande causa da intervenção na Guatemala, privilegiando o fator econômico e o desejo de expansão econômica e dos mercados norte-americanos para os países que pertenciam ao “terceiro mundo”, entre os quais se incluía a Guatemala. Para os revisionistas, o Departamento de Estado dos Estados Unidos foi ao “resgate” da *United Fruit Company*, corroborando o imperialismo econômico dos EUA.

(3) Já os pós-revisionistas, apesar de também se valerem do aspecto econômico dos EUA, vão mais além e trazem os aspectos cultural e ideológico da Guerra Fria, que permeavam os Estados Unidos nos anos de 1950.

Pode-se observar que as três visões historiográficas do autor, apresentadas acima, têm como contexto geral a importância da Guerra Fria: enquanto a realista trata a figura de Árbenz como um comunista a serviço da União Soviética, a revisionista e a pós-revisionista mensuram os aspectos econômicos, culturais e ideológicos dos Estados Unidos durante a Guerra Fria a fim de explicar o porquê da intervenção estadunidense na Guatemala em 1954.

Também em se tratando de historiografia, Sidnei Munhoz, professor da Universidade Federal de Santa Catarina, em seu livro *Guerra Fria: História e Historiografia*, traz uma análise renovada sobre as diferentes correntes historiográficas sobre o período em que o Golpe da Guatemala ocorre. Segundo o autor, a corrente ortodoxa estadunidense culpabiliza a União Soviética pelo início do conflito, e segundo esse ponto de vista, os EUA foram “obrigados” a se defender e defender seus aliados da agressão soviética, e a ortodoxia soviética utiliza a mesma narrativa, mas com os EUA como os agressores externos. Já a corrente revisionista criticava a explicação ortodoxa estadunidense colocando a economia e a ideologia como fatores fundamentais da Guerra Fria e argumentava que a ação da URSS era defensiva. Tida como superação das correntes anteriores, a pós-revisionista tem o contexto internacional e as políticas realizadas pelas elites como pontos chave de sua análise, porém, segundo Munhoz (2020, n.p.), essa visão não possui teses “que não estejam ancoradas nas premissas ortodoxas”, pro-

curando atualizar as mesmas. A última corrente historiográfica é a corporatista, que defende uma continuidade no século XX da política dos EUA, com a economia doméstica e as questões ideológicas influenciando a diplomacia estadunidense. Assim, as políticas realizadas após a Segunda Guerra Mundial que edificaram uma “arquitetura de poder global” foram vistas pela URSS como uma ameaça, levando o Kremlin a realizar ações que por sua vez foram interpretadas pelos EUA como agressivas, dando início ao período da Guerra Fria.

Essas duas respectivas obras foram de grande relevância para a presente pesquisa de mestrado, uma vez que auxiliaram a leitura dos materiais historiográficos que abordam a Guerra Fria e o Golpe da Guatemala, possibilitando compreender seus respectivos períodos de produção e características, inserindo-os também em um contexto macro de produção sobre esse evento.

Um dos pioneiros na análise documental do referido golpe é Richard Immerman, que, além de ser diretor do Centro de Estudos de Força e Diplomacia na Universidade de Temple, foi um dos primeiros historiadores a ter acesso aos documentos da CIA e do governo estadunidense. Ele é considerado, até hoje, um dos nomes mais conhecidos no que se refere ao estudo da participação dos Estados Unidos no Golpe da Guatemala em 1954, além de ter escrito sobre a fundação da CIA. No artigo *Guatemala as Cold War History*, de 1980, ele realiza uma abordagem em que relaciona o Golpe da Guatemala com a Guerra Fria.

Assim, observa-se o contexto da Guerra Fria e do anticomunismo por parte dos Estados Unidos, como também as políticas realizadas pelo governo de Juan José Arévalo, o primeiro presidente eleito após a Revolução de 1944, e de Jacobo Árbenz, o segundo presidente democraticamente eleito e que legislou o Decreto nº 900, que aprovava a reforma agrária no país. O mesmo autor aborda, ainda, o debate sobre a relação entre a *United Fruit Company* e o movimento anticomunista que acontecia no começo dos anos de 1950, procurando dialogar entre as duas explicações mais comuns sobre o Golpe da Guatemala de 1954: uma que coloca como principal causa da intervenção estadunidense no país o anticomunismo, e outra que trata a *United Fruit Company* como a grande causadora do Golpe de 1954, devido às políticas de Árbenz, sendo principalmente a reforma agrária.

Immerman salienta que, embora a figura de Árbenz e a de seu predecessor Juan José Arévalo não fossem comunistas, é necessário observar que o anticomunismo dos Estados Unidos desempenhou um grande papel no Golpe de 1954, principalmente ao se compreender que as táticas anticomunistas realizadas pelos EUA em seu território, durante a perseguição aos comunistas na década de 1950, também foram utilizadas na Guatemala. Por fim, pode-se observar que o artigo do autor supracitado é imprescindível ao se pesquisar sobre esse tema,

pois, além de inserir a Guatemala em um contexto mais amplo da Guerra Fria, ele aborda com detalhes a práxis utilizada pela CIA na deposição de Árbenz, e como o caso da Guatemala foi importante para o aumento do moral da CIA e do governo norte-americano, o que levaria grande parte dos responsáveis pelo Golpe da Guatemala a trabalharem no que ficou conhecido como “A invasão da baía dos porcos” em 1961, na tentativa de tirar Fidel Castro do poder.

Outro grande autor que estuda o tema do Golpe da Guatemala é Piero Gleijeses, atualmente professor na Escola Paul H. Nitze de Estudos Internacionais Avançados da Universidade Johns Hopkins, sendo uma das maiores referências quando se trata da política externa dos Estados Unidos e do Golpe da Guatemala. Seu livro *Shattered Hope: The Guatemalan Revolution and the United States 1944-1954*, é considerado um dos materiais mais importantes sobre o golpe já escritos, pois conta, além dos documentos governamentais dos EUA, com outros tipos de fontes, como entrevistas com os atores e atrizes desse evento, sendo possível conhecer mais detalhes sobre a deposição de Árbenz da presidência da Guatemala.

No artigo de 1989, publicado dois anos antes do livro anteriormente mencionado, *The Agrarian Reform of Jacobo Árbenz*, Gleijeses faz uma análise de um dos principais pontos de discussão inseridos no debate historiográfico do Golpe da Guatemala: a reforma agrária legislada por Jacobo Árbenz. Para pesquisar sobre o golpe de Estado que ocorreu em 1954, é inevitável compreender a história dessa reforma e sua dinâmica, juntamente às consequências da promulgação do Decreto nº 900, que ficou conhecido por ser a ordem que sancionou a reforma agrária no país.

Gleijeses salienta o desejo de Árbenz para fazer da Guatemala uma nação que não precisasse contar e depender do capital estrangeiro, pois os Estados Unidos eram basicamente a única fonte de capital privado para o país. A reforma agrária de Árbenz, segundo o autor, caracterizou-se por ter sido uma “reforma moderada”, na qual somente terras inférteis e grandes terrenos inutilizados foram o seu foco; porém, objetivava também uma maior participação dos camponeses e das organizações trabalhistas. Até junho de 1954, mês da deposição de Árbenz, cerca 566 mil hectares tinham sido expropriados, e estima-se que por volta de 500 mil guatemaltecos se beneficiaram com o Decreto nº 900. O autor conclui seu trabalho argumentando que a questão da Reforma Agrária e da *United Fruit Company* é, muitas vezes, simplificada e apresentada como a principal causa da intervenção dos Estados Unidos na Guatemala. Gleijeses também afirma que a intervenção na Guatemala foi um evento motivado por uma complexa mistura de interesses econômicos, anticomunismo e imperialismo estadunidense.

Seguindo a linha dos dois autores previamente mencionados, Nick Cullather, professor da Universidade de Indiana, também foi outro autor que trabalhou com as fontes produzidas

pela CIA. Em seu livro *Secret History: The CIA's Classified Account of its Operations in Guatemala 1952-1954*, debateu os documentos liberados pela CIA a respeito da participação da própria agência no Golpe da Guatemala, narrando desde a Revolução de 1944 até a instauração de um novo governo guatemalteco após a deposição de Árbenz, a partir das fontes da CIA. Seu trabalho é de grande importância, pois aborda a relação entre os Estados Unidos e a Guatemala desde a revolução, possibilitando compreender como o governo de Árbenz ganhou destaque nos círculos internos da CIA até a sua queda.

Especificamente sobre a operação PBSUCCESS, que tirou o presidente Jacobo Árbenz do poder, instaurando um regime liderado pelo militar Castillo Armas, trabalhou-se aqui com o artigo *Un castillo armado: el primer golpe de la CIA en América Latina*, escrito por Ricardo Vicente, professor na Universidade de Buenos Aires. A operação em si é um dos assuntos mais amplamente divulgados quando se trata da intervenção dos Estados Unidos na Guatemala em 1954, pois foi esta a primeira operação que a CIA, aliada ao Departamento de Estado e outros departamentos e agências dos EUA, planejou e executou durante a chamada “Guerra Fria”.

As razões pelas quais o referido artigo foi o escolhido dentre tantos outros que abordam a operação PBSUCCESS foram por sua contemporaneidade, sua diversidade de fontes daquele período, e também por se fundamentar em uma grande bibliografia sobre o tema da participação estadunidense na deposição do regime democrático de Jacobo Árbenz em 1954. Outro fator que se denota é a abordagem do autor, na qual ele insere a operação em um contexto amplo da própria história da Guatemala, o que, muitas vezes, é colocada de lado na historiografia sobre esse tema.

Antes de discorrer e detalhar como se deu a operação em si, Vicente faz uma síntese da política guatemalteca, na qual ele estabelece pontos como: a demografia da Guatemala; seu estreitamento econômico com os Estados Unidos; a chegada da *United Fruit Company* no país; e a situação agrária no país, como elemento fundamental para compreender como a Revolução de 1944, uma revolta realizada por uma elite intelectual e urbana, fundamentou o terreno para a realização de políticas mais democráticas e de bem-estar social, na qual a inspiração foram os Estados Unidos, de acordo com o primeiro presidente eleito democraticamente, Juan José Arévalo.

Após isso, discorre-se sobre a administração de Jacobo Árbenz, seu caráter mais social e desenvolvimentista; e também se menciona a reforma agrária de 1952, considerada um marco na história guatemalteca. A operação PBSUCCESS é, portanto, explicada de uma maneira que o leitor a veja inserida em um processo histórico amplo da Guatemala e sua relação com

os Estados Unidos da América, especialmente os governos Truman e Eisenhower e suas políticas na Guatemala.

Sobre o Golpe da Guatemala também foi utilizado um material que apesar de se centrar na deposição de Jacobo Árbenz da presidência, possui espaços dedicados a tratar da relação entre os Estados Unidos e a Guatemala após 1954. A obra intitulada *Bitter Fruit: The Story of the American Coup in Guatemala*, foi escrita em 1982 pelos jornalistas Stephen Schlesinger e Stephen Kinzer, e apesar de ser uma narrativa que hoje é criticada pela abordagem jornalística, é uma obra de grande importância para a historiografia sobre o Golpe da Guatemala pois foi uma das primeiras sobre o assunto, ao lado da obra de Immerman, já mencionada anteriormente.

Com relação à política dos Estados Unidos para a América Latina, o artigo escrito pelo professor associado da universidade *El Colegio de México*, Vanni Pettinà, *Del anticomunismo al antinacionalismo: La presidencia de Eisenhower y el giro autoritario en la América Latina de los años 50*, traz uma perspectiva historiográfica que analisa o Golpe de 1954 na Guatemala no contexto da década de 1950 na América Latina e nos Estados Unidos, período em que ocorreu a intervenção na Guatemala. Outro ponto destacado pelo texto é a importância de discutir os nacionalismos latino-americanos no século XX, pois, segundo o autor, os movimentos nacionalistas, pelo menos a maior parte deles, a partir de 1950, foram vistos sob a ótica anticomunista, levando em consideração um país, os Estados Unidos, envolto em uma doutrina de contenção da ideologia comunista. O autor salienta que diversas reivindicações dos movimentos nacionalistas, que surgiram na América Latina a partir de 1950, já tinham sido pauta de movimentos nas décadas de 1930 e 1940, por exemplo, mas que, na administração Eisenhower, essas pautas se transformaram em sintomas de possíveis convergências com os comunistas.

Quando se pesquisa um caso de intervenção dos Estados Unidos na América Latina, é necessário entender o evento estudado em diversas dimensões, como a dos movimentos nacionalistas nos países latino-americanos antes e depois da Segunda Guerra Mundial, a do Governo Eisenhower e suas políticas externas tanto para a América Latina quanto para países específicos, e também observar uma dimensão ampla de longa duração do intervencionismo estadunidense, em especial na América Latina. Contudo, não se pode deixar de analisar, juntamente, os demais casos de intervenção realizados pelos EUA em outros continentes.

Pettinà também faz uma análise das políticas do Governo Eisenhower na América Latina a partir dessas dimensões e, ao conectar o antinacionalismo e o anticomunismo, consegue-se pensar em uma história do intervencionismo estadunidense na América Latina durante

a década de 1950, de uma maneira em que os aspectos nacionais e transnacionais, como também o contexto geopolítico do período, convergem entre si. Isso possibilita uma maior compreensão de determinadas intervenções, não colocando os países latino-americanos como passivos desses eventos históricos, mas também como agentes ativos, buscando romper com um olhar maniqueísta no qual somente os Estados Unidos são vistos como o agente ativo dessas intervenções.

Ademais, a respeito da temática da política externa dos Estados Unidos, o capítulo “A política externa dos EUA para a América Latina: da Doutrina Monroe à Diplomacia Total”, que faz parte do livro publicado em 2007, *O poder norte-americano e a América Latina no pós-guerra fria*, escrito por Marcelo Santos, doutor pela Universidade Estadual de Campinas, aborda como os Estados Unidos, a partir da Doutrina Monroe, começaram a observar a América Latina como um território que necessitaria de políticas específicas voltadas para ela. O texto apresenta essas políticas e suas principais características como a da já mencionada Doutrina Monroe, o corolário Roosevelt, a política do Big Stick, a diplomacia do dólar, a Política da Boa Vizinhança e a diplomacia total.

Tratando-se do começo do intervencionismo dos Estados Unidos na América Latina, Santos aponta a necessidade econômica de expansão do seu mercado como uma das grandes causas do primeiro envolvimento em países latino-americanos, como Cuba e Porto Rico, no final do século XIX e começo do XX. Os EUA, nesse primeiro momento, apoiavam a independência política e econômica dos países da América Latina de seus antigos colonizadores, já que isso significaria uma possibilidade maior de crescimento da sua economia e, conseqüentemente, da sua importância geopolítica.

Após a Primeira e a Segunda Guerra Mundial, ocorre a consolidação dos Estados Unidos como uma grande economia e potência militar, de modo que a entrada no período designado como “Guerra Fria” alterou a dinâmica anterior da participação dos EUA nos países latino-americanos. Ao contrário do que ocorria com a Política da Boa Vizinhança, na qual os EUA apoiavam financeiramente regimes considerados parceiros, com a emergência de movimentos nacionalistas inspirados no caso soviético e chinês (e, em alguns casos, apoiados pela própria União Soviética), os EUA se valeram de uma nova abordagem para o continente americano.

Assim, a assinatura em 1947 do Tratado Interamericano de Assistência Recíproca (TIAR) e, em 1948, da Organização dos Estados Americanos (OEA), bem como a fundação da CIA, fundamentam o que seria a política dos Estados Unidos durante as décadas seguintes: uma política de intervencionismo direto e indireto com a participação da CIA em Estados

independentes, como Guatemala, Brasil e Chile, mas que sofreria modificações principalmente no Governo Carter e seu apoio aos Direitos Humanos e à ideia de um “conflito de baixa intensidade” durante a administração de Reagan.

Tendo em vista as considerações acima, infere-se que a compreensão das políticas intervencionistas dos Estados Unidos na América Latina, especialmente no caso da Guatemala, está vinculada ao entendimento da longa duração da política estrangeira dos EUA e sua relação com os movimentos internos dos países latino-americanos. O capítulo de Santos é, então, utilizado para ampliar o entendimento sobre a participação dos Estados Unidos no Golpe da Guatemala de 1954.

Além dos trabalhos de Pettinà e Santos, outras três obras que tratam a respeito da política externa dos Estados Unidos foram consultadas neste trabalho. O livro *Formação do Império Americano: Da Guerra contra a Espanha à Guerra do Iraque*, de autoria de Luiz Alberto Moniz Bandeira, aborda a história do imperialismo estadunidense a partir de uma perspectiva global. Já as obras *Estados Unidos: poder e submissão – Uma história da política norte-americana em relação à América Latina*, de Lars Schoultz, e o livro de Luis Fernando Ayerbe, *Estados Unidos e América Latina: A construção da hegemonia*, tratam especificamente da intervenção dos Estados Unidos na América Latina desde o seu início no século XIX, enfatizando, no entanto, as diferentes políticas empreendidas pelos EUA ao longo do tempo.

O artigo *Review of the U.S. Intervention in Guatemala: The Documentary Record*, by U.S. Department of State, Stephen Rabe, professor emérito da Universidade do Texas, apresenta trabalhos que dissertam sobre os Estados Unidos e a América Latina durante a Guerra Fria, abordando a questão das fontes oficiais que tratam do Golpe de 1954. O autor faz uma apresentação das fontes disponibilizadas pelo governo norte-americano através do *Foreign Relations of the United States (FRUS)*. Ele retrata o que seria o FRUS, sua fundação e objetivo, apresentando, na sequência, as duas coleções dedicadas aos documentos datados entre 1952 e 1954 que envolvem a Guatemala, como também seus contextos de publicação e suas características. A partir desse artigo, consegue-se compreender como se deu a historiografia sobre os Estados Unidos e o Golpe de 1954.

O trabalho de Rabe é fundamental, já que mostra como os documentos liberados pela CIA e pelo governo dos Estados Unidos foram utilizados no estudo do Golpe da Guatemala; ao passo que também destaca outros materiais que serviram de fonte histórica para diversas obras sobre o tema em questão, como entrevistas com indivíduos que vivenciaram a interven-

ção estadunidense na Guatemala e matérias de jornais guatemaltecos e estadunidenses daquele período.

A partir desses materiais, foi possível construir um olhar amplo a respeito da política externa dos Estados Unidos, sua história e suas particularidades em relação à América Latina em diferentes períodos; e também, no tocante às diferentes administrações presidenciais estadunidenses e suas políticas intervencionistas. Essas obras foram produzidas desde a década de 1980, quando a intervenção dos Estados Unidos na Guatemala começou a ser pesquisada por historiadores, jornalistas e estudiosos da área de relações internacionais, os quais obtiveram um acesso limitado a fontes sobre o golpe, até 2022, procurando novas produções e análises sobre assuntos já tidos como consolidados, como foi o caso, por exemplo, do conceito de Guerra Fria.

Assim, procurou-se dialogar com autores e trabalhos de variadas origens de produção acadêmica, não se limitando, unicamente, à historiografia estadunidense sobre o golpe. Mesmo assim, os Estados Unidos ainda são o país de maior produção de trabalhos que abordam os temas que se encontram nesta pesquisa; porém, para esta também foram lidas obras de autores do Uruguai, México, Guatemala, República Tcheca e também do Brasil.

Como hipótese central desta pesquisa, sugere-se que, apesar de a CIA e o governo dos Estados Unidos terem planejado e executado o Golpe da Guatemala, internamente, entre 1952 e 1954, não havia um consenso geral sobre a necessidade de intervenção no governo de Jacobo Árbenz por conta de uma suposta penetração comunista na Guatemala, ocorrendo uma transição do Governo Truman para o de Eisenhower, além de uma reconfiguração interna do Departamento de Estado e da embaixada dos Estados Unidos na Guatemala, até que a visão da CIA, sobre o que deveria ser feito em relação ao governo de Árbenz, fosse ratificada, sendo aprovada a operação que deporiam o então presidente do país.

Este trabalho acadêmico, portanto, já tendo percorrido sobre as obras e debates historiográficos mais presentes na bibliografia sobre o Golpe da Guatemala de 1954, justifica sua produção pelo fato de objetivar compreender as particularidades do intervencionismo estadunidense na Guatemala em 1954, mas com base nas fontes governamentais dos EUA. Ademais, ele trata, a partir de uma perspectiva interna do governo norte-americano, como se deu o Golpe de 1954 na Guatemala, pois realiza uma análise sobre como os diferentes departamentos e agências do governo dos Estados Unidos da América, durante a preparação e execução do golpe entre 1952 e 1954, funcionavam, participavam e se relacionavam entre si.

Para a consecução desta pesquisa, os documentos escolhidos para fundamentar e norteá-la foram disponibilizados pelo governo dos Estados Unidos por meio do *Foreign Rela-*

tions of the United States, popularmente conhecido como “FRUS”. Este, que é editado e publicado pelo *Office of the Historian*, juntamente ao *Bureau of Public Affairs*, sob a tutela do Departamento de Estado norte-americano, consiste em uma série de publicações de documentos oficiais, que envolvem os Estados Unidos e sua política externa em relação a diversos países.

Ainda, neste trabalho, foi realizado o uso de duas coleções de fontes disponibilizadas digitalmente através do *Foreign Relations of the United States*, que possui em seu catálogo duas coleções de documentos referentes à política externa dos Estados Unidos em relação à Guatemala entre 1952 e 1954. A coleção mais antiga data de 1983, e a mais recente, de 2003, de modo que o prefácio da primeira afirma que o FRUS guiava-se pela “objetividade histórica”, mas que certas omissões poderiam ser realizadas por diversos motivos, como a publicação de documentos que pudessem afetar negociações em andamento, e para preservar a confiança depositada ao Departamento de Estado por governos estrangeiros e indivíduos (p. 3, 1983).

A primeira coleção, de 1983, intitulada como *Foreign Relations of the United States, 1952–1954, The American Republics, Volume IV*, na qual se encontram inúmeros documentos correspondentes aos países latino-americanos entre 1952 e 1954, foi editada por N. Stephen Kane⁴, William F. Sanford, Jr.⁵ e Willian Z. Slany⁶. Já a segunda coleção tem como título *Foreign Relations of the United States, 1952–1954, Guatemala*, tratando apenas das relações exteriores dos Estados Unidos da América com a Guatemala entre 1952 e 1954, período que corresponde ao corte temporal aplicado na presente pesquisa, tendo como principais editores Susan Holly⁷ e David S. Patterson⁸. Ambas as edições mencionadas foram publicadas pela editora do governo dos Estados Unidos, localizada em Washington, estando disponíveis digitalmente no *site* do *Office of the Historian*.

A coleção de 1983, como já mencionado, apresenta documentos de vários países da América Latina, incluindo a Guatemala, enquanto a coleção de 2003 se dedica apenas à Guatemala entre 1952 e 1954, período em que se deu o Golpe Militar apoiado pelos Estados Unidos e pela CIA, que depôs o presidente eleito Jacobo Árbenz e instaurou uma ditadura militar comandada pelo Coronel Carlos Castillo Armas. Essa edição de 2003 complementa e realiza uma abordagem mais aberta em relação aos documentos que foram escolhidos para a edição

⁴ Professor adjunto no Departamento de Ciência Política na American University, em Washington.

⁵ Não foram encontradas informações a respeito desse autor.

⁶ Historiador-chefe do Departamento de Estado dos Estados Unidos entre 1982 e 2002.

⁷ Doutora em Estudos Comparativos pela Universidade de Essex e historiadora no Departamento de Estado dos Estados Unidos.

⁸ Doutor em História pela Universidade de Berkley; foi editor-chefe do *Foreign Relations of the United States*.

de 1983, já que, de acordo com o prefácio da edição de 2003, escrito por Marc J. Susser⁹, era sabido que a publicação de 1983 possuía uma abordagem incompleta e distorcionista da história¹⁰ (p. 4, 1983). A segunda coleção também conta com uma lista de boa parte dos nomes mencionados nos documentos disponibilizados e suas funções no período, como também uma indexação com diversas siglas, abreviações e seus significados. Nessa coleção, os documentos e notas editoriais estão numeradas, ao contrário da coleção de 1983.

A partir de 1991, o então presidente dos Estados Unidos, George H. W. Bush, assinou uma legislação que afirmava e priorizava a precisão e confiabilidade dos documentos liberados, como também uma autorização para os historiadores do Departamento de Estado acessarem todos os documentos pertinentes às relações externas estadunidenses que pertenciam aos mais diversos departamentos e agências governamentais (p. 4, 2003). Concomitantemente, historiadores do Departamento de Estado ganharam maior acesso aos documentos que comprovam a participação da CIA na deposição de Árbenz em 1954 e no planejamento direto do Golpe Militar ocorrido. Embora os documentos presentes nessas duas edições constituam em transcrições, a maior parte deles se encontram no *National Archives*, na biblioteca dedicada a Dwight D. Eisenhower e no acervo da CIA.

Ao todo foram catalogados cerca de 364 documentos do *Foreign Relations of the United States*, produzidos entre janeiro de 1952 e dezembro de 1954 e publicados nas duas coleções mencionadas anteriormente; alguns desses materiais constando nas duas coleções, os quais foram agrupados em três tabelas, uma para cada ano; e, em cada tabela, os documentos foram ordenados por número, coleção originária, data, cidade de origem, tipo de documento, título, departamento de origem e destinatário, assunto, destaque de informações, citações consideradas importantes, personagens mencionados e por pertinência para a pesquisa proposta.

Após essa catalogação, foram elaboradas novas tabelas em que os documentos considerados pertinentes foram segmentados por ano, produzindo-se assim três tabelas, uma para 1952, a segunda para o ano de 1953, e a terceira dedicada aos documentos que datavam de 1954. Posteriormente, foram produzidas três novas tabelas, cada uma dedicada para cada capítulo e sua proposta, contendo os documentos analisados nos respectivos capítulos, sendo: a primeira tabela sobre os documentos que tratam do planejamento e aprovação da operação que levaria ao Golpe da Guatemala, a PBSUCCESS; a segunda com os documentos que abordam o tema do anticomunismo, antinacionalismo e a relação entre o governo estadunidense e

⁹ Doutor em História pela Universidade de Harvard; foi historiador do Departamento de Estado.

¹⁰ A coleção de 1983, apesar de conter documentos que abordam a relação entre Estados Unidos e a Guatemala entre 1952 e 1954, ela não destaca o papel dos EUA, principalmente da CIA, na deposição de Jacobo Árbenz, o que pode levar a uma interpretação que minimize a participação dos Estados Unidos no Golpe da Guatemala.

o capital privado; e a terceira com os documentos que abordam a execução do golpe e as consequências imediatas da deposição de Árbenz. Os documentos analisados no presente trabalho são de tipos documentais governamentais variados, como memorandos, telegramas, relatórios, cartas, excertos de diários e perfis de certos indivíduos, sendo possível, a partir desses formatos de documentos, compreender os pormenores da intervenção dos Estados Unidos na Guatemala.

Para auxiliar a análise desses documentos, se fez necessário o uso do livro *The Craft of International History: A Guide to Method*, de autoria de Marc Trachtenberg¹¹ (2009), um guia para o estudo de documentos de origem governamental e diplomática. Nele, além de apresentar diversas coleções de documentos governamentais produzidas por diversos países e suas características, entre eles o FRUS, o autor também destaca que o pesquisador que trabalhar com esses documentos deve formular previamente perguntas a se fazer para os mesmos, perguntas essas que levem à resposta da problematização de sua pesquisa.

Outro material importante utilizado para realizar a análise documental aqui proposta é o texto *A Guide to Reading Declassified Documents*, escrito por Tamara Feinstein¹² e Brad Simpson¹³. Nesse guia para ler documentos *declassifieds*, ou seja, documentos disponibilizados após certo período de tempo a contar de sua data de produção, Feinstein e Simpson salientam que esse tipo de texto pode aumentar o entendimento de um processo político, oferecer perspectivas privadas e elucidar eventos históricos, desde que se analise esse tipo de material histórico como qualquer outra fonte histórica que fora produzida por determinados agentes em um certo contexto social e político.

Portanto, as duas coleções analisadas neste trabalho se complementam, pois nelas se encontram diversos documentos de múltiplos departamentos e agências do aparato governamental estadunidense, o que nos possibilita, a partir de uma metodologia específica, uma maior compreensão de como eles funcionavam e se relacionavam em meio à preparação do Golpe da Guatemala e sua execução, a qual tinha o foco de subverter o então governo de Jacobo Árbenz.

Vista a bibliografia sobre o tema, seus debates historiográficos mais presentes, e também quais fontes foram analisadas e trabalhadas nesta pesquisa, se faz necessário apresentar os referenciais teóricos que fundamentaram a mesma. Este trabalho acadêmico se ancora na categoria historiográfica da História do Tempo Presente e sua aplicação na América Latina,

¹¹ Professor de Ciência Política na Universidade da Califórnia.

¹² Professora Adjunta de História na Universidade de Murray State.

¹³ Professor de História na Universidade de Connecticut.

em que os historiadores desse campo começaram a estudar os governos autoritários e ditatoriais latino-americanos, bem como a violação dos direitos humanos que acontecia nesses países após a Segunda Guerra Mundial. Esses eventos eram pesquisados tanto após o seu acontecimento, como no caso da Ditadura Militar no Brasil, pelas consequências dos eventos que haviam ocorrido e as demandas sociais do período, como simultaneamente ao processo e aos eventos históricos que ainda aconteciam concomitantemente à pesquisa histórica realizada.

Pelo fato desses eventos resultarem no que Rousso (2009, p. 208) denominou de “um passado que não passa”, pode-se dizer que a História do Tempo Presente é uma história do inacabado; portanto, confere ao presente um espaço dentro da análise histórica, o que a categoria de História Contemporânea não fazia (Ovalle *et al.*, 2020). O planejamento e realização, por parte do governo dos Estados Unidos, de uma operação com o objetivo de depor um presidente democraticamente eleito na Guatemala que culminou com a instauração de um regime militar no país, embora ocorrido entre 1952 e 1954, causou um conflito civil que se arrastou até 1996 entre os militares que haviam assumido o poder no país e os seus opositores, deixando marcas profundas no país, além de mergulhar a Guatemala em uma grave crise humanitária e migratória. Tal evento também se insere em um contexto de intervencionismo estadunidense e Guerra Fria: o primeiro se inicia ainda no século XIX, e o segundo, com o fim da Segunda Guerra Mundial, gera uma nova conjuntura geopolítica global e uma política dos Estados Unidos para os países da América Latina, onde o Golpe da Guatemala está inserido.

Apesar da Doutrina Monroe de 1823 ser considerada o ponto de partida para a prática intervencionista e imperialista dos Estados Unidos, foi a partir das primeiras intervenções na América Latina, com a Guerra Hispano-Americana de 1898, que os Estados Unidos colocam na prática essa política de “proteção” do continente americano contra os invasores estrangeiros, que, nesse contexto, eram as potências europeias (Santos, 2007). Sobre o conceito de imperialismo, Moniz Bandeira (2017, n.p.) discorre que este não é imutável por conta das transformações nas relações econômicas e sociais que acontecem, e que o fato de haver exportação de capitais e investimentos externos não caracteriza um país como imperialista. Segundo o autor, os Estados Unidos, especialmente após a Segunda Guerra Mundial, praticam o ultraimperialismo, o qual constitui uma política de poder através do controle de fontes de energia e matéria-prima, investimento em suas corporações, ações encobertas realizadas pelos serviços de inteligência, como no caso do Golpe da Guatemala, e pressões econômicas. Durante a Guerra Fria, portanto, esse tipo renovado de imperialismo fez parte da política externa estadunidense, e a sua intervenção na Guatemala se deu através, principalmente, por meio da CIA e sua realização de ações encobertas.

Assim, o presente trabalho possui três capítulos, sendo eles: (1) “As relações internas dos departamentos e agências governamentais estadunidenses em meio ao processo de aprovação da operação PBSUCCESS”; (2) “A relação entre anticomunismo, antinacionalismo e o capital privado nos departamentos e agências do governo estadunidense na intervenção da Guatemala”; (3) “Os departamentos e agências do governo estadunidense e suas participações e articulações na preparação e execução do Golpe da Guatemala”.

O primeiro capítulo abordará, com base nas fontes escolhidas, quais eram os departamentos e agências do governo dos Estados Unidos que estavam em diálogo interno sobre a situação na Guatemala durante a administração de Jacobo Árbenz. Nesse capítulo, esses departamentos e agências serão identificados, e será discutido cada um deles, os personagens que ocupavam cargos de destaque nos mesmos, e como se deu o processo de aprovação da intervenção na Guatemala. Juntamente, será abordado o início da chamada Guerra Fria Interamericana, momento em que se discorrerá sobre como se deu a disputa entre os Estados Unidos e a União Soviética, além da situação política e social que se vivia na Guatemala entre os anos de 1940 e 1950, tratando como segue: a história da Guatemala, sua economia e dilemas sociais, e também enfatizando os acontecimentos que se relacionam diretamente com a Revolução de 1944, como a questão da UFCo no país; o regime ditatorial de Jorge Ubico; a revolução em si; o pós-revolução imediato; a primeira eleição democrática pós-ditadura; a ascensão de Jacobo Árbenz e suas políticas sociais e econômicas. A questão central desse capítulo inicial é, a partir dessa dinâmica interna, entender qual ou quais os departamentos e agências do governo dos EUA sobrepuaram suas respectivas vontades de intervir na Guatemala. Serão analisados documentos que datam desde o começo de 1952 até agosto de 1953, quando aprovada a operação PBSUCCESS, que culminou na deposição de Jacobo Árbenz da presidência da Guatemala, no dia 27 de junho de 1954.

O segundo capítulo tem como questão principal identificar até que ponto o anticomunismo praticado por esses departamentos e agências dos EUA era realmente uma prática contra o comunismo na Guatemala, ou se era um antinacionalismo por conta das reformas sociais e econômicas que estavam ocorrendo no país, procurando compreender em qual medida os interesses do capital privado estadunidense, principalmente a questão da *United Fruit Company*, exerceram influência nessa política de Estado intervencionista. Logo, esse capítulo discorrerá sobre como o anticomunismo, o antinacionalismo e o interesse privado se relacionavam internamente nos departamentos e agências do governo dos Estados Unidos.

Por último, o terceiro capítulo tem como problemática procurar entender quais as estratégias utilizadas pelo Departamento de Estado, pela CIA e pela embaixada dos Estados

Unidos na Guatemala na preparação e, conseqüentemente, na deposição de Árbenz da presidência da Guatemala. Esse capítulo discorre sobre as participações e articulações que esses departamentos e agências do governo norte-americano tiveram na execução da operação PBSUCCESS, e também no estabelecimento de um novo governo, que estivesse alinhado com os interesses externos dos EUA. Serão utilizadas fontes que foram produzidas após a aprovação da operação PBSUCCESS até o estabelecimento do governo de Castillo Armas.

1 AS RELAÇÕES INTERNAS DOS DEPARTAMENTOS E AGÊNCIAS GOVERNAMENTAIS ESTADUNIDENSES EM MEIO AO PROCESSO DE APROVAÇÃO DA OPERAÇÃO PBSUCCESS

No ano de 1944, na Guatemala, ocorreu a Revolução Guatemalteca, que gerou a primeira eleição democrática do país. Foram implementadas políticas como a promulgação do Código do Trabalho em 1947 e criação do *Instituto Guatemalteco de Seguridad Social* (IGSS) um ano depois, em 1948, durante esse primeiro governo democrático. Juntamente, na década de 1950, com a eleição de Jacobo Árbenz e sua proposta de uma reforma agrária em uma nação marcada pela desigualdade social e pelo controle da *United Fruit Company* (UFCo) sobre a economia guatemalteca, foram interpretadas pela Agência Central de Inteligência (CIA) como sinais claros de que seria necessário se manter vigilante em relação à Guatemala e à administração de Árbenz (Vicente, 2014).

Ainda, na década de 1930, ocorreu o colapso do mercado cafeeiro na Guatemala e a instauração de um regime autoritário sob o comando de Jorge Ubico, durante o qual houve um aumento da capacidade do Exército e suas funções, sendo que os generais, agora, presidiam as províncias. Na sua administração, a *United Fruit Company*, empresa estadunidense sediada no país desde 1901, aumentou seu monopólio em relação à economia guatemalteca, juntando-se à *International Railways of Central America* (IRCA), empresa que controlava boa parte das malhas ferroviárias na Guatemala e em El Salvador. A UFCo possuía a maior parte das terras da Guatemala, inclusive as ociosas; e ainda, durante o governo de Jorge Ubico, obteve maiores benefícios, tais como a diminuição de impostos sobre os produtos exportados e sobre os materiais importados para a construção de suas linhas ferroviárias e telefônicas (Vicente, 2014).

No contexto amplo da iminente derrota do nazismo alemão e do fascismo italiano, com a aproximação do fim da Segunda Guerra Mundial, diversos setores da sociedade guatemalteca, já opositores ao governo de Ubico, tanto por suas políticas e seus ideais simpatizantes aos países do Eixo quanto pela crise econômica de aumento da inflação, com o apoio da classe média e do setor universitário (no caso, professores e estudantes), impulsionaram os protestos públicos contra diversas políticas do governo guatemalteco daquele período. No entanto, foram os universitários que realizaram o movimento inicial de uma real oposição ao regime autoritário, priorizando as políticas que afetavam o espaço universitário (Véliz Estrada, 2021).

Em junho de 1944, ocorreram as primeiras manifestações, demandando eleições livres dos decanos e do reitor da Universidade de San Carlos. Após a primeira manifestação ser ve-

ementemente reprimida pela polícia, a busca por autonomia universitária continuou; porém, com a morte da professora María Chinchilla, no dia 25 de junho, essas manifestações aumentaram de proporção, culminando em uma greve protagonizada pelos trabalhadores ferroviários da Guatemala, que perdurou durante uma semana. Ao todo, cerca de 70 pessoas foram mortas pela repressão policial a esses protestos, o que gerou cada vez mais um maior descontento da população com o governo de Ubico, principalmente dos setores médios da população guatemalteca. Nesse momento, o então presidente se viu obrigado a renunciar seu cargo no dia 1º de julho de 1944 (Vicente, 2014).

Com a renúncia de Ubico, uma junta militar presidida pelos generais Eduardo Villagrán Ariza, Federico Ponce Vaides e Buenaventura Pineda ocupou o vácuo de poder deixado pelo governo anterior, sendo Federico Ponce alçado ao cargo de presidente provisório do país, decisão essa ratificada pela Assembleia Nacional. Seu mandato deveria ter a duração de três meses e meio, com uma nova eleição presidencial prevista para os dias 17, 18 e 19 de dezembro de 1944. A partir desse momento, novos partidos foram criados e novas candidaturas foram lançadas; por exemplo, o *Partido Renovación Nacional* e a campanha eleitoral de Juan José Arévalo, que, na época, estava exilado na Argentina, exercendo a função de docente na Universidade de Tucumán. Porém, com o intuito de se manter no poder, Federico Ponce impôs a repressão contra os partidários de Arévalo, o que aumentou em meio à chegada dele da Argentina, ocasionando em perseguições políticas e encarceramento dos *arevalistas* (Vicente, 2014).

Nesse período, ou seja, nos fins da Segunda Guerra Mundial e com a emergência de movimentos latino-americanos de caráter popular, dois jovens militares se destacaram, sendo um deles o Capitão Jacobo Árbenz (que havia resignado do Exército em julho e organizado uma revolta contra Ubico no início de 1944 ao lado de oficiais e professores civis da *Escuela Politécnica*), e o outro, o Major Carlos Aldana Sandoval. Ambos eram os líderes de um movimento com a pretensão de retirar Ponces do poder e, junto a eles, alguns líderes civis, principalmente estudantes universitários, que iniciaram sua ofensiva na noite do dia 19 de outubro de 1944. Contudo, Sandoval acabou se retirando para a fronteira de El Salvador, tendo seu lugar ocupado pelo Major Francisco Arana. Ao longo da noite do dia 19, o armamento foi distribuído aos voluntários civis que eram contrários a Ponces, tendo ao todo, entre dois e três mil voluntários civis agindo junto dos militares opositores ao atual presidente (Gleijeses, 1991; Cullather, 2006).

No dia seguinte, 20 de outubro de 1944, Ponce renunciou e exilou-se na embaixada do México, e quatro dias depois, Ubico, que estava residindo na embaixada britânica sediada na

Cidade da Guatemala, exilou-se para Nova Orleans, nos EUA, onde passou o resto da sua vida até a sua morte dois anos depois, em 1946 (Gleijeses, 1991, p. 29). O caráter da Revolução de 1944 pautava-se pela reivindicação de um sistema democrático, fazendo a classe média, os trabalhadores urbanos, os universitários e até mesmo donos de terra se unirem para celebrar a queda de Ponce. Assim, a partir do dia 21 de outubro de 1944 é que se começa o período revolucionário, quando a junta composta por Árbenz, Arana e o comerciante Jorge Toriello Garrido assume a presidência da Guatemala (Gleijeses, 1991, p. 30).

Essa junta, que havia ocupado o lugar de Ponce, realizou diversos atos que visavam retirar da Guatemala os rastros ditatoriais do regime de Ubico, os quais haviam afetado o país e sua população. Sob o comando da junta, foi dissolvida a Assembleia Legislativa, e houve eleições para a formação de uma nova, e a constituição de 1871 foi revogada, sendo a nova aprovada em 13 de março de 1945, votada pela população. Essa nova constituição permitia organização sindical, dava autonomia para a *Universidad Nacional de San Carlos* e estabeleceu que a propriedade privada fosse um direito com função social (Vicente, 2014).

Assim, o destaque dessa nova constituição foi a inclusão de um capítulo inteiro dedicado às garantias sociais. A maior parte dos indivíduos que participou do movimento revolucionário guatemalteco tinha em mente uma ideia que Arévalo denominou de “socialismo espiritual”, ou seja, esses eventos foram motivados por uma visão futura de uma Guatemala mais democrática e com direitos básicos para a sua população. Os principais marcos da nova constituição foram: o direito ao voto para todos os homens, inclusive os analfabetos; a obtenção da cidadania; e o sufrágio eleitoral por parte das mulheres alfabetizadas (Vicente, 2014).

As primeiras eleições democráticas na história do país ocorreram em dezembro de 1944 e, com 85% dos votos, que ainda eram um direito apenas para homens alfabetizados, pois a nova constituição ainda não havia sido aprovada, Juan José Arévalo assumiu a presidência no dia 15 de março de 1945, com a maioria de seus concorrentes retirando-se da corrida presidencial. A situação do país era crítica, tanto pelo analfabetismo, com uma taxa de cerca de 70%, atingindo 90% na população indígena, como também pela situação agrária, em que apenas 2% dos donos de terra controlavam 72% das terras da Guatemala, em um país que 80% da população vivia na área rural. A respeito da economia da Guatemala, o mercado industrial era quase inexistente, tendo o setor agrário como principal fonte da economia guatemalteca, controlando 75% da força de trabalho total (Gleijeses, 1991, p. 36-37, p. 377; Rabe, 2015, p. 37).

A administração de Arévalo, por mais que realizasse uma abordagem mais social em contraste ao regime de Ubico, ainda possuía diversas barreiras que dificultavam a prática de

um governo democrático. O direito à greve foi restringido para certos grupos que trabalhavam no campo; o Exército continuava controlando boa parte da administração governamental, tanto das escolas como da rádio nacional; mulheres analfabetas não podiam votar, e homens analfabetos deveriam realizar seus votos publicamente; o partido comunista ainda era perseguido e diversos de seus membros, inclusive alguns militantes trabalhistas, foram deportados da Guatemala. As reformas de Arévalo, como a liberdade sindical e novas leis trabalhistas, beneficiaram especialmente a população urbana, que pertencia à classe baixa e média. (Cullather, 2006, p. 11; Gleijeses, 1991, p. 38).

Entretanto, durante o governo de Arévalo, formou-se uma oposição forte contra suas políticas progressistas, como a promulgação do Código do Trabalho, que regulamentava a jornada de trabalho de 48 horas, protegia os trabalhadores de demissões arbitrárias, e fundamentava as noções de saúde e segurança no ambiente de trabalho, bem como a criação do *Instituto Guatemalteco de Seguridad Social* (IGSS); iniciativas que foram amplamente combatidas pela *United Fruit Company*. A empresa, também conhecida pelos guatemaltecos como o “polvo”, que representava o alcance da companhia no cotidiano dos cidadãos, estava no país desde os inícios do século XX, controlava boa parte da economia guatemalteca e, durante a administração de Ubico, fez uso de uma legislação que incentivava seu funcionamento e sua ampliação mediante isenções fiscais, exercendo, assim, grande influência no cenário político guatemalteco, tendo em Francisco Arana um dos principais nomes da Revolução de 1944, como seu mediador e defensor. Por conta do Código do Trabalho promulgado por Arévalo, a UFCo entrou em contato com o Departamento de Estado em busca de apoio, no entanto, embora um oficial do departamento tenha contatado na Guatemala membros do governo guatemalteco, o código não foi alterado, o que ocasionou em ainda mais pressão de lobistas e funcionários da empresa no departamento. Em 1949, representantes do estado de Massachussetts (onde foi fundada a UFCo) que agiam no círculo político estadunidense¹⁴, e que também eram acionistas da empresa, iniciaram o processo de realização de um *lobby* em prol da empresa no Congresso estadunidense, que segundo eles já estava sendo alvo dos comunistas guatemaltecos (Cullather, 2006; Gleijeses, 1991; Immerman, 2004; Rabe, 2015; Vicente, 2014).

Arana, que na época ocupava o cargo de chefe das forças armadas, conquistou o apoio da *United Fruit Company* e de setores dominantes da sociedade guatemalteca, se colocando à frente do Partido Social Revolucionário. Após não angariar no Congresso, em 1948, a maioria de apoiadores com relação a Arévalo e, por consequência, não conseguir realizar seus objeti-

¹⁴ O Senador Henry Cabot Lodge e o representante dos Democratas pelo estado de Massachussetts, John McCormack.

vos por meio do legislativo, Arana começou a preparar e reorganizar o Exército com chefes militares, seus simpatizantes, sendo um deles Castillo Armas (Vicente, 2014).

Em julho de 1949, Arana encabeçou um golpe contra Arévalo; porém, sob o comando do Ministro da Defesa, Jacobo Árbenz, a tentativa de golpe realizado por Arana fracassou, ocasionando na morte de Arana, com os militares e civis partidários dele fugindo para a Nicarágua, que estava em plena ditadura sob Anastasio Somoza. Assim, o caminho de Árbenz à presidência se pavimentou, pois, sendo ele uma das figuras mais reconhecidas da Revolução de 1944, o então ministro conseguiu angariar 64% dos votos, vencendo Miguel Ydígoras Fuentes (Vicente, 2014).

O período ao qual corresponde a administração de Jacobo Árbenz na Guatemala é quando o governo dos Estados Unidos passa a se comunicar internamente, com mais frequência e densidade, sobre a situação política da Guatemala. Árbenz, filho de um farmacêutico suíço com uma mulher guatemalteca, nasceu em 14 de setembro de 1913. Ele começou sua carreira militar na Escola Politécnica na Cidade da Guatemala, graduando-se em 1935, e depois, até 1944, serviu em diversas partes do país, aproximando-se da realidade da situação vivida pelos guatemaltecos do campo. Durante a Revolução de 1944, quando resigna do seu posto nas forças armadas, Árbenz começa sua trajetória como personalidade política, participando na deposição de Ubico e, posteriormente, de Ponces, formando a junta que presidiu a Guatemala durante um curto período de tempo; ainda assim, efetuando políticas significativas, em especial, no aspecto administrativo e legislativo, chegando a ocupar o cargo de Ministro da Defesa durante o governo de Arévalo (García Ferreira, 2006; 2008; 2012; Vicente, 2014).

A personalidade de Árbenz, portanto, simbolizava uma nova Guatemala, a qual, finalmente, tinha a seu favor os ventos de uma democracia liberal. Seu governo pautou-se principalmente pela campanha a favor de uma reforma agrária que pudesse transformar a situação social e econômica dos guatemaltecos, e que seria implementada em junho de 1952 como Decreto nº 900. A reforma agrária em questão tinha os seguintes objetivos: liberar a Guatemala do monopólio da IRCA e da UFCo e acabar com o maior problema social e econômico que afetava milhões de guatemaltecos. Esses eventos políticos e sociais que aconteceram na Guatemala ocorreram simultaneamente com a entrada na Guerra Fria, portanto, os eventos ocorridos passaram a ter, gradativamente, uma maior importância para a política externa dos Estados Unidos em relação à América Latina no período.

1.1 A política externa estadunidense na América Latina em meio à Guerra Fria

O período que ficou conhecido tanto na historiografia quanto no imaginário popular como “Guerra Fria” pode ser interpretado como a grande consequência geopolítica da Segunda Guerra Mundial. De acordo com Ayerbe (2002, p. 65), o processo de independência de antigas colônias europeias na Ásia e na África criou novas preocupações para a União Soviética e os Estados Unidos, e os acordos políticos realizados em Ialta, em 1945, estabeleceram as bases de um conflito geopolítico, que iniciou, segundo o mesmo: “[...] o período da Guerra Fria, em que os Estados Unidos colocam seu imenso poderio econômico e militar a serviço de objetivos mundiais hegemônicos”.

Após 1945, portanto, desenhou-se o cenário em que o governo dos Estados Unidos atuaria, imerso no período do pós-guerra e em suas consequências geopolíticas. Nesse momento, a política de Estado dos EUA para a América Latina muda, ocorrendo o término da Política da Boa Vizinhança, na qual se priorizava o aspecto econômico de intervencionismo, com a promoção do comércio entre os EUA e os países latino-americanos, que foi lançada pelo governo de Herbert Hoover e que perdurou principalmente entre 1933 e 1945, durante o mandato de Franklin Delano Roosevelt, cessando com as intervenções diretas em países latino-americanos (Santos, 2007, p. 33).

Na conjuntura de polarização global entre os EUA e a União Soviética e o estabelecimento da CIA, presenciou-se o nascimento do anticomunismo como política de Estado, fazendo com que os departamentos, setores e agências governamentais dos EUA, os quais tratavam de assuntos relacionados à América Latina, fossem inseridos nessa política. Assim, a Guatemala, por conta dos eventos que ocorreram depois de 1944, vai ganhando aos poucos um maior destaque no círculo interno do governo estadunidense, que se ocupava com a situação na América Latina.

Em 1947, com a criação do Tratado Interamericano de Assistência Recíproca (TIAR), que demarcava a zona de segurança do hemisfério desde o Polo Norte até a Patagônia, em que os países participantes concordavam em lidar com assuntos internamente antes de os submetem à ONU, qualquer ataque a um integrante significaria um ataque a todos os membros. O TIAR, por conseguinte, instaurou a coletivização da defesa, e de acordo com Moniz Bandeira (2017, n.p.): “[...] os Estados Unidos conseguiram um invólucro jurídico para arregimentar os países do hemisfério, em caso de guerra com a União Soviética [...]”, e também, em 1948, ocorre a fundação da Organização dos Estados Americanos (OEA).

Tanto o TIAR como a OEA representaram na prática o que consistia essa nova conjuntura política, na qual os Estados Unidos observavam a América Latina como um campo de disputa, e que essa organização legitimaria eventuais intervenções, diretas ou indiretas, em

países latino-americanos independentes. O TIAR, principalmente, era a ferramenta que possibilitava o intervencionismo direto através de um esquema de segurança hemisférica, uma vez que fundamentava uma ação conjunta dos países latino-americanos que fossem alvos de agressões externas ou conflitos internos (Vicente, 2014).

A CIA e o Departamento de Estado eram os principais órgãos que dialogavam entre si sobre a situação política, social e econômica da Guatemala; e, em 1947, quando Arévalo aprovou o já mencionado novo código do trabalho, o qual estabeleceu que empresas com mais de 500 funcionários passariam a ser consideradas indústrias, permitindo que os trabalhadores das empresas agrícolas que possuíam 500 ou mais empregados organizassem sindicatos desde que contassem com no mínimo 50 membros, a *United Fruit Company* passou a fazer campanha contra essas políticas de Arévalo no Congresso estadunidense. Com a pressão da UFCo ao lado dessa conjuntura de Guerra Fria, que estabelecia a Doutrina Truman e o novo olhar acerca da América Latina, a CIA, a partir desse momento, ocupa-se em analisar a Guatemala como potencial ameaça a seus interesses políticos e econômicos, por conta de uma possível infiltração comunista no país (Cullather, 2006; Gleijeses, 1991).

1.2 O monitoramento dos EUA na Guatemala entre 1944 e 1952

No começo de 1952, um memorando¹⁵ enviado pelo Chefe da Divisão do Hemisfério Oeste¹⁶ da CIA, Joseph Caldwell King, para o Vice-Diretor de Planos da CIA, Frank G. Wisner, continha o seguinte assunto: “Situação estimada na Guatemala”, no qual se apresentavam informações a respeito das atividades comunistas e anticomunistas locais e a situação política e econômica interna da Guatemala naquele período. O mesmo também mencionava indivíduos¹⁷, exilados politicamente da Guatemala após o governo de Juan José Arévalo, o principal sendo o Coronel Castillo Armas. Nesse primeiro documento, já é possível observar que a CIA e seus membros, dois anos antes da execução do Golpe da Guatemala, já tratavam internamente sobre a situação geral da Guatemala.

¹⁵ Memorandum From the Chief of the Western Hemisphere Division, Central Intelligence Agency (King) to the Deputy Director for Plans, Central Intelligence Agency (Wisner), Washington, May 16, 1954. In: HOLLY, Susan K.; PATTERSON, David S. (orgs.) *Foreign Relations of the United States, 1952-1954: Guatemala*. Washington: Government Printing Office, 2003. Documento 2.

¹⁶ West Hemisphere Division.

¹⁷ O Documento mencionava também o Coronel Arturo Ramirez e o general Miguel Ydígoras Fuentes.

A CIA, embora fundada oficialmente em 18 de setembro de 1947, foi a sucessora do *Office of Strategic Services* (OSS)¹⁸, criado durante a gestão do predecessor de Harry S. Truman, Franklin D. Roosevelt, seis meses depois do ataque Japão ao porto de Pearl Harbor, no Havaí, tendo sido também precedida por outro departamento governamental dedicado à inteligência, o *Office of the Coordinator of Intelligence*¹⁹ (Immerman, 2014, p. 10; Weiner, 2007, p. 24). A criação da CIA teve como seu principal nome Willian J. Donovan, um veterano da Primeira Guerra Mundial que havia lutado nas trincheiras francesas e que, após ter servido na Inglaterra nos anos de 1930, a serviço do presidente Franklin D. Roosevelt, promoveu a ideia de se criar uma instituição semelhante ao *Military Intelligence, Section 6* (MI-6), a agência de inteligência britânica, ocupando o cargo de Coordenador de Informação do OSS. Durante o funcionamento desse setor, Donovan o visualizava com um exército próprio, combatente do comunismo e alimentando a Casa Branca com informações sigilosas (Weiner, 2007, p. 11).

Na OSS, serviriam quatro futuros diretores da CIA, sendo Allen W. Dulles o diretor entre 1953 e 1961, ou seja, participando ativamente da intervenção na Guatemala em 1954. Allen W. Dulles²⁰, após concluir seu mestrado em Princeton, trabalhou na diplomacia estadunidense entre 1916 e 1926 e, antes de retornar ao governo para servir no *Office of Strategic Services* (OSS), trabalhou na firma de advocacia *Sullivan and Cromwell* em Nova York. Durante a Segunda Guerra Mundial, recebeu a medalha de mérito do presidente dos Estados Unidos e, após a fundação da CIA, ocupou o cargo de Vice-Diretor da agência e, logo em sequência, o cargo de diretor (Immerman, 2014).

Alguns veteranos da OSS também foram vice-diretores da CIA. Um deles foi o próprio Frank G. Wisner²¹ que, após ter trabalhado no mercado de advocacia em Nova York, serviu na inteligência naval durante a Segunda Guerra Mundial. Considerado um “anticomunista convicto”, após a fundação da CIA, ele ocupou cargos de destaque até 1962 e, segundo um amigo próximo²², Wisner foi um dos responsáveis pela fundação das operações encobertas realizadas pela CIA, como também um dos homens mais importantes em Washington durante a sua trajetória na Agência Central de Inteligência, que, no documento apresentado, recebe esse parecer sobre a situação geral na Guatemala (Immerman, 2014, p. 10, p. 27).

Quando a CIA é fundada, já se sabia como a CIA funcionaria em diversos aspectos, podendo ser considerada uma continuidade direta da extinta OSS, por conta dos trabalhos

¹⁸ “Escritório de Serviços Estratégicos”; tradução de minha autoria.

¹⁹ “Escritório de Coordenação de Inteligência”; tradução de minha autoria.

²⁰ Disponível em: <https://www.cia.gov/readingroom/docs/CIA-RDP75-00001R000100040116-5.pdf>.

²¹ Disponível em: <https://www.cia.gov/readingroom/docs/CIA-RDP75-00001R000200520015-3.pdf>.

²² Informação apresentada por Immerman, que não aponta o nome desse indivíduo.

realizados pela OSS como sabotagem, negociações secretas, quebra de códigos secretos e criptográficos e “*black propaganda*”, que utiliza a imprensa a favor de seus interesses, com o objetivo de mudar a opinião pública sobre determinado assunto que facilitasse as ações da agência (além disso, já contar com diversos veteranos que faziam parte da OSS). Porém, de acordo com Immerman (2014, p. 11), “[...] desde o começo os esforços de Donovan para consolidar o departamento e fazê-lo igual aos outros serviços militares gerou uma forte oposição geral”²³. A visão de Donovan para esse setor, do qual ele tinha sido o principal advogado, foi, portanto, repleta de oposição por outros departamentos do governo dos Estados Unidos que faziam trabalhos relacionados à inteligência, como o G-2 do Exército, o *Office of Naval Intelligence* (ONI), da Marinha, o Departamento de Estado e também o *Federal Bureau of Investigation* (FBI), que possuía uma área dedicada à inteligência para a América Latina (Immerman, 2014).

Esses departamentos e agências interpretavam a ideia de Donovan, oriunda de uma agência de inteligência autossuficiente militarmente, como uma infringência das suas respectivas autonomias. Porém, em 1945, Franklin D. Roosevelt morre, e quem assume a presidência dos Estados Unidos é Harry S. Truman, que, ao contrário do seu predecessor, não nutria simpatia por Donovan. Além disso, Truman pensava que Donovan, um republicano convicto, seria incapaz de respeitar uma linha tênue entre democracia liberal e um Estado policial. O presidente, então, ordena o encerramento das atividades da OSS no dia 20 de setembro de 1945 (Immerman, 2014, p. 11-12).

Com o fim da OSS, Truman, preocupado com uma relação diplomática cada vez mais deteriorada entre os Estados Unidos e a União Soviética, cria o *Strategic Services Unit* (SSU)²⁴ já em 1945, que se ocuparia de realizar contrainteligência e coleta de inteligência estrangeira, posicionando-o dentro do Departamento de Guerra, com a responsabilidade de submeter-se ao Serviço de Pesquisa e Inteligência Interino do Departamento de Estado. O então presidente realizou essa manobra política interna como uma tentativa de coordenar um sistema de inteligência estrangeira em um quadro existente do governo estadunidense (Immerman, 2014, p. 12).

Enquanto a maior preocupação de Truman era construir um mecanismo forte e consolidado dedicado à inteligência, os próprios departamentos do governo priorizavam seus interesses burocráticos. Essa ideia de criar um mecanismo de inteligência central resultou em um

²³ Ver original: “[...] from the start Donovan’s efforts to ensure the office’s permanency and make it equal to other military services generated heated opposition”; tradução de minha autoria.

²⁴ “Unidade de Serviços Estratégicos”; tradução de minha autoria.

debate entre os Departamentos de Guerra e da Marinha de um lado, e o Departamento de Estado de outro, em que ambos os lados, apesar de serem opositores a um aparato de inteligência autônomo, possuíam visões diferentes do que deveria ser feito (Immerman, 2014, p. 12).

Os Departamentos de Guerra e da Marinha, portanto, propuseram a criação da *National Intelligence Authority* (NIA)²⁵, que assumiria a responsabilidade de planejamento e desenvolvimento de inteligência, e seu instrumento de aplicação seria uma “*Central Intelligence Agency*”²⁶, na qual o seu respectivo diretor seria apontado pelo presidente dos Estados Unidos. Já o Departamento de Estado²⁷ fazia oposição a partes dessa visão, pois, apesar de concordar com a criação da NIA, acreditava que, nesse departamento, apenas o Secretário de Estado poderia controlar o esforço dedicado à inteligência estadunidense (Immerman, 2014, p. 12-13).

Esse controle ocorreria com a classificação do caráter da inteligência e das informações passadas para o presidente. Ademais, também havia uma hesitação por parte do Departamento de Estado de que as forças militares tivessem contato direto com o presidente. Ao longo desse debate, a visão do Departamento de Estado foi sobreposta pela dos Departamentos da Guerra e da Marinha e, em janeiro de 1946, o NIA foi fundado, o qual supervisionaria o *Central Intelligence Group* (CIG)²⁸, e seu diretor ocuparia o cargo de *Director of Central Intelligence* (DCI)²⁹ (Immerman, 2014, p. 13-14).

Oficialmente ativado no dia 8 de fevereiro de 1946, em Washington, D.C., o CIG era composto de duas partes principais: o *Central Planning Staff*³⁰, responsável por coordenar as atividades de inteligência; e o *Central Reports Staff*³¹, que produziria uma política nacional de inteligência. O *Central Reports Staff* produziria inteligência nacional, porém tinha como foco produzir inteligência atual. Isso rivalizava com o Departamento de Estado e seu respectivo secretário, segundo o qual a função de informar o presidente com inteligência atual caberia ao seu departamento. Em 1946, com a indicação de um novo DCI³², foi quando se observou uma mudança no caráter da CIG na busca de ser uma instituição independente, já que, na época, ainda estava submetida ao NIA e aos Departamentos de Guerra, da Marinha e do Estado, não podendo negociar diretamente com o Congresso (Immerman, 2014, p. 14-16).

²⁵ “Autoridade Nacional de Inteligência”; tradução de minha autoria.

²⁶ “Agência Central de Inteligência”; tradução de minha autoria.

²⁷ O Departamento era apoiado pelo Bureau of the Budget, que tratava do orçamento destinado ao Departamento de Estado e pelo Departamento de Justiça, onde se abrigava o Federal Bureau of Investigation (FBI).

²⁸ “Grupo Central de Inteligência”; tradução de minha autoria.

²⁹ “Diretor de Inteligência Central”; tradução de minha autoria.

³⁰ “Equipe de Planejamento Central”; tradução de minha autoria.

³¹ “Equipe de Relatório Central”; tradução de minha autoria.

³² General Hoyt Vandenberg.

A partir desse momento, se realiza diversas mudanças para que o CIG exercesse suas funções com maior independência, transferindo, assim, as responsabilidades do SSU, que pertencia ao Departamento de Guerra dos Estados Unidos, seus funcionários, ativos e estações para o *Office of Special Operations* (OSO)³³, colocando-o para operar sob a tutela do CIG, atribuindo-lhe as responsabilidades do SSU, ocupando-se da espionagem e da contraespionagem no exterior³⁴. No dia 26 de fevereiro de 1947, Truman submeteu ao Congresso o *National Security Act*³⁵, criando-se assim o *National Security Council* (NSC)³⁶, que seria composto pelo presidente, seu vice e os secretários de Estado e da Defesa. O NIA foi abolido e o CIG foi então renomeado como *Central Intelligence Agency* (CIA)³⁷, onde, apesar de o presidente continuar nomeando seu diretor, seria necessária a aprovação do senado para que o escolhido fosse efetivado no cargo de DCI (Immerman, 2014, p. 16, p. 19).

A fundação da CIA, então, ocorreu já em meio a disputas de interesses burocráticos entre diferentes departamentos e agências do governo norte-americano. O que ocorreu a partir de 1947 foi o lançamento da Doutrina da Contenção e da Doutrina Truman, que viria a servir como ponto principal entre a relação dos Estados Unidos com o resto do globo terrestre. Foi através da implementação da Doutrina Truman, que priorizava a contenção do comunismo, que a América Latina ganhou destaque nas conversas internas do governo dos EUA (Munhoz, 2020; Santos, 2007). Apesar de que, desde 1946, já se investigava sem grandes pretensões a situação do comunismo na Guatemala, primeiramente através do FBI e depois por meio do CIG. Antes da eleição de Jacobo Árbenz na Guatemala, os agentes estadunidenses da CIA pouco sabiam da situação no pequeno país localizado na América Central. No entanto, em meio a essa política de Estado para o estrangeiro, o que a CIA interpretou foram claros sinais de uma ameaça aos interesses estadunidenses. Quando a Guatemala foi objeto de análise da agência de inteligência, os acontecimentos das décadas de 1940 e 1950 foram tratados exclusivamente a partir de um contexto geopolítico global de contenção do comunismo, não local, onde se levaria a própria história da Guatemala em consideração para analisar sua corrente situação (Cullather, 2006, p. 8).

Em janeiro de 1951, o cargo mais alto e de maior importância da Agência Central de Inteligência os Estados Unidos era o de Diretor, seguido pelos vice-diretores, sendo eles: Vi-

³³ “Escritório de Operações Especiais”; tradução de minha autoria.

³⁴ The Founding of the Office of Special Operations (U). Michael Warner; Kevin C. Ruffler. Washington: CENTRAL INTELLIGENCE AGENCY, 2000. Disponível em: <https://www.cia.gov/readingroom/docs/the%20founding%20of%20the%20offic%5B15495255%5D.pdf>.

³⁵ “Ato de Segurança Nacional”; tradução de minha autoria.

³⁶ “Conselho de Segurança Nacional”; tradução de minha autoria.

³⁷ “Agência Central de Inteligência”; tradução de minha autoria.

ce-Diretor de Inteligência Central, Vice-Diretor de Planos e Vice-Diretor de Administração. O que se pode observar nessa hierarquia da CIA é que, desde a sua fundação em 1947, ocorreram, até 1954, diversas mudanças internas a respeito de sua organização e de seus departamentos e funções³⁸. A estrutura da CIA, como se pode concluir, não permaneceu estável e sem mudanças desde o seu nascimento: cargos foram criados, outros foram extintos, porém o caráter hierárquico sempre se manteve com o DCI sendo a figura máxima da agência, e o Vice-Diretor de Planos, um “*Chief of Operations*”³⁹.

Quando se compreende que na CIA, internamente, certos departamentos eram de responsabilidade de determinados cargos, e que dentro desses departamentos havia novas hierarquizações, observa-se, com isso, que a CIA possuía uma estrutura complexa, na qual cada cargo e departamento tinha sua função predeterminada e inserida em uma cadeia de comando e comunicação, tanto vertical quanto horizontalmente. No caso do monitoramento e análise da situação da Guatemala entre 1952 e 1954, a divisão da CIA responsável por esse trabalho foi a Divisão do Hemisfério Oeste, uma divisão que fazia parte do *Directorate of Plans*⁴⁰, departamento de operações clandestinas da CIA.

Esse departamento reuniu, o já citado OSO (*Office of Special Operations*) e o *Office of Special Projects*⁴¹ (OSP), que fora fundado em 1948 sob a tutela da CIA, mas que se reportava especialmente aos secretários de Estado e de Defesa, agindo na maior parte do tempo de forma independente. Assim, o OSO ocupava-se da inteligência, enquanto o OSP, que após a indicação de Frank G. Wisner para diretor, mudou de nome para *Office of Policy Coordination*⁴² (OPC), com o intuito de ocultar a verdadeira missão do OPC, priorizava a realização de ações encobertas, mais conhecidas como “*covert operations*”. Portanto, nessa junção, o *Directorate of Plans* era o responsável pelas ações clandestinas da CIA (Immerman, 2014; Weiner, 2007).

O FBI já havia se interessado pela situação da Guatemala em 1946 e feito dossiês sobre as figuras de José Manuel Fortuny, líder do Partido Guatemalteco do Trabalho até 1947, e sobre Victor Manuel Gutiérrez, líder da *Confederación General de Trabajadores de Guate-*

³⁸ Essas informações foram coletadas através dos seguintes documentos disponibilizados pela CIA:

- Organizational History of Central Intelligence Agency, 1950-1953. Washington: Central Intelligence Agency, 1953. Disponível em: <https://www.cia.gov/readingroom/docs/CIA-RDP64-00654A000200070001-3.pdf>;

- Office of the Deputy Director (Plans). Washington: Central Intelligence Agency, 1953. Disponível em: <https://www.cia.gov/readingroom/docs/CIA-RDP84-00022R000400190053-3.pdf>.

³⁹ “Chefe de Operações”; tradução de minha autoria.

⁴⁰ “Diretorado de Planos”; tradução de minha autoria.

⁴¹ “Escritório de Projetos Especiais”; tradução de minha autoria.

⁴² “Escritório de Coordenação de Políticas”; tradução de minha autoria.

*mala*⁴³, ambos os quais seriam de grande importância para as políticas tomadas por Árbenz durante o seu mandato; e também para a formação do seu pensamento político acerca de diversos temas presentes na sociedade guatemalteca daquela época, no mesmo período em que ocorre a transição de certas funções anteriormente cabidas ao FBI para a recém-fundada CIA em 1947 (Cullather, 2006).

Nesse primeiro momento da CIA, as maiores preocupações que constituíam o trabalho de inteligência externa seguiam uma linha contínua de tarefas do que já era realizado no FBI. O foco de monitoramento da agência eram os movimentos e atividades peronistas e comunistas no território latino-americano, cenário no qual a Guatemala não se destacava, e assim permanecia como um tópico de prioridade baixa se comparada a outros locais, tanto na América Latina como no resto do mundo. Apesar disso, em 1949, já havia um discurso interno entre a embaixada estadunidense na Guatemala e o Departamento de Estado a respeito dos programas sociais; em especial, o de alfabetização da população guatemalteca, que a administração de Arévalo havia posto em prática, interpretando esses atos como sinais de uma intervenção comunista no país (Cullather, 2006, p. 15; Schoultz, 2000, p. 375).

Após o estabelecimento do ambiente geopolítico da Guerra Fria, a implantação da Doutrina Truman e a criação da CIA, a agência de inteligência e o Departamento de Estado realizaram novas análises da situação política guatemalteca; dessa vez, identificando um movimento comunista no país, o que levou ao pedido, por parte do Departamento de Estado dos EUA, de remoção e supervisão de certos indivíduos ligados ao movimento operário e ao PAR (Partido Ação Revolucionária), que fora negado pelo governo guatemalteco. Isso levou oficiais da embaixada dos Estados Unidos na Guatemala a informarem ao Departamento de Estado sobre o nacionalismo existente na Guatemala e sobre como os comunistas estariam utilizando esse espírito nacionalista em favor de seus próprios interesses (Cullather, 2006, p. 15-16).

A partir de 1950, antes da eleição de Jacobo Árbenz, o governo dos Estados Unidos já observava a Guatemala com um olhar diferente do de 1946, quando o FBI realizou dossiês sobre alguns indivíduos guatemaltecos. Agora, devido à conjuntura geopolítica, com o aparato da CIA estabelecido e a política anticomunista em voga e a situação da *United Fruit Company*, já se percebia a Guatemala como um país a ser observado e monitorado. Em 1950, ou seja, um ano antes da eleição de Árbenz, a figura de Castillo Armas já havia sido identificada e analisada pela Agência Central de Inteligência dos EUA, durante o período em que Armas cumpria seu exílio em Honduras, que já durava desde 1949 (Cullather, 2006; Gleijeses, 1991).

⁴³ Essas informações a respeito dos indivíduos que são citados nos documentos aqui analisados foram consultadas no índice disponível na edição de 2003 do *Foreign Relations of the United States*.

Após a tentativa fracassada de um golpe de Estado comandado por Arana, a quem era subordinado, que resultou na prisão Armas por um breve período, ele foi preso novamente em agosto de 1950 por planejar um novo golpe contra Arévalo, atacando uma base militar na Cidade da Guatemala, que fracassou. Porém, devido ao pagamento de subornos, Armas conseguiu realizar a fuga do presídio onde cumpria sua pena, indo diretamente para a embaixada da Colômbia, resultando em sua ida para Bogotá, depois se estabelecendo em Honduras (Cullather, 2006, p. 12-13; Gleijeses, 1991, p. 82-83, p. 219).

Entre 1950 e 1952, os eventos já referidos anteriormente, como a eleição de Árbenz, as reformas políticas e sociais, a promulgação do Decreto nº 900 (que legislava sobre a reforma agrária no país), e a legalização do partido que agregava os comunistas da Guatemala, o PGT – Partido Guatemalteco do Trabalho, em dezembro de 1952 (Cullather, 2006, p. 129), foram gradativamente fundamentais para o governo norte-americano iniciar a preparação de um golpe de Estado que viria a acontecer somente em 1954.

A administração de Árbenz, de acordo com Gleijeses (1991, p. 134), foi contra as expectativas e esperanças que o governo Truman possuía no tocante ao governo de Árbenz. Isso demonstra que, apesar da Guatemala ter se tornado, após 1947, um país monitorado pela Agência Central de Inteligência (CIA) dos Estados Unidos, principalmente pelo movimento nacionalista que colidia com os interesses da UFCo, como também pela geopolítica do período, a identificação de comunistas trazia a ideia de que a nação pudesse se tornar um eventual local parceiro da União Soviética, até mesmo pela sua localização, na fronteira com o México. Nesse contexto, com o início das políticas sociais e econômicas de Árbenz, a CIA e o Departamento de Estado passaram a observar cautelosamente a situação da Guatemala e seus movimentos internos.

1.3 A operação PBFORTUNE

No dia 11 de janeiro de 1952, no já mencionado memorando enviado pelo Chefe da Divisão do Hemisfério Oeste da CIA, Joseph Caldwell King, para o Vice-Diretor de Planos da CIA, Frank G. Wisner, trataram-se diversos aspectos da situação interna na Guatemala. J.C. King⁴⁴ formou-se em 1923 na academia militar, porém passou a se ocupar em função da empresa farmacêutica *Johnson & Johnson*, em tarefas dedicadas à Argentina e ao Brasil. Foi

⁴⁴ Disponível em: https://www.cia.gov/readingroom/docs/DOC_0005642324.pdf.

somente na década de 1940 que ele entrou em atividade no Exército, servindo como assistente de um militar *attaché*, ou seja, em serviço externo, em Buenos Aires, na Argentina.

No documento em questão, J.C. King argumenta que: “Os comunistas continuam a ser muito ativos na Guatemala e continuam a receber apoio do governo”⁴⁵. Ele também discorre sobre a existência de um cenário possível em que uma revolta contra Árbenz aconteceria, caso as forças opositoras de Jacobo Árbenz, sendo o principal movimento capitaneado por Castillo Armas, fossem reunidas. Pode-se, assim, compreender que os agentes da CIA, ocupados com o monitoramento da situação na Guatemala, já possuíam conhecimento da situação do país e dos grupos de oposição ao governo de Árbenz.

Dois meses depois, em março de 1952, foi publicado um documento⁴⁶ do tipo “*National Intelligence Estimate*”⁴⁷, com o título de “Presente situação política na Guatemala e possíveis desenvolvimentos durante 1952”⁴⁸. Essa NIE, portanto, aborda diversos temas, começando o documento com foco na administração de Árbenz, atribuindo-lhe a característica de “oportunista” e tratando seu governo como um “acidente histórico”, ao colocar na figura de Francisco Arana o papel de líder da Revolução de 1944, e também que foi a sua morte que alçou Árbenz à presidência da Guatemala nas eleições de 1950.

Após isso, o documento discorre sobre a força e influência comunista no país, o potencial do anticomunismo interno e as principais forças anticomunistas da Guatemala, sendo elas: a Igreja Católica, os donos de terra e empresários, o sindicato dos trabalhadores ferroviários, uma grande parcela de estudantes universitários e certas figuras de liderança no sindicato dos professores; e, por fim, o Exército, o qual, segundo o documento, embora leal a Árbenz e à Revolução de 1944, provavelmente estava preparado para prevenir que os comunistas tomassem o poder na Guatemala.

Da mesma forma, é mencionada ali a situação da *United Fruit Company* no país, concluindo-se o documento com os possíveis desdobramentos durante o ano de 1952 na Guate-

⁴⁵ Ver original: “The Communists continue to be very active in Guatemala and continue to receive government support”; tradução de minha autoria.

⁴⁶ National Intelligence Estimate, Washington, March 11, 1952. In: HOLLY, Susan K.; PATTERSON, David S. (orgs.) *Foreign Relations of the United States, 1952-1954: Guatemala*. Washington: Government Printing Office, 2003. Documento 6.

⁴⁷ Esse formato de documento, comumente abreviado para NIE, é mais elaborado em seu conteúdo, não sendo um meio de comunicação direto, ou seja, de um departamento, setor ou agência para outro, mas sim um material concebido por diversas agências através do Intelligence Advisory Committee (IAC), depois discutidos pelo Office of National Estimates e pela CIA e então aprovados pelo IAC. O NIE pode ser interpretado como um “resumo” das informações que foram coletadas sobre determinado assunto; nesse caso, sendo a situação política e social da Guatemala, também contando com os possíveis desenvolvimentos que poderiam ocorrer durante o ano de 1952.

⁴⁸ Ver original: “Present political situation in Guatemala and possible developments during 1952”; tradução de minha autoria.

mala, que tem como primeiro ponto a relação entre o governo guatemalteco e a UFCo, pois, de acordo com o mesmo documento, os possíveis desenvolvimentos dependem dessa relação conflituosa. Outra questão a se destacar é que, se os comunistas tentassem tomar o poder em 1952, provavelmente seriam impedidos pelo Exército guatemalteco; e assim, tentariam subverter ou neutralizar o Exército para reduzir sua capacidade e evitar que os militares tomassem o poder.

Em março, o *Acting Chief*⁴⁹, da Divisão do Hemisfério Oeste, comunica⁵⁰ para o Vice-Diretor da CIA, Richard Helms, sobre uma eventual ação direta da agência na Guatemala: “Se o governo guatemalteco não cair por si só, é concebível que mais medidas diretas se tornarão necessárias, e o planejamento para tal emergência irá proceder.”⁵¹ Encontra-se, ainda nesse documento, um anexo contendo um perfil do Coronel Castillo Armas, descrevendo sua personalidade, seu currículo educacional e carreira militar, e um breve resumo de sua história de oposição ao governo de Arévalo e Árbenz, abordando, inclusive, sua fuga da penitenciária nacional. Nos finais de março, conforme consta em um telegrama⁵² da CIA, ele deveria ser contatado, o que demonstra que, em 1952, Castillo Armas já era visto pela CIA como uma figura importante na oposição a Árbenz.

Em abril, Stuart Hedden⁵³, inspetor geral da CIA entre 1952 e 1953⁵⁴, encontrou-se⁵⁵ com um lobista⁵⁶ da UFCo, que, segundo Cullather (2006, p. 16), além de ser o principal condutor entre a companhia e as fontes do poder, ou seja, o governo estadunidense, era bem relacionado dentro dele. No mesmo mês, o então presidente da Nicarágua, Anastasio Somoza, reuniu-se em Washington com oficiais do Departamento de Estado dos EUA, para os quais foi dito que, se fosse provido armamento, ele e Castillo Armas “tomariam conta de Árbenz” (Cullather, 2006, p. 28). Immerman (2004) complementa que Somoza, também conhecido como

⁴⁹ Nesse caso, o cargo de “*Acting Chief*” pode ser traduzido como ‘Chefe Interino’, não contendo no documento quem ocupava essa função naquele período.

⁵⁰ Memorandum From the Acting Chief of the Western Hemisphere Division, Central Intelligence Agency [name not declassified] to the Deputy Director of Central Intelligence (Helms), Washington, March 17, 1952. In: HOLLY, Susan K.; PATTERSON, David S. (orgs.) *Foreign Relations of the United States, 1952-1954: Guatemala*. Washington: Government Printing Office, 2003. Documento 7.

⁵¹ Ver original: “If the Guatemalan Government does not fall of its own weight it is conceivable that more direct measures may eventually become necessary, and planning for such an emergency will proceed.”; tradução de minha autoria.

⁵² Telegram From the Central Intelligence Agency to the CIA Station in [place not declassified], Washington, March 22, 1952. In: HOLLY, Susan K.; PATTERSON, David S. (orgs.) *Foreign Relations of the United States, 1952-1954: Guatemala*. Washington: Government Printing Office, 2003. Documento 8.

⁵³ Embora o nome Stuart Hedden não conste no fim do documento, encontram-se ali suas iniciais, S.H.

⁵⁴ Informação encontrada no seguinte link: <https://www.maryferrell.org/search.html?q=Hedden&docid=144513>.

⁵⁵ Memorandum for the Record, Washington, April 16, 1952. In: HOLLY, Susan K.; PATTERSON, David S. (orgs.) *Foreign Relations of the United States, 1952-1954: Guatemala*. Washington: Government Printing Office, 2003. Documento 9.

⁵⁶ Thomas Corcoran.

Tacho, reuniu-se com Truman, o Secretário de Estado Dean Acheson, o Secretário de Defesa⁵⁷ e seus assistentes⁵⁸, para discutir o auxílio dos Estados Unidos na deposição de Árbenz. Acheson⁵⁹ formou-se pela Universidade de Yale e, em sequência, pela *Harvard Law School*, adentrando no Departamento de Estado em 1941, sendo indicado, em 1949, ao cargo de Secretário de Estado por Truman.

Até a reforma agrária ser aprovada no dia 17 de junho de 1952 e transformada em lei pelo Decreto nº 900, seu processo de criação fora monitorado pelo governo estadunidense, que já se preocupava com a situação política da Guatemala e sua possível inclinação ao comunismo. A reforma em questão iniciou-se nos fins de 1951, e foi um produto de Jacobo Árbenz, aliado aos membros do partido comunista da Guatemala, como também ao secretário geral da *Confederación Nacional Campesina de Guatemala* (CNCG), a principal confederação campesina do país. Essas participações, em meio à constituição dessa lei, contribuíram para os oficiais do governo estadunidense acreditarem que ela permitiria uma maior infiltração da “influência comunista” na Guatemala.

Um mês depois, em julho, um memorando⁶⁰, repercutindo a implementação da reforma agrária, foi enviado para Frank G. Wisner, segundo o qual era iminente uma revolta contra Árbenz, que seria capitaneada por Castillo Armas; e, além disso, nesse momento, nos círculos internos da CIA, houve menção à necessidade do apoio governamental estadunidense para esse movimento de oposição, bem como recomendações para auxiliar esse movimento opo- sitor a Árbenz com armamento e equipamentos, de modo que o apoio financeiro de 225 mil dólares foram repassados.

De acordo com Cullather (2006, p. 29), os funcionários da CIA procuraram a permissão do Departamento de Estado no começo de julho, antes de prosseguir com o auxílio para os opositores de Árbenz. Segundo ele, o Vice-Diretor da CIA, Allen W. Dulles, encontrou-se com o Secretário Assistente de Estado para Assuntos Interamericanos⁶¹, Edward G. Miller, e também com o Vice-Secretário Assistente de Estado para Assuntos Interamericanos⁶², Thomas C. Mann. Nessa ocasião foi dito que se desejava um novo governo na Guatemala, mas

⁵⁷ Robert Lovett.

⁵⁸ Um dos assistentes foi o General Harry Vaughan, e o outro assistente, segundo Immerman, pode ter sido um indivíduo chamado Marrow.

⁵⁹ Disponível em: <https://history.state.gov/departmenthistory/people/acheson-dean-gooderham>.

⁶⁰ Memorandum From (name not declassified) of the Western Hemisphere Division, Central Intelligence Agency to the Deputy Director for Plans of the Central Intelligence Agency (Wisner), Washington, Washington, July 9, 1952. In: HOLLY, Susan K.; PATTERSON, David S. (orgs.) *Foreign Relations of the United States, 1952-1954: Guatemala*. Washington: Government Printing Office, 2003. Documento 12.

⁶¹ *Assistant Secretary of State for Inter-American Affairs*.

⁶² *Deputy Assistant Secretary of State for Inter-American Affairs*.

que, segundo o mesmo autor, Dulles não obteve uma resposta direta sobre a permissão para uma participação da CIA na deposição de Árbenz, o que foi interpretado por ele como uma aprovação para tal missão. Entretanto, o diretor da CIA, Walter Bedell Smith, não satisfeito com a situação, contactou o Subsecretário de Estado, David Bruce, que deu o aval para o início da operação intitulada PBFORTUNE, assinada no dia 9 de setembro. Smith⁶³, após ter se tornado uma figura de grande renome no Exército após a Segunda Guerra Mundial, foi indicado ao cargo de diretor da CIA por Truman. Immerman (2004, p. 121), salienta que apesar de Truman não possuir uma relação de proximidade com a realização de ações encobertas, o mesmo deve ter se convencido pela simplicidade com que a operação proposta por Somoza ocorreria.

Nos momentos finais de setembro, o embaixador dos Estados Unidos na Guatemala, Rudolf E. Schoenfeld, relata uma reunião⁶⁴ ocorrida entre ele e o presidente da Guatemala, Jacobo Árbenz, na qual diversos assuntos foram discutidos; porém destacou-se a percepção estadunidense, tanto na imprensa quanto no Congresso, de uma infiltração comunista na Guatemala. Schoenfeld⁶⁵ serviu, desde 1915, no serviço estrangeiro dos Estados Unidos e, durante a Segunda Guerra Mundial, serviu em Londres, sendo em sequência enviado para ser embaixador na Romênia entre 1945 e 1950; logo após, passou a ocupar o cargo de embaixador estadunidense na Guatemala.

O embaixador em questão escreve: “O Presidente Árbenz me disse que ele pensava que a imprensa americana havia pintado uma falsa imagem da Guatemala. Uma que dava a impressão de que o governo guatemalteco era comunista. Como eu sabia, ele não era comunista.”⁶⁶ Pode-se observar que, enquanto a CIA estava em meio a uma operação para retirar Árbenz do governo guatemalteco, o embaixador estadunidense na Guatemala afirmava que o país não era comunista, e ainda dialogava com Árbenz a respeito da visão estadunidense da situação política guatemalteca. Isso demonstra que havia discordâncias no círculo interno do governo Truman em relação à administração de Árbenz, e que a mesma apresentava uma ameaça tão concreta para a qual seria necessária uma forte ação direta (Cullather, 2006, p. 27).

⁶³ Disponível em: <https://www.cia.gov/readingroom/docs/CIA-RDP99-00418R000100320002-5.pdf>.

⁶⁴ Memorandum of Conversation, by the Ambassador in Guatemala (Schoenfeld), Guatemala City, September 25, 1952. In: KANE, N. Stephen; SANFORD Jr., William F. (orgs.) *Foreign Relations of the United States, 1952-1954. The American Republics*. Washington: Government Printing Office, 1983, p. 1039-1041.

⁶⁵ Disponível em: <https://www.nytimes.com/1981/04/19/obituaries/rudolf-schoenfeld-ambassador-to-3-nations-for-us-dies-at-86.html>.

⁶⁶ Ver original: “President Árbenz said he thought the American press had painted a false picture of Guatemala. It gave the impression that the Guatemalan Government was Communist. As I knew, it was not Communist.”; tradução de minha autoria.

Após a aprovação da operação PBFORTUNE, J.C. King adquiriu um carregamento de armamentos contrabandeados confiscado pelas autoridades responsáveis pelos portos em Nova York, o qual continha 250 rifles, 380 pistolas, 64 metralhadoras e 4.500 granadas. Após serem embaladas como se fossem maquinário agrícola, elas saíram do porto de Nova Orleans, no começo de outubro, rumo à Nicarágua em um navio cargueiro da UFCo (Cullather, 2006, p. 29-30; Immerman, 2004, p. 121). Já no Departamento de Estado dos Estados Unidos, foi enviado, no começo de outubro, um memorando⁶⁷ de Thomas C. Mann para o Secretário de Estado Dean Acheson, dizendo que Somoza: “[...] Ganhou uma impressão, equivocada, no entanto, de que uma ação militar direcionada para retirar o atual governo guatemalteco teria a benção dos Estados Unidos.”⁶⁸

Ainda, de acordo com o documento acima, Miller e Mann, em ocasiões distintas, disseram ao embaixador da Nicarágua nos Estados Unidos⁶⁹, que os EUA não perdoariam uma invasão militar contra um de seus vizinhos, sendo apontado que a não agressão era um dos pontos principais do sistema interamericano. Foi dito ao embaixador que os EUA estariam preocupados com a “[...] a influência comunista no governo guatemalteco, e que seria mais apropriado realizar uma abordagem a esse problema por meio da ODECA (Organização dos Estados Centro-Americanos), ou, se não for possível, através dos procedimentos regulares estabilizados da OEA, se praticável.”⁷⁰

Apesar de a CIA estar planejando e auxiliando Castillo Armas, conforme esse memorando, os mesmos Miller e Mann, pertencentes ao Departamento de Estado, que se encontraram com Allen W. Dulles, estariam negando que os Estados Unidos auxiliassem na deposição de Árbenz, também contradizendo o fato sobre o aval dado do Vice-Secretário de Estado, David Bruce, para Walter Bedell Smith, para prosseguir com a operação para retirar Árbenz do poder na Guatemala.

Assim, entrando o mês de outubro, havia uma grande dissidência de opiniões em diversos ambientes governamentais dos Estados Unidos. Nicholas Cullather (2006, p. 30-31), argumenta que Acheson, a figura principal do Departamento de Estado, temia que uma opera-

⁶⁷ Memorandum by the Deputy Assistant Secretary of State for Inter-American Affairs (Mann) to the Secretary of State. Washington, October 3, 1952. In: KANE, N. Stephen; SANFORD Jr., William F. (orgs.) *Foreign Relations of the United States, 1952–1954. The American Republics*. Washington: Government Printing Office, 1983, p. 1041-1043.

⁶⁸ Ver original: “[...] has gained the impression, however mistakenly, that a military venture directed at the overthrow of the present Guatemalan Government would have the blessing of the United States.”; tradução de minha autoria.

⁶⁹ Sevilla Sacasa.

⁷⁰ Ver original: “[...] communist influence in the Guatemalan Government and that it might be more appropriate to approach that problem through ODECA (Organization of Central American States) or, if that were not possible, through the regularly established procedures of the OAS, if practicable.”; tradução de minha autoria.

ção falha desse tipo pudesse destruir os restos remanescentes da Política da Boa Vizinhança de Roosevelt, e que os Estados Unidos haviam prometido não intervir nos assuntos internos dos países latino-americanos, e também que a invasão a um país membro da OEA, por conta da expropriação de uma empresa estadunidense, poderia atrasar a política externa dos Estados Unidos da América.

A intervenção na Guatemala por parte dos Estados Unidos estava prosseguindo, mas também havia uma forte dúvida no círculo interno do governo norte-americano sobre tal ação direta num país latino-americano independente, principalmente no Departamento de Estado. Conforme Immerman (2004), Miller, o qual não sabia que Truman havia concordado com o plano, foi contatado pelo filho de Somoza para saber a respeito do carregamento; e, alguns dias depois, recebeu um pedido de autorização da divisão de munição do departamento.

Após isso, foi acompanhado de David Bruce e do Vice-Subsecretário do Departamento de Estado⁷¹, para se encontrar com Acheson⁷², que, por sua vez, reuniu-se com Truman, provavelmente na tentativa de o convencer a cancelar a operação (Gleijeses, 1991, p. 231). Por conta desses fatores, no dia 8 de outubro de 1952, Acheson convocou Walter Bedell Smith para cancelar a operação PBFORTUNE, e, no mesmo dia, a CIA em um *report*⁷³ concluiu, no dia 8 de outubro, que o “[...] Estado para o *show*”⁷⁴.

Às 16 horas do dia 8 de outubro, uma reunião ocorreu no Departamento de Estado, na qual estavam presentes David Bruce, Edward G. Miller e Thomas C. Mann, além de Frank G. Wisner e J.C. King⁷⁵. Segundo esse memorando⁷⁶, produzido pela CIA, no qual se relata a reunião, foi dito que Wisner, em nome do DCI, argumentou que a agência entendeu que o Departamento de Estado havia aprovado que a CIA enviasse equipamentos para um determinado grupo, o qual estava planejando o uso da violência contra um determinado governo. David Bruce frisou que: “[...] O Departamento aprova muitas atividades que a agência realiza no mundo todo e não gosta de ser chamado de obstrucionista, mas, no presente caso, como foi chamado para aprovar uma exportação, é forçado a afirmar que desaprova todo o acordo”⁷⁷; e

⁷¹ H. Freeman Matthews.

⁷² Immerman (2004) argumenta que Dean Acheson pode ter ficado à margem da operação PBFORTUNE.

⁷³ Report. Washington, October 8, 1952. In: HOLLY, Susan K.; PATTERSON, David S. (orgs.) *Foreign Relations of the United States, 1952-1954: Guatemala*. Washington: Government Printing Office, 2003. Documento 20.

⁷⁴ Ver original: “[...] States stops the show.”; tradução de minha autoria.

⁷⁵ Mais H. Freeman Matthews e Robert P. Joyce, membros do Departamento de Estado, e dois indivíduos não identificados que pertenciam à CIA.

⁷⁶ Memorandum for the Record, Washington, October 8, 1952, 4 p.m. In: HOLLY, Susan K.; PATTERSON, David S. (orgs.) *Foreign Relations of the United States, 1952-1954: Guatemala*. Washington: Government Printing Office, 2003. Documento 23.

⁷⁷ Ver original: “[...] the Department approves of many of the activities which the Agency is carrying out throughout the world and does not like to be called obstructionist, but in the present case, as it has been called

também foi dito que o Departamento de Estado não levantaria nenhuma objeção em relação ao auxílio monetário que a CIA realizava sem a aprovação do departamento.

Às 22 horas do mesmo dia, uma nova reunião⁷⁸ aconteceu, relatada em um novo memorando⁷⁹. Nele, apresenta-se que a operação foi cancelada devido à indiscrição do filho de Anastasio Somoza, ao perguntar a Miller onde estava o maquinário, e dos embaixadores da Nicarágua e da República Dominicana, os quais perguntaram a Thomas Mann sobre o mesmo assunto. King diz que: “Isso confirmou a nossa crença de que nenhum latino-americano pode ser confiado para manter sua boca fechada”⁸⁰.

Esses documentos expedidos no dia 8 de outubro de 1952 demonstram que a CIA e o Departamento de Estado, por mais que houvesse comunicação entre eles, estavam em constante desacordo em relação a uma intervenção na Guatemala, e que Somoza não tinha conhecimento das desavenças internas entre o Departamento de Estado e a CIA. É a partir desse momento que a operação é cancelada formalmente, e a CIA ainda continua tendo o governo de Árbenz como um alvo. Ao final do memorando, passa-se a pensar em novas soluções para enviar o armamento através de Nova Orleans para Castillo Armas, contrariando assim o Departamento de Estado.

Um dia após o cancelamento por parte do Departamento de Estado da operação da CIA que estava em curso, no dia 9 de outubro de 1952, às 9 horas da manhã, uma reunião⁸¹ foi realizada no escritório do DCI Walter Bedell Smith, estando presentes ele e J.C. King⁸². Nesse encontro, Smith ratificou que a operação estava cancelada, mas que a agência possuía responsabilidades com os indivíduos que estavam em campo e que haviam se comprometido com a operação. Ele ainda discorreu que a CIA era uma agência executiva, a qual meramente carregava as políticas do Departamento de Estado e do Departamento de Defesa.

O outro integrante da reunião argumentou que o Departamento de Estado, em breve, poderia mudar de ideia por conta do que poderia acontecer na região do Caribe, o que foi concordado por Smith. Após isso, tratou-se sobre como deveria ser enviado o armamento a Cas-

upon to approve an export permit, it is forced to state that it disapproves of the entire deal.”; tradução de minha autoria.

⁷⁸ Não se tem conhecimento de onde isso ocorreu, e dos três participantes mencionados, o único do qual se encontra o nome é J.C. King, mas sob o pseudônimo de K., que também é o autor do memorando.

⁷⁹ Memorandum for the Record, Washington, October 8, 1952, 10 p.m. In: HOLLY, Susan K.; PATTERSON, David S. (orgs.) *Foreign Relations of the United States, 1952-1954: Guatemala*. Washington: Government Printing Office, 2003. Documento 24.

⁸⁰ Ver original: “This confirmed our general belief that no Latin American can be trusted to keep his mouth shut.”; tradução de minha autoria.

⁸¹ Memorandum for the Record, Washington, October 9, 1952, 9 a.m. In: HOLLY, Susan K.; PATTERSON, David S. (orgs.) *Foreign Relations of the United States, 1952-1954: Guatemala*. Washington: Government Printing Office, 2003. Documento 25.

⁸² Mais um funcionário da CIA que não fora identificado.

tillo Armas, caso a operação não fosse cancelada, e J.C. King argumentou que esse envio poderia ser feito para outro local e destinatário sob o total comando da agência.

Em seguida, Smith telefonou para David Bruce, que, segundo o referido documento, não realizou nenhuma objeção, o que resultou na aprovação de Smith para J.C. King, a fim de que o carregamento fosse enviado para um lugar se o mesmo fosse seguro, e também se fosse verdade que existiam autorizações para tal manobra. Portanto, o armamento, já em trânsito para o seu destino original, foi redirecionado até um local estabelecido na Zona do Canal do Panamá, com o intuito de lá permanecer caso a operação fosse retomada, pois, entre 1952 e 1953, não estava ativa nem desativada, fornecendo 3 mil dólares semanais para Castillo Armas manter uma força de tamanho reduzido (Cullather, 2006; Immerman, 2004).

No dia 10 de outubro, uma mensagem que deveria ser encaminhada por Karl⁸³ para Rufus, pseudônimo do Coronel Castillo Armas, é relatada em um memorando⁸⁴ redigido por J.C. King. A mensagem informa que o carregamento fora enviado para um novo local, e que muitos funcionários do governo estadunidense eram simpáticos ao movimento de Armas (mas que a política governamental era baseada nos acordos internacionais que forçaram o governo estadunidense a tomar essa decisão, e que a CIA estava considerando qual será o próximo passo). Também, no mesmo dia, um *report*⁸⁵ com o título de *Central Intelligence Agency Information Report*⁸⁶, tratando sobre a orientação política pessoal de Jacobo Árbenz e a possibilidade de um golpe da esquerda, foi produzido.

O autor do referido documento aponta que Árbenz possuía uma maior aproximação com a política dos EUA do que com o comunismo soviético, e que ele acreditava estar usando os comunistas para sua vantagem, e não o contrário. Argumenta, também, que Árbenz está ciente da dependência econômica da Guatemala com os Estados Unidos, e que o maior risco existente é de um golpe interno realizado pela esquerda guatemalteca do que um golpe dos conservadores. Em suma, afirma que Árbenz não era um comunista, mas que eles estariam infiltrados no governo, inclusive se preparando para tomar o poder, ou após o mandato de Árbenz, ou mesmo com seu assassinato, o qual serviria para culpabilizar os opositores como os executores desse ato contra o então presidente da Guatemala, além de angariar o apoio da população.

⁸³ Não foi encontrado a quem se refere.

⁸⁴ Memorandum for the Record, Washington, October 10, 1952. In: HOLLY, Susan K.; PATTERSON, David S. (orgs.) *Foreign Relations of the United States, 1952-1954: Guatemala*. Washington: Government Printing Office, 2003. Documento 26.

⁸⁵ Central Intelligence Agency Information Report, Guatemala City, October 10, 1952. In: HOLLY, Susan K.; PATTERSON, David S. (orgs.) *Foreign Relations of the United States, 1952-1954: Guatemala*. Washington: Government Printing Office, 2003. Documento 27.

⁸⁶ “Relatório de Informação da Agência Central de Inteligência”; tradução de minha autoria.

Em fins de outubro, agente da CIA Jacob R. Seekford envia um memorando⁸⁷ para J.C. King abordando que, no dia 27 de outubro, ele informou a Armas que o Departamento de Estado cancelou o envio do armamento, por conta das aproximações indiscretas realizadas por Somoza e Trujillo ao departamento. Calligeris, outro pseudônimo de Castillo Armas, de acordo com o documento, respondeu-lhe discorrendo que os Estados Unidos não tinham outra maneira de encarar a situação ocorrida, e que as ações de Somoza e Trujillo foram mal consideradas, e que enviaria para cada um cartas por intermédio de seus oficiais, requisitando que eles explicassem essas ações. Armas complementa dizendo que meses de trabalho duro desapareceram, mas que eles devem recomeçar do início e continuar lutando, e que, antes de uma nova ação, uma revisão de todo problema deveria ser realizada, sugerindo também que os líderes da sua organização devessem se encontrar com Seekford⁸⁸.

Em 1º de novembro, um telegrama⁸⁹ da CIA é enviado⁹⁰ à estação da agência na Guatemala, lamentando que, no momento, só poderia aconselhar cautela e que, talvez em outro momento próximo, fundos para propaganda estariam disponíveis, não sendo possível ser mais específico, mas que eles manteriam a estação informada. No dia 17, em Nova York, ocorre um encontro⁹¹ entre o Secretário de Estado Dean Acheson e o embaixador da Guatemala nos Estados Unidos, Guillermo Toriello.

No encontro em questão, o assunto tratado foi a relação entre os Estados Unidos e a Guatemala, momento em que o embaixador discorreu sua preocupação a respeito do olhar e da propaganda contra o seu país, presente na imprensa estadunidense, e que ele mesmo era veementemente contra o comunismo, salientando que a maior parte dos comunistas no país eram estrangeiros, e também que as políticas de Árbenz visavam identificá-los e desacreditá-los. No dia 1º de dezembro, uma reunião⁹² aconteceu entre Toriello e o embaixador dos Esta-

⁸⁷ Memorandum From Jacob R. Seekford to the Chief of the Western Hemisphere Division, Central Intelligence Agency (King), Washington, October 28, 1952. In: HOLLY, Susan K.; PATTERSON, David S. (orgs.) *Foreign Relations of the United States, 1952-1954: Guatemala*. Washington: Government Printing Office, 2003. Documento 29.

⁸⁸ E Hindmarsh, embora não tenha sido encontrada nenhuma informação a respeito desse indivíduo.

⁸⁹ Telegram From the Central Intelligence Agency to the CIA Station in Guatemala, Washington, November 1, 1952. In: HOLLY, Susan K.; PATTERSON, David S. (orgs.) *Foreign Relations of the United States, 1952-1954: Guatemala*. Washington: Government Printing Office, 2003. Documento 30.

⁹⁰ Relacionado a outro documento que não se encontra na coleção analisada aqui, neste trabalho.

⁹¹ Memorandum of Conversation, by the Secretary of State, New York, November 17, 1952. In: KANE, N. Stephen; SANFORD Jr., William F. (orgs.) *Foreign Relations of the United States, 1952-1954*. The American Republics. Washington: Government Printing Office 1983, p. 1050-1052.

⁹² Memorandum of Conversation, by Milton K. Wells, Adviser to the United States Delegation to the United Nations, New York, December 1, 1952. In: KANE, N. Stephen; SANFORD Jr., William F. (orgs.) *Foreign Relations of the United States, 1952-1954*. The American Republics. Washington: Government Printing Office, 1983, p. 1052-1055.

dos Unidos na Guatemala, Schoenfeld⁹³, destacando que o país, naquele momento, ainda estava disposto a se comunicar com os membros do governo estadunidense.

Ainda, em 1º de dezembro de 1952, publicou-se um *report*⁹⁴ preparado pela CIA, em que a primeira seção aborda a situação atual da Guatemala, sendo dividida em dois tópicos: exército e política; e a segunda seção trata sobre as atividades da organização de Calligeris (Castillo Armas) na Guatemala. Segundo o autor do documento, ele não estaria a par de toda a preparação militar na Guatemala, porém, atingiu-se um alto nível de organização e nunca se esteve tão pronto como nesse momento.

Na segunda seção do documento, são abordados diversos aspectos do plano da oposição para tomar o governo guatemalteco; por exemplo, as cidades onde existem possíveis opositores a Árbenz; a quantidade de homens e qual o armamento disponível; os diferentes grupos e suas especificidades, como os grupos K, que possuem a missão de assassinar líderes políticos e militares; os sabotadores; e também se encontra no documento um espaço dedicado à guerra psicológica. Um ponto a se destacar é que o autor desse texto emprega o pronome “nós” diversas vezes, por exemplo, ao tratar dos sabotadores. Ele discorre: “[...] Nós temos times prontos para sabotar as comunicações [...]”⁹⁵

Ainda em dezembro, o DCI Walter Bedell Smith envia para o Subsecretário de Estado, David Bruce, um memorando⁹⁶ que repassa informações obtidas, como a compra de armamento por parte da Guatemala, segundo o qual iria para grupos comunistas. Smith argumenta que o governo guatemalteco aumentou o seu apoio em relação às atividades comunistas e “anti-americanas” em outros países da América Central.

Além disso, também abordou que El Salvador estaria preparando um golpe contra a Guatemala, e Smith, ao final do memorando, afirma que: “Em concordância com as instruções do Departamento de Estado, nós não demos nenhuma assistência que seja aberta ou encoberta para esse grupo.”⁹⁷ Mas, ao mesmo tempo em que o DCI se reportava ao Departamento de Estado, a CIA continuava trabalhando em uma operação, cancelada formalmente desde outubro de 1952.

⁹³ E também com a participação de Milton K. Wells, conselheiro dos Estados Unidos nas Nações Unidas.

⁹⁴ Report Prepared in the Central Intelligence Agency. In: HOLLY, Susan K.; PATTERSON, David S. (orgs.) *Foreign Relations of the United States, 1952-1954: Guatemala*. Washington: Government Printing Office, 2003. Documento 32.

⁹⁵ Ver original: “[...] We have teams ready to sabotage communications [...]”; tradução de minha autoria.

⁹⁶ Memorandum by the Director of Central Intelligence (Smith) to the Under Secretary of State (Bruce), Washington, 12 December 1952. In: KANE, N. Stephen; SANFORD Jr., William F. (orgs.) *Foreign Relations of the United States, 1952-1954. The American Republics*. Washington: Government Printing Office, 1983, p. 1055-1056.

⁹⁷ Ver original: “In accordance with State Department instructions, we have given no overt or covert assistance to this group.”; tradução de minha autoria.

Em 1º de janeiro de 1953, um documento⁹⁸ preparado internamente⁹⁹ no Departamento de Estado dos EUA, com o título de “Comunismo no mundo livre: Capacidades do Partido Comunista, Guatemala”¹⁰⁰, abordava a infiltração comunista no país e sua influência. Assim, no dia 13 de fevereiro, o embaixador Schoenfeld envia como resposta uma carta¹⁰¹, na qual detalha essa infiltração comunista no país¹⁰². Nesses dois documentos, um produzido no Departamento de Estado e o outro pelo embaixador dos EUA na Guatemala (mas também destinado ao departamento), é possível observar que aquilo que antes era primariamente uma visão da CIA a respeito da situação na Guatemala, foi ganhando espaço no Departamento de Estado, o qual havia tido um papel preponderante no cancelamento da operação PBFORTUNE.

1.4 O Governo Eisenhower e a aprovação da operação PBSUCCESS

Com o fim do mandato do presidente Harry S. Truman e a eleição do republicano Dwight D. Eisenhower, no dia 20 de janeiro de 1953, novas esperanças suscitaram para Smith e J.C. King, que esperavam que a operação fosse retomada oficialmente (Cullather, 2006, p. 32). Entre os conselheiros de Eisenhower sobre a política externa dos Estados Unidos, o principal foi o Secretário de Estado John Foster Dulles, sucessor de Dean Acheson, ocupando a função de conselheiro diplomático chefe¹⁰³ e porta-voz de política internacional, que permaneceu no cargo de Secretário de Estado até 1959. Irmão¹⁰⁴ de Allen W. Dulles, formou-se pela Universidade de Princeton, trabalhou na firma de advocacia *Sullivan e Cromwell* e, após servir como advogado durante a Segunda Guerra Mundial no *War Trade Board*¹⁰⁵, exerceu advocacia no mercado privado, porém sempre manteve relações com membros do governo esta-

⁹⁸ Intelligence Report Prepared in the Office of Intelligence Research, Department of State, Washington, January 1, 1953. In: HOLLY, Susan K.; PATTERSON, David S. (orgs.) *Foreign Relations of the United States, 1952-1954: Guatemala*. Washington: Government Printing Office, 2003. Documento 33.

⁹⁹ *Office of Intelligence Research*, que pode ser traduzido como: “Escritório de Pesquisa de Inteligência”.

¹⁰⁰ Ver original: “Communism in the free world: Capabilities of the Communist Party, Guatemala”; tradução de minha autoria.

¹⁰¹ Letter From the Ambassador to Guatemala (Schoenfeld) to the Secretary of State's Special Assistant for Intelligence (Armstrong), Guatemala City, February 13, 1953. In: HOLLY, Susan K.; PATTERSON, David S. (orgs.) *Foreign Relations of the United States, 1952-1954: Guatemala*. Washington: Government Printing Office, 2003. Documento 34.

¹⁰² A pedido do Assistente Especial de Inteligência para o Secretário de Estado, Armstrong, para que ele realizasse uma análise de um documento do tipo NIE, que data de 12 de dezembro de 1952, que não fora encontrado.

¹⁰³ Em inglês, *chief diplomatic adviser*.

¹⁰⁴ Disponível em: <https://history.state.gov/departmenthistory/people/dulles-john-foster>.

¹⁰⁵ Para mais informações, ver: <https://www.archives.gov/research/foreign-policy/related-records/rg-182>.

dunidense, principalmente da ala republicana, sendo apontado pelo governador de Nova York para o cargo de senador¹⁰⁶.

John Foster Dulles ganhou respeito e confiança de Eisenhower, sendo raros os conselhos não seguidos, porém, o recém apontado Secretário de Estado pouco interesse possuía a respeito de assuntos interamericanos, exceto quando alguma questão interamericana esbarrava no seu anticomunismo. Para John Foster Dulles, filho de ministro presbiteriano, a Guerra Fria era vista como um confronto entre a cristandade contra o ateísmo, chegando a comparar os escritos de Lenin e Stalin com o *Mein Kampf*, de Hitler. Immerman (2004, p. 123-124) destaca que, em meio ao contexto geopolítico da Guerra Fria, a defesa dos interesses da UFCo por parte do governo estadunidense significava, também, defender o hemisfério ocidental do comunismo; porém, as ligações entre funcionários do governo e a empresa não poderiam ser ignoradas. Tanto John Foster Dulles como Allen W. Dulles tinham laços com a *United Fruit Company*, pois ambos trabalharam no escritório de advocacia *Sullivan and Cromwell*, uma firma localizada em Wall Street, Nova York, que possuía a UFCo como cliente, com John Foster Dulles chegando ao cargo de associado sênior dessa mesma firma. Além dos irmãos Dulles, outros funcionários do governo detinham conexões com a empresa, particularmente John M. Cabot, Secretário Assistente de Estado para Assuntos Interamericanos de 1953 até 1954, o qual possuía um estoque substancial de ações da empresa que estava em conflito com o governo guatemalteco (Gleijeses 1991, p. 90, 236; Immerman, 2004, p. 17, 123-124; Schoultz, 2000, p. 374).

Nessa nova organização da política interna dos Estados Unidos, com a CIA e o Departamento de Estado alinhando-se no posicionamento a respeito da situação da Guatemala, o presidente Eisenhower, segundo Gleijeses (1991, p. 238): “[...] assegurou que o Departamento de Estado e a CIA atuariam em conjunto. Sob sua liderança, a CIA recebeu maior latitude, e suas operações encobertas foram enfatizadas.”¹⁰⁷ Allen W. Dulles, Vice-Diretor da CIA entre agosto de 1951 e fevereiro de 1953 (que sucedeu a Walter Bedell Smith ocupando o cargo de DCI até 1961), discorreu em um memorando¹⁰⁸, em março de 1953, que as chances de sucesso da operação aumentariam caso houvesse um esforço coordenado com o campo político. Ele sugeriu que Eisenhower poderia expressar em uma coletiva de imprensa sua preocupação com

¹⁰⁶ John Foster Dulles foi apontado para o cargo de senador e não se elegeu para o senado quando as eleições foram realizadas, permanecendo poucos meses no cargo.

¹⁰⁷ Ver original: “[...] assured that the State Department and the CIA would act in concert. Under his leadership, the CIA was given increased latitude, and its covert operations were emphasized.”; tradução de minha autoria.

¹⁰⁸ Memorandum for the Record, Guatemala City, February 13, 1953. In: HOLLY, Susan K.; PATTERSON, David S. (orgs.) *Foreign Relations of the United States, 1952-1954*: Guatemala. Washington: Government Printing Office, 2003. Documento 36.

a penetração do comunismo soviético e seu desejo de consultar, através do TIAR, ou do Pacto do Rio, como consta no documento, com os outros países latino-americanos que seriam afetados pela infiltração do comunismo na América Central e, conseqüentemente, em toda a América Latina.

Cullather (2006, p. 33) argumenta que, até esse momento, Walter Bedell Smith, que havia se tornado Subsecretário de Estado, e J.C. King trabalharam para manter a operação ativa na Guatemala, até que a administração de Eisenhower tomasse uma decisão final; e que o maior receio de King era que uma rebelião começasse antes de a CIA auxiliar suficientemente; e, no caso de uma eventual derrota, a agência poderia perder seus ativos na Guatemala. Smith, segundo o autor, incentivou o Departamento de Estado a aprovar um programa “*cover*” antes que não fosse possível auxiliar esse movimento contra Árbenz, tendo exagerado parcialmente, pois Armas não possuía planos imediatos para executar tal revolta¹⁰⁹.

Nos fins do mês de março, ocorre uma reunião¹¹⁰ em que se faziam presentes John M. Cabot e o embaixador da Guatemala nos Estados Unidos, Guillermo Toriello¹¹¹. Nela, o embaixador da Guatemala abordou novamente as acusações a respeito de a Guatemala ser comunista, bem como a propaganda anticomunista de que o país era alvo. Segundo o embaixador, as acusações de comunismo eram feitas por indivíduos opositores às reformas sociais e econômicas que sucediam no país. Fora dito ao embaixador por Cabot que os Estados Unidos não queriam interromper nenhuma reforma em país algum, mas que as acusações feitas à Guatemala os preocupavam. Cabot, de acordo com o memorando, argumentou que a situação da expropriação da UFCo era um dos principais problemas subsidiários do comunismo, porém o embaixador mencionou que o governo não queria expulsar a UFCo do país, apenas regulá-la.

Dois meses depois, em maio, um NIE¹¹² é publicado, tratando sobre os possíveis desenvolvimentos na Guatemala, mencionando que os governos de El Salvador e Nicarágua, temerosos de que os comunistas chegassem ao poder na Guatemala e realizassem uma even-

¹⁰⁹ Na tentativa de realizar um golpe de Estado, foi realizado, por parte de forças opositoras à Árbenz que não eram lideradas por Castillo Armas, um ataque no dia 29 de março de 1953 a uma guarnição militar localizada na cidade de Salamá, na Guatemala, ocasionando na prisão de diversos opositores de Árbenz. Esse ataque sem sucesso levou o governo guatemalteco, no começo de abril de 1954, a notificar formalmente a Assembleia Geral das Nações Unidas de que os Estados Unidos e os países centro-americanos estavam conspirando em conjunto para realizar uma contrarrevolução na Guatemala (Gleijeses, 1991; Immerman, 2004; Vicente, 2014).

¹¹⁰ Memorandum of Conversation, by John W. Fisher of the Office of the Middle American Affairs, Washington, March 25, 1953. In: KANE, N. Stephen; SANFORD Jr., William F. (orgs.) *Foreign Relations of the United States, 1952–1954. The American Republics*. Washington: Government Printing Office, 1983, p. 1058-1061.

¹¹¹ Além de John W. Fisher, do “Office of the Middle American Affairs”, que pode ser traduzido como “Escritório de Assuntos Centro-Americanos”.

¹¹² National Intelligence Estimate, Washington, May 19, 1953. In: KANE, N. Stephen; SANFORD Jr., William F. (orgs.) *Foreign Relations of the United States, 1952–1954. The American Republics*. Washington: Government Printing Office, 1983, p. 1061-1071.

tual expansão de influência em seus territórios, estariam considerando seriamente uma ação secreta com objetivo de depor o atual governo, porém não possuíam força militar suficiente. No documento, discorre-se que a hospitalidade da Guatemala com os comunistas poderia resultar em uma fuga de comunistas dos Estados Unidos para a Guatemala.

Ainda em maio, um memorando¹¹³ de Raymond G. Leddy, que estava em comando do *Central America and Panama Affairs*¹¹⁴, para Cabot, ou seja, nos círculos internos do Departamento de Estado, afirmava que a UFCo continuava sendo o alvo primário da coalizão de esquerda do governo guatemalteco por três anos, e que, os Estados Unidos, apesar da pressão para ser realizada uma intervenção direta, não cederam por conta de que isso seria uma violação da sua política em relação à América Latina; porém, no presente momento, eles encorajariam as nações centro-americanas a se posicionarem contra a “infiltração guatemalteca”, com o objetivo de levar essa situação a ser debatida na OEA¹¹⁵.

Em 26 de maio, um “*Special Paper*”¹¹⁶, preparado¹¹⁷ na *Division of Research for Latin America*¹¹⁸, localizada no Departamento de Estado, discorria sobre os possíveis desdobramentos de uma eventual ajuda militar para El Salvador, Honduras e Nicarágua, para entrar em conflito contra a Guatemala. O documento afirmava que a venda de armas dos Estados Unidos para esses países poderia ocasionar uma intervenção direta por parte deles na Guatemala, o que habilitaria o país a levar o caso para a OEA. O Departamento de Estado, portanto, já tinha o intuito de auxiliar forças que depusessem Árbenz, porém ainda não se envolvendo diretamente, temendo o risco de romper com sua política de não intervenção para os países membros da OEA.

Durante o verão estadunidense, que durou entre junho e agosto, Eisenhower engajou-se em uma série de discussões para redefinir novas estratégias de combate durante a Guerra Fria. Tais discussões, intituladas *solarium talks*, tiveram como resultado a aprovação, em outubro de 1953, do documento do Conselho de Segurança Nacional, NSC 162/2, conhecido

¹¹³ Memorandum by the Officer in Charge of Central America and Panama Affairs (Leddy) to the Assistant Secretary of State for Inter-America Affairs (Cabot), Washington, May 21, 1953. In: KANE, N. Stephen; SANFORD Jr., William F. (orgs.) *Foreign Relations of the United States, 1952-1954. The American Republics*. Washington: Government Printing Office, 1983, p. 1071-1073.

¹¹⁴ “Assuntos Centro-Americanos e Panamenhos”, tradução de minha autoria.

¹¹⁵ Também no documento, Raymond G. Leddy discorre que, no momento, se está procurando autorização do Pentágono para incluir El Salvador, Nicarágua e Honduras em planos de defesa do hemisfério, para que pactos militares sejam negociados com os mesmos, os quais dariam armamento e suporte material. Os EUA também estariam facilitando a compra de armamento por parte da Nicarágua e El Salvador.

¹¹⁶ Special Paper Prepared in the Division of Research for Latin America, Department of State, Washington, May 26, 1953. In: HOLLY, Susan K.; PATTERSON, David S. (orgs.) *Foreign Relations of the United States, 1952-1954: Guatemala*. Washington: Government Printing Office, 2003. Documento 37.

¹¹⁷ Uma espécie de “artigo especial” que contém um tema específico.

¹¹⁸ “Divisão de Pesquisa para a América Latina”; tradução de minha autoria.

publicamente como “*New Look*”¹¹⁹, no qual foi definida uma abordagem que priorizava o uso de baixo orçamento, uma força militar mais efetiva e móvel, intimidação nuclear e armamento de aliados. Essa nova política enfatizou o planejamento e execução das operações encobertas, vistas por Eisenhower como uma alternativa menos cara do que a intervenção militar direta (Cullather, 2006).

A aprovação legal de uma operação comandada pela CIA, que resultaria no fim do governo Árbenz na Guatemala, teve o seu processo em completo sigilo, e os poucos indivíduos que sabiam das intenções do governo estadunidense para executar um golpe na Guatemala eram alguns membros do alto escalão da Casa Branca, do Departamento de Estado e da CIA. O Secretário Assistente de Estado para Assuntos Interamericanos, John M. Cabot, por exemplo, só soube que a operação havia recebido o aval de Eisenhower em setembro, quando Cabot se encontrou com Walter Bedell Smith (Gleijeses, 1991, p. 243; Immerman, 2004, p. 133-134).

No dia 12 de agosto de 1953, o *National Security Council* (NSC), autorizou a realização das “*covert actions*” na Guatemala, e também se registrou a ocorrência de uma reunião¹²⁰, na qual o *Psychological Strategy Board*¹²¹, um comitê composto pelo Subsecretário de Estado, o Vice-Secretário de Defesa e o Diretor da CIA, ou seus respectivos representantes, autorizaram o DCI, com alta prioridade, a prosseguir com o projeto, podendo contatar os Departamentos de Estado e de Defesa para o apoio necessário. Esse projeto seria a operação PBSUCCESS, uma outra tentativa, após o cancelamento da PBFORTUNE, de depor o presidente da Guatemala, Jacobo Árbenz.

Em 17 de agosto de 1953, um memorando¹²² foi enviado de J.C. King para o DCI Allen W. Dulles. Nele, King argumenta que as instruções recebidas “[...] desde outubro de 1952, foram para se evitar qualquer ato que poderia ser considerado uma ‘fagulha’ para o movimento revolucionário, mas para se preparar para auxiliá-los.”¹²³ Porém, nesse momento, segundo o documento, Armas estaria com pouco apoio externo, o que poderia prejudicar seu avanço na

¹¹⁹ “Novo olhar”; tradução de minha autoria.

¹²⁰ Memorandum for the Record, Washington, August 12, 1953. In: HOLLY, Susan K.; PATTERSON, David S. (orgs.) *Foreign Relations of the United States, 1952-1954: Guatemala*. Washington: Government Printing Office, 2003. Documento 40.

¹²¹ “Comite de Estratégia Psicológica”; tradução de minha autoria.

¹²² Memorandum From the Chief of the Western Hemisphere Division, Central Intelligence Agency (King) to Director of Central Intelligence Dulles, Washington, August 17, 1953. In: HOLLY, Susan K.; PATTERSON, David S. (orgs.) *Foreign Relations of the United States, 1952-1954: Guatemala*. Washington: Government Printing Office, 2003. Documento 41.

¹²³ Ver original: “[...] since October 1952, have been to avoid any act which could be considered as ‘sparking’ the revolutionary movement, but to be prepared to assist.”; tradução de minha autoria.

Guatemala: “Agora está claro que ajuda insuficiente virá do Caribe para que RUFUS possa avançar.”¹²⁴

Portanto, depreende-se que a CIA se encontrava em meio a duas opções: a primeira, aceitar a situação presente de um possível fracasso de Castillo Armas, por conta do pouco apoio dado por parte dos países do Caribe, retirar todo o apoio já dado a ele e liquidar os mecanismos que foram postos para auxiliá-lo; e a segunda, através de ações encobertas, ajudá-lo com armamentos, aviões e financiamento para a realização de uma ação que tenha sucesso.

Dois dias depois, em 19 de agosto, em uma reunião¹²⁵ ocorrida no apartamento de J.C. King às 13 horas com Frank G. Wisner, foi discutido sobre as mudanças internas que ocorreriam no Departamento de Estado¹²⁶. Nesse mesmo dia, um rascunho¹²⁷ de um artigo sobre as políticas para a Guatemala¹²⁸, com o intuito de ser enviado ao National Security Council (NSC)¹²⁹, tratava das possíveis abordagens políticas contra o comunismo no país, como manipular a opinião latino-americana contra o progresso do comunismo na Guatemala mediante operações encobertas, e dar apoio nos momentos certos à Igreja Católica guatemalteca em sua luta contra o comunismo local.

No dia 27 de agosto de 1953, ocorre uma nova reunião¹³⁰ entre King e Wisner¹³¹, na qual foram dadas instruções para o Vice-Diretor de Planos da CIA. Foi discutido, nela, que o novo embaixador dos Estados Unidos na Guatemala seria John E. Peurifoy¹³², que, após ter ocupado cargos no Departamento de Estado, iniciou sua carreira de embaixador na Grécia em 1950. Essa mudança, segundo Immerman (2004, p. 134, 136-137) se deu pelo fato de Schoenfeld ser considerado um indivíduo que não possuía o temperamento certo para essa operação, também mencionando que, no verão ou na primavera de 1953, o chefe da estação da CIA na

¹²⁴ Ver original: “It is now evident that insufficient help will be forthcoming from the Caribbean for RUFUS to move.”; tradução de minha autoria.

¹²⁵ Memorandum for the Record, Washington, August 19, 1953. In: HOLLY, Susan K.; PATTERSON, David S. (orgs.) *Foreign Relations of the United States, 1952-1954: Guatemala*. Washington: Government Printing Office, 2003. Documento 42.

¹²⁶ Foi mencionado que Raymond G. Leddy seria alçado ao cargo de chefe do Office of Middle American Affairs do Departamento de Estado, e sobre o Vice-Coordenador de Operações do Departamento de Estado James Lampton Berry, que seria a ligação entre o departamento e a agência.

¹²⁷ Draft Policy Paper Prepared in the Bureau of Inter-American Affairs, Washington, August 19, 1953. In: KANE, N. Stephen; SANFORD Jr., William F. (orgs.) *Foreign Relations of the United States, 1952-1954, The American Republics*. Washington: Government Printing Office, 1983, p. 1074-1086.

¹²⁸ “Escritório de Assuntos Interamericanos”; tradução de minha autoria.

¹²⁹ Esse documento foi preparado no Bureau of Inter-American Affairs, e não se sabe se o mesmo chegou a ser enviado ao NSC.

¹³⁰ Memorandum From the Chief of the Western Hemisphere Division, Central Intelligence Agency (King) to the Deputy Director for Plans of the Central Intelligence Agency (Wisner), Washington, August 27, 1953. In: HOLLY, Susan K.; PATTERSON, David S. (orgs.) *Foreign Relations of the United States, 1952-1954: Guatemala*. Vol. 11026. Washington: Government Printing Office, 2003. Documento 44.

¹³¹ E também Tracy Barnes, Chefe do Political and Psychological Staff, inserido no Directorate for Plans.

¹³² Disponível em: <https://history.state.gov/departmenthistory/people/peurifoy-john-emil>.

Guatemala¹³³ colocou uma escuta no partido comunista da Guatemala (PGT) que foi descoberta por seus membros, e que, quando Schoenfeld soube desse acontecimento, requisitou ao chefe da estação que todas as mensagens fossem enviadas através da embaixada dos Estados Unidos na Guatemala¹³⁴. Ademais, internamente, no Departamento de Estado, Schoenfeld era considerado um intelectual muito cauteloso. Já Peurifoy era considerado um homem de ação, não um intelectual, sendo um admirador de Joseph McCarthy, senador estadunidense que liderou o período de perseguição interna dos comunistas nos anos 1950 (Cullather, 2006, p. 45).

Também, no memorando acima, menciona-se, pela primeira vez, nominalmente, a operação PBSUCCESS, servindo-se da sigla PSB, quando se fala sobre um almoço formal que havia sido realizado um dia antes da reunião ocorrida para tratar da operação. Ao fim do memorando, observa-se que Wisner enfatizou para King que a Guatemala seria a prioridade número um da CIA, e que o próprio King seria o responsável por colocar o “[...] *show* na estrada.”¹³⁵. Nesse momento, a CIA e o Departamento de Estado, embora estivessem na mesma página no que dizia respeito à Guatemala e à necessidade de uma intervenção direta, estavam atuando contra esse país em diferentes formas; porém, era a Agência Central de Inteligência que comandava as operações encobertas que visavam à deposição de Árbenz.

Por isso, embora desde 1952 a CIA colocava-se partidária a uma intervenção na Guatemala, foram as mudanças internas que levaram a aprovação dessa intervenção, as quais somente aconteceram em 1953 no governo estadunidense com a eleição de Eisenhower, que ensejaram uma nova configuração do Departamento de Estado e seu alinhamento com a CIA, além da troca do embaixador estadunidense na Guatemala. A operação PBSUCCESS foi posta em prática após a operação anterior ter sido cancelada por membros do Departamento de Estado, mesmo as atividades da CIA em relação à Guatemala nunca terem realmente sido interrompidas.

Vistos os documentos produzidos entre janeiro de 1952 e agosto de 1953, observa-se que a CIA foi a principal promotora de uma intervenção por parte dos Estados Unidos na Guatemala, mas que, por conta de fatores internos e da conjuntura externa, a opinião do Departamento de Estado prevalecia sobre a agência, como foi o caso do cancelamento da operação PBFORTUNE em 1952. Apenas quando o cenário político interno muda, com uma nova

¹³³ Collis Almon.

¹³⁴ Esse ocorrido, segundo Immerman (2004, p. 134-135), resultou na mudança do chefe da estação da CIA na Guatemala. Mudança essa que sinalizou o começo da operação PBSUCCESS.

¹³⁵ Ver original: “[...] the show on the road.”; tradução de minha autoria.

configuração interna do governo estadunidense¹³⁶ e uma nova abordagem da política externa estadunidense, a partir da eleição de 1953 para a presidência dos Estados Unidos, o alto escalão do Departamento de Estado indicado por Eisenhower lança sobre a Guatemala um olhar renovado para a ideia de intervir diretamente no país, diferentemente do olhar de 1952. Em agosto de 1953, portanto, uma nova operação é autorizada pelo NSC, conselho que, além do presidente dos Estados Unidos, era composto por diversos membros do governo norte-americano, incluindo do Departamento do Estado.

Por fim, este capítulo procurou demonstrar como funcionavam e se relacionavam os diferentes departamentos, setores e agências dos EUA, em especial o Departamento de Estado, a CIA e a embaixada dos Estados Unidos na Guatemala, em meio à preparação e aprovação da operação PBSUCCESS; e que, apesar dos Estados Unidos estarem em um contexto de Guerra Fria, houve inúmeras discordâncias e mudanças internas no governo norte-americano em meio a esse processo. É possível concluir que o caminho até a aprovação formal para a execução da operação PBSUCCESS foi repleto de turbulências, as quais perpassaram duas administrações presidenciais: a de Harry S. Truman e a de Dwight D. Eisenhower.

¹³⁶ Como a escolha de determinados indivíduos para cargos governamentais de grande importância nas decisões presidenciais e relações externas.

2 A RELAÇÃO ENTRE ANTICOMUNISMO, ANTINACIONALISMO E O CAPITAL PRIVADO NOS DEPARTAMENTOS E AGÊNCIAS DO GOVERNO ESTADUNIDENSE NA INTERVENÇÃO DA GUATEMALA

O processo de aprovação, o qual levou cerca de um ano e oito meses, do governo dos Estados Unidos para uma intervenção que seria planejada e executada pela Agência Central de Inteligência dos Estados Unidos (CIA) na Guatemala, em parceria com os grupos opositores do então governo de Jacobo Árbenz, foi repleto de discordâncias internas, principalmente entre o Departamento de Estado e a CIA. Entretanto, um tema que se destaca nas motivações para a intervenção na Guatemala é a questão de uma suposta infiltração comunista no país, na qual seria necessária uma ação externa coordenada pelos Estados Unidos.

O discurso do anticomunismo que circulava internamente nos departamentos e agências governamentais estadunidenses pode ser interpretado como uma camada que, na realidade, configurava-se como um antinacionalismo, a partir de uma perspectiva de que governos latino-americanos, que possuíam ideias e práticas políticas voltadas ao nacionalismo, eram rotulados como comunistas. Permeando esse anticomunismo e o antinacionalismo no governo estadunidense em relação à Guatemala, o capital privado estadunidense, incorporado na figura da *United Fruit Company* (UFCo), uma empresa estadunidense que geria um monopólio na Guatemala que controlava a produção e exportação de banana, possuía controle das linhas ferroviárias e telefônicas no país, bem como a proteção desses interesses privados, também teve participação no processo de realização do Golpe.

Em janeiro de 1952¹³⁷, como foi visto antes neste trabalho, internamente na CIA, o Chefe da Divisão do Hemisfério Oeste, Joseph Caldwell King, afirmava que os comunistas continuavam ativos e possuíam apoio do governo de Árbenz, propagandeavam contra os Estados Unidos e “tentavam agravar os problemas laborais da *United Fruit Company*”¹³⁸. A empresa, que desde a Revolução de 1944 vinha vendo seus privilégios diminuir em relação ao período pré-revolução, especialmente por conta das políticas que beneficiaram os trabalhadores guatemaltecos, permitindo, por exemplo, aos trabalhadores do campo se sindicalizarem e realizarem greves, ocasionando, portanto, em uma relação conturbada entre a UFCo e seus trabalhadores. Ou seja, dois anos antes do golpe que levou à deposição de Árbenz, já se identificava a existência de um conflito entre o governo guatemalteco e a empresa em questão.

¹³⁷ Memorandum From the Chief of the Western Hemisphere Division, Central Intelligence Agency (King) to the Deputy Director for Plans, Central Intelligence Agency (Wisner), Washington, January 11, 1952. In: HOLLY, Susan K.; PATTERSON, David S. (orgs.) *Foreign Relations of the United States, 1952-1954: Guatemala*. Washington: Government Printing Office, 2003. Documento 2.

¹³⁸ “[...] and to trying to aggravate the United Fruit Company’s labor troubles.”; tradução de minha autoria.

Esse conflito, portanto, era observado por membros da CIA e serviria como pretexto para uma suposta relação entre os comunistas e o governo da Guatemala.

De fato, segundo Cullather (2006, p. 15) havia na Guatemala um pequeno número de comunistas, como a própria CIA afirmava; porém, a partir de 1952, internamente, na agência em questão, passou-se a interpretar determinadas ações do governo de Árbenz como um sinal dessa suposta infiltração comunista: ações essas que tinham um caráter social e nacionalista. Portanto, as práticas nacionalistas eram vistas pela CIA, no início do processo que levou à aprovação da operação que deporia Jacobo Árbenz da presidência da Guatemala, como indícios de que havia uma ameaça real por parte dos comunistas em tomarem o poder na Guatemala. Nesse contexto, destaca-se especialmente a relação conflituosa entre o governo guatemalteco e a *United Fruit Company*, que viria a perder seus privilégios por conta das políticas que vinham acontecendo no país desde 1944, quando se deflagrou a Revolução Guatemalteca.

Sendo assim, nesse primeiro momento, acreditava-se internamente na CIA que os comunistas exerciam uma influência política na Guatemala, e também que essa situação política afetava os interesses dos Estados Unidos e constituía uma potencial ameaça à segurança norte-americana. Os comunistas, como se comentava, identificavam-se com as aspirações nacionalistas e os ideais da Revolução de 1944, sendo essa a maneira encontrada para se infiltrarem na administração de Árbenz, bem como em partidos alinhados com o então presidente¹³⁹. Pode-se observar, então, que existia uma distinção entre nacionalismo e comunismo no começo desse processo de aprovação da operação PBSUCCESS; porém, não se estabelece o que diferenciava, de acordo com a CIA, os ideais e práticas nacionalistas com as ideias e práticas comunistas.

Internamente, como foi mencionado no primeiro capítulo, argumentava-se que o motivo que determinaria os rumos da situação política na Guatemala era, de fato, a relação entre o governo e a *United Fruit Company*, especialmente caso a empresa se submetesse às novas demandas econômicas da administração de Árbenz, o que poderia ocasionar o fortalecimento do governo guatemalteco. Na visão da CIA, eram os comunistas que tinham o propósito de forçar um problema com a UFCo, enquanto o governo guatemalteco preferencialmente não desejaria que a empresa se retirasse do país.

Ao longo de 1952, a relação entre a *United Fruit Company* e o governo da Guatemala viria a se deteriorar ainda mais, pois, no começo desse mesmo ano, ainda não se havia legislado a reforma agrária. No entanto, em julho de 1952, quando ela estava no processo de ser le-

¹³⁹ PRESENT POLITICAL SITUATION IN GUATEMALA AND POSSIBLE DEVELOPMENTS DURING 1952, Washington, March 11, 1952. In: HOLLY, Susan K.; PATTERSON, David S. (orgs.) *Foreign Relations of the United States, 1952-1954: Guatemala*. Washington: Government Printing Office, 2003. Documento 6.

gislada, comentava-se da Divisão do Hemisfério Oeste da CIA, para o Vice-diretor de Planos da agência, Frank G. Wisner, que:

A recente passagem da lei de reforma agrária, que disponibiliza terras a todos os guatemaltecos no padrão comunista, espera-se ganhar mais adeptos para o governo, embora seja contrária à classe dos proprietários de terras, cuja influência diminuirá à medida que a lei entrar em vigor.¹⁴⁰¹⁴¹

Pode-se então compreender que, de acordo com a CIA, agência que foi a principal advogada de uma intervenção dos Estados Unidos na Guatemala, havia uma relação entre as políticas que afetavam a *United Fruit Company*, podendo ser consideradas tanto políticas nacionalistas quanto sinais de uma interferência dos comunistas no ambiente político guatemalteco.

2.1 A passagem da reforma agrária no governo de Jacobo Árbenz

Os Estados Unidos, na década de 1950, eram virtualmente a única fonte de investimento privado para os países da América Central, pois o Banco Mundial havia recusado realizar, no ano de 1950, um empréstimo para a Guatemala, de acordo com Gleijeses (1989, p. 454), devido a um veto diretamente de Washington. A economia guatemalteca era majoritariamente agrária e centralizada no setor cafeeiro, sendo que a maior parte da terra encontrava-se nas mãos de um grupo pequeno de donos de terra, fazendo uso de mão de obra indígena. Somado a isso, havia a presença da *United Fruit Company*, que acumulava cerca de 222 mil hectares, e que, além de plantar e exportar banana, controlava as linhas ferroviárias e telefônicas. No governo de Juan José Arévalo, no chamado período revolucionário, o Departamento de Estado dos EUA havia observado que não houve uma tomada de ação que afetasse diretamente a parte rural da Guatemala, o que englobava 80% da população do país, embora, como já foi mencionado no primeiro capítulo, os direitos trabalhistas adquiridos, por exemplo, de formar sindicatos e realizar greves, geraram protestos da UFCo (Gleijeses, 1989, p. 454; Raabe, 2015, p. 37-39).

¹⁴⁰ Ver original: “The recent passage of the Agrarian Reform Act, which makes land available to all Guatemalans in the Communist pattern, is expected to win further adherents to the government although it is opposed to the landowning class whose influence will wane as the Act takes effect.”; tradução de minha autoria.

¹⁴¹ Memorandum From (name not declassified) of the Western Hemisphere Division, Central Intelligence Agency to the Deputy Director for Plans of the Central Intelligence Agency (Wisner), Washington, July 9, 1952. In: HOLLY, Susan K.; PATTERSON, David S. (orgs.) *Foreign Relations of the United States, 1952-1954: Guatemala*. Washington: Government Printing Office, 2003. Documento 12.

As confederações trabalhistas já haviam pedido a realização de uma reforma agrária. No entanto, no governo de Arévalo, essas confederações eram impotentes sem o apoio e o suporte estatal. Além do mais, os representantes do governo, nesse caso, a polícia e o Exército, tomavam o lado dos donos de terra. Em fins de 1951, o governo Árbenz contou com a atuação de três líderes comunistas, sendo eles os já identificados pelo *Federal Bureau of Investigation* (FBI) na década de 1940: José Manuel Fortuny e Victor Manuel Gutiérrez; e também Mario Silva Jonama, para o planejamento e aplicação da reforma agrária. Entre eles, ocorriam reuniões informais semanalmente, e foi Fortuny quem escreveu o primeiro rascunho¹⁴² da reforma agrária. À medida que Fortuny o escrevia, os artigos eram revisados pela Comissão Política do partido comunista guatemalteco: o Partido Guatemalteco do Trabalho (Gleijeses, 1989, p. 457).

Após diversas modificações, um novo grupo fora formado por Árbenz, agora com a participação de Fortuny, Gutiérrez, Carlos Manuel Pellecer e Leonardo Castillo Flores, o Secretário Geral da *Confederación Nacional Campesina de Guatemala* (CNCG), que não era comunista. Passadas diversas reuniões, o projeto da reforma agrária estava pronto e, em maio de 1952, Árbenz apresentou um programa já desenvolvido da reforma agrária que iria ocorrer no país (Gleijeses, 1989, p. 458).

A reforma agrária, portanto, foi fruto de uma colaboração entre Árbenz e as principais lideranças comunistas da Guatemala. Gleijeses (1989, p. 459) argumenta que, durante o monitoramento desse processo que levou à implementação da reforma agrária, membros do governo estadunidense sabiam da participação de deputados comunistas e de Fortuny nos debates que ocorriam no Congresso. Internamente, os oficiais do governo estadunidense concordavam que a lei abria caminho para uma extensão maior da influência comunista, podendo ser divididos em dois grupos: os que simpatizavam com a *United Fruit Company* e os que eram menos afetados pela atual situação da empresa no país (Gleijeses, 1989, p. 459).

Apesar desse documento ter sido considerado radical pelos líderes dos outros partidos, não havia escolha senão apoiar o projeto de Jacobo Árbenz, pois, além de ser o líder de uma coalizão política, também era uma figura extremamente popular que representava os ideais da Revolução de 1944. O Decreto 900, que legislava a reforma, estipulava que toda terra não cultivada nos terrenos privados com aproximadamente mais de 271 hectares seria expropriada; que terras paradas em torno de 90 a 271 hectares seriam expropriadas apenas se menos de dois terços do terreno estivessem sob cultivo; que terras com menos de aproximadamente 90

¹⁴² Segundo Gleijeses (1989, p. 457), alguns artigos foram primeiramente escritos pelo economista Guillermo Noriega Morales, que não era comunista.

hectares não seriam afetadas; e que as terras pertencentes ao governo, sendo 130 terrenos que produziam um quarto da produção total de café, seriam totalmente divididas. As terras que eram do governo seriam concedidas somente em mandato vitalício¹⁴³, já as privadas¹⁴⁴ poderiam ser tanto em mandato vitalício quanto em propriedade privada¹⁴⁵. Os beneficiários desse programa pagariam 3% do valor anual da colheita se o mesmo tivesse recebido a terra em mandato vitalício, e 5% se a terra fosse concedida como propriedade privada. Já os donos das terras que fossem expropriadas receberiam títulos agrários de 3%, que venceriam em 25 anos, e o valor da terra expropriada seria calculado pelos valores declarados nas declarações fiscais por seus donos antes do dia 10 de maio de 1952, quando o projeto fora apresentado no Congresso (Gleijeses, 1989, p. 460).

A passagem do Decreto 900 gerou inúmeros protestos por parte da elite agrária e da *United Fruit Company*, que argumentou que esse documento visava dismantlar as operações da empresa no país e que cada acre de terra, medida utilizada no mercado estadunidense, valeria 75 dólares; porém, a empresa, que antecipou a cessão de por volta de 40 mil hectares, havia declarado fiscalmente, antes da aprovação da reforma, que cada acre, valeria 3 dólares. Já a administração de Árbenz planejava compensar a UFCo com um valor baseado no que a empresa havia pagado em taxas de propriedade, não se baseando no valor de 75 dólares por acre para compensar financeiramente a empresa (Rabe, 2015, p. 40). Mesmo assim, a reforma agrária ocorrida na Guatemala, segundo Gleijeses (1989, p. 461), pode ser considerada uma reforma moderada em um molde capitalista, pois as terras que foram expropriadas eram unicamente as não cultivadas.

Apesar disso, estimava-se que todo o processo de expropriação levasse no máximo até seis semanas, ocasionando uma drástica mudança no setor agrário do país. A reforma era, de fato, uma mudança radical para os padrões guatemaltecos, pois modificava uma estrutura econômica em que a maior parte das terras da Guatemala pertencia a essa elite agrária e à *United Fruit Company*, país que possuía uma economia centrada no setor agrário. Outros grupos, como militares e membros da Igreja Católica, reagiram contrariamente a esse decreto, porém, conforme alguns quesitos técnicos, a reforma agrária poderia ser caracterizada como uma reforma moderada (Rabe, 2015, p. 40).

¹⁴³ Durante a vida do beneficiário que recebesse a terra.

¹⁴⁴ Se o beneficiário que recebesse a terra privada escolhesse a opção de receber a terra em *lifetime tenure*, em caso da morte do mesmo, a família receberia preferencial consideração para alugar a propriedade (Gleijeses, 1989, p. 460).

¹⁴⁵ O beneficiário receberia a terra em sua integridade.

Após a aprovação da reforma agrária, iniciou-se a sua implementação a partir de agosto de 1952. As primeiras terras concedidas foram as que pertenciam ao governo, as chamadas “*fincas nacionales*”, e logo após vieram as terras privadas, em janeiro de 1953. Em vista disso, esse processo, desde o início do que viria a ser a reforma agrária, teve a participação das principais lideranças comunistas no país. Contudo, deve-se destacar que, até a sua aprovação, o Decreto 900 passou por inúmeras modificações e por indivíduos que não eram vinculados ao pequeno movimento comunista que acontecia na Guatemala. Até junho de 1954, ou seja, o mês da deposição de Jacobo Árbenz e da instauração de uma ditadura militar sob o comando do Coronel Castillo Armas, um total aproximado de 566 mil hectares haviam sido expropriados, o que representa um sexto de todas as terras aráveis da Guatemala. E, com relação aos beneficiários, aponta-se que 138 mil famílias se beneficiaram dessa reforma (Glejises, 1989, p. 465).

No ano seguinte à passagem do Decreto 900, ou seja, já após o começo da expropriação das terras privadas, o *Office of Intelligence Research*¹⁴⁶, localizado dentro do Departamento de Estado dos EUA, discorre¹⁴⁷ que: “As implicações da legislação, no entanto, vão além de uma reforma agrária na medida em que provê o aparelhamento de uma base para o fortalecimento do controle político e comunista sobre a população rural.”¹⁴⁸ Esse setor do Departamento de Estado argumenta que a “[...] implementação da lei libertaria milhares de trabalhadores rurais de uma dependência que já perdura há séculos em relação à classe privilegiada dos donos de terra, porém, iria submeter a maioria, provavelmente, ao controle rigoroso do Estado.”¹⁴⁹ Compreende-se, no Departamento de Estado, que na Guatemala existia uma política de exploração da terra e da população guatemalteca por parte da classe dos donos de terra, que já perdurava durante séculos, mas ainda assim, temia-se que esse Estado, tendo um “controle rigoroso” dos trabalhadores guatemaltecos, estivesse sob essa influência comunista.

O conflito intensificado entre a *United Fruit Company* e o governo guatemalteco, por conta da realização de uma reforma agrária, foi mencionado pelo Departamento de Estado, que discorreu sobre a ausência de “proteção especial” do governo guatemalteco com relação à

¹⁴⁶ “Escritório de Pesquisa de Inteligência”; tradução de minha autoria.

¹⁴⁷ Intelligence Report Prepared in the Office of Intelligence Research, Department of State. Washington, March 5, 1953. In: HOLLY, Susan K.; PATTERSON, David S. (orgs.) *Foreign Relations of the United States, 1952-1954: Guatemala*. Washington: Government Printing Office, 2003. Documento 35.

¹⁴⁸ “The implications of the legislation, however, go beyond agrarian reform inasmuch as its provisions furnish a basis for the strengthening of political and Communist control over the rural population.”; tradução de minha autoria.

¹⁴⁹ “[...] implementation of the law would free thousands of agrarian workers from a centuries-old dependence upon the privileged landholding class, but would subject the majority, in all probability, to close control by the state.”; tradução de minha autoria.

empresa em questão e outras empresas estrangeiras do meio agrário nas suas “concessões de operação”, uma vez que suas terras não cultivadas provavelmente seriam expropriadas.¹⁵⁰ É possível depreender que o departamento, além da situação política da Guatemala, ocupava-se de analisar a situação e as eventuais perdas da UFCo devido à reforma agrária de Árbenz.

Apesar de o governo dos Estados Unidos e a CIA abordarem a questão de uma influência comunista no governo guatemalteco, especialmente após a aprovação da reforma agrária no país, em um relatório¹⁵¹ produzido pela CIA que conta com diversos detalhes a respeito da orientação política do próprio Árbenz, é dito¹⁵² que, apesar de o mesmo “[...] parecer colaborar com Comunistas e extremistas em detrimento das relações entre Guatemala e Estados Unidos”¹⁵³, tem-se “quase certeza” de que ele não concorda com as ideias dos comunistas guatemaltecos e soviéticos, porém, também se tem quase certeza de que os comunistas podem fazê-lo tomar decisões que os favorecessem¹⁵⁴. No mesmo documento, argumenta-se que as reformas sociais feitas por Árbenz se baseavam mais no *New Deal* dos Estados Unidos do que o comunismo soviético¹⁵⁵. Observa-se, portanto, que a CIA não possuía certeza se essa “influência comunista” chegava a agir em Árbenz ou se o próprio presidente concordava com as ideias dos comunistas. Podendo-se interpretar que a CIA já estava imersa nesse contexto de anticomunismo e de análise do movimento comunista na Guatemala, já considerando certa essa “infiltração comunista” no país, não importando não terem provas reais a respeito da real proximidade entre Árbenz e os comunistas guatemaltecos. Logo, nesse momento de amadurecimento dentro da CIA sobre a ideia de intervir na Guatemala, tornando-se uma “preocupação” para os interesses estadunidenses, denota-se uma possível influência e controle que os comunistas exerceriam no governo de Árbenz, o que poderia ocasionar, segundo o mesmo documento citado neste parágrafo, em um “golpe da esquerda”.

2.2 A análise do governo estadunidense sobre o movimento comunista guatemalteco

¹⁵⁰ Ver original: “Foreign agricultural enterprises, especially the United Fruit Company, will probably have their uncultivated holdings expropriated since they appear to have no special protection under their operating concessions.”

¹⁵¹ Central Intelligence Agency Information Report, Guatemala City, October 10, 1952. In: HOLLY, Susan K.; PATTERSON, David S. (orgs.) *Foreign Relations of the United States, 1952-1954: Guatemala*. Washington: Government Printing Office, 2003. Documento 27.

¹⁵² Não se encontra disponível quem redigiu tal documento.

¹⁵³ “[...] appears to collaborate with the Communists and extremists to the detriment of Guatemala’s relations with the US.”; tradução de minha autoria.

¹⁵⁴ “I am quite certain that he personally does not agree with the economic and political ideas of the Guatemalan or Soviet Communists, and I am equally certain that he is not now in a position where they can force him to make decisions in their favor.”

¹⁵⁵ “The President’s social reform ideas stem from the US New Deal rather than from Soviet Communism.”

A reforma agrária, por mais que fosse uma política com um forte viés nacionalista, além das outras políticas postas em prática durante a administração de Árbenz, tal como a alfabetização da população, ocorreu em meio a um contexto da Doutrina Truman. Em 1958, quatro anos após o Golpe da Guatemala, um material¹⁵⁶ da CIA, intitulado *Principais aspectos do socialismo na América Latina*¹⁵⁷, discorreu sobre a existência de duas forças em desenvolvimento nas áreas subdesenvolvidas do “mundo livre”: o nacionalismo e o socialismo. Nesse mesmo documento, aborda-se a existência de pontos de convergências entre o nacionalismo e o socialismo:

Esta natureza complementar é evidente na esfera política, onde o desejo nacionalista de liberdade da influência política e econômica estrangeira coincide com o objetivo abrangente do socialismo da emancipação do indivíduo. Isso também é evidente nos ideais econômicos mantidos por nacionalistas em muitos países subdesenvolvidos. O principal fio condutor desses ideais econômicos nacionalistas é que o socialismo oferece os meios pelos quais os recursos de um país podem ser mobilizados para uma rápida industrialização sem comprometer a independência do país através da aceitação de auxílio econômico estrangeiro.¹⁵⁸

Mesmo esse documento sendo produzido após a intervenção dos Estados Unidos na Guatemala e se referindo as proximidades do nacionalismo com o socialismo, não o comunismo, nos países “subdesenvolvidos”, pode-se observar que o nacionalismo é visto como uma ferramenta que pode ser mobilizada pelos socialistas nesses países, ainda que no caso da Guatemala, fossem os comunistas os acusados de mobilizar ideias nacionalistas. O governo estadunidense, embora soubesse que Jacobo Árbenz não era um comunista, estava a par que o então presidente possuía contatos que eram, e a reforma agrária, seu grande projeto, era considerado pela CIA um projeto de lei de “inspiração comunista”¹⁵⁹. Em uma reunião¹⁶⁰ já mencionada no capítulo anterior, ocorrida em Nova York, o embaixador da Guatemala nos Esta-

¹⁵⁶ PRINCIPAL ASPECTS OF SOCIALISM IN LATIN AMERICA. (<https://www.cia.gov/>) Washington: Central Intelligence Agency, 1958. Disponível em: https://www.cia.gov/readingroom/docs/DOC_0000483779.pdf. Acesso em: 31 jan. 2024.

¹⁵⁷ Principal aspects of socialism in Latin America; tradução de minha autoria.

¹⁵⁸ “This complementary nature is evident in the political sphere where the nationalistic desire for freedom from foreign political and economic influence coincides with socialism’s broad goal of man’s emancipation. It is also evident in the economic views held by nationalists in many of the underdeveloped countries. The main thread running through these nationalist economic views is that socialism offers the means whereby the resources of a country can be mobilized for rapid industrialization without jeopardizing the country’s independence through acceptance of foreign economic aid.”; tradução de minha autoria.

¹⁵⁹ Central Intelligence Agency Information Report, Guatemala City, October 10, 1952. In: HOLLY, Susan K.; PATTERSON, David S. (orgs.) *Foreign Relations of the United States, 1952-1954: Guatemala*. Washington: Government Printing Office, 2003. Documento 27.

¹⁶⁰ Memorandum of Conversation, by the Secretary of State, New York, November 17, 1952. In: KANE, N. Stephen; SANFORD Jr., William F. (orgs.) *Foreign Relations of the United States, 1952-1954, The American Republics*, Washington: Government Printing Office 1983, p. 1050-1052.

dos Unidos, Guillermo Toriello, afirmou para o então Secretário de Estado dos EUA, Dean Acheson, que era opositor do comunismo. Essa ideia de uma Guatemala que havia sido infiltrada pelo comunismo também era propagada pela imprensa estadunidense, fato mencionado por Toriello, na mesma reunião, ao Secretário de Estado dos EUA.

A questão da propaganda anticomunista foi mencionada em outra reunião¹⁶¹, também citada no primeiro capítulo, ocorrida em Nova York, dessa vez entre Toriello e o embaixador dos Estados Unidos na Guatemala, Rudolph E. Schoenfeld, na qual este faz menção novamente dos comunistas guatemaltecos, abordando a viagem do ex-presidente do Congresso guatemalteco, Roberto Alvarado Fuentes, e dos já mencionados líderes comunistas que contribuíram com a reforma agrária, José Manuel Fortuny e Victor Manuel Gutiérrez, para a então “cortina de ferro”, fato que foi minimizado por Toriello, que, segundo Schoenfeld:

Uma ou duas vezes durante a conversa, Toriello nos instou a não sermos enganados pelas denúncias do governo pela oposição. Por insinuação, ele parecia alegar que nosso parecer da situação havia sido indevidamente influenciado por infundadas histórias e rumores circulados pela oposição subversiva, disfarçados e encobertos pelo anticomunismo.¹⁶²

Concomitantemente a essas reuniões formais entre o embaixador da Guatemala nos Estados Unidos e Schoenfeld, nas quais se comentavam abertamente sobre como a visão externa da situação na Guatemala, apresentando-a como um país sob influência comunista, era prejudicial, segundo Toriello, para o próprio país, a CIA já se ocupava de monitorar a situação da Guatemala. A agência em questão analisava uma suposta interferência que os comunistas estavam realizando na administração de Árbenz, mesmo identificando que ele não era comunista, mas sim que ele estaria sendo usado por eles para uma eventual tomada do poder através de um golpe.

Em um documento¹⁶³ preparado na CIA, que tratava das “correntes atividades do governo guatemalteco”,¹⁶⁴ discorria-se que o governo de Jacobo Árbenz “[...] embarcou em uma

¹⁶¹ Memorandum of Conversation, by Milton K. Wells, Adviser to the United States Delegation to the United Nations, New York, December 1, 1952, *In: KANE, N. Stephen; SANFORD Jr., William F. (orgs.) Foreign Relations of the United States, 1952-1954, The American Republics*, Washington: Government Printing Office 1983, p. 1052-1055.

¹⁶² “Once or twice during the conversation, Toriello urged us not to be taken in by the denunciations of the Government by the opposition. By innuendo, he seemed to allege that our estimate of the situation had been unduly influenced by wild stories and rumors circulated by the subversive opposition, disguised and cloaked by anti-communism.”; tradução de minha autoria.

¹⁶³ Report Prepared in the Central Intelligence Agency, Washington, December 1, 1952. *In: HOLLY, Susan K.; PATTERSON, David S. (orgs.) Foreign Relations of the United States, 1952-1954: Guatemala*. Washington: Government Printing Office, 2003. Documento 32.

¹⁶⁴ “Current Activities of the Guatemalan Government”; tradução de minha autoria.

campanha para vender o comunismo para a população”¹⁶⁵ e que recentemente “eles” teriam iniciado a publicação de panfletos, e também que um livreto sobre a reforma agrária estaria sendo distribuído em Honduras e em El Salvador. Continuando, aborda-se que, em Honduras, existe um aumento das “atividades políticas”¹⁶⁶ da Guatemala, e que há mais de quarenta “células comunistas” em Honduras¹⁶⁷, e ainda que existiria um indivíduo¹⁶⁸ que constaria na folha de pagamento do governo guatemalteco. Observa-se, com isso, de acordo com a CIA, que essa influência comunista estaria reverberando em países que fazem fronteira com a Guatemala. Na sequência, passa-se a tratar das condições econômicas na Guatemala, que estaria “piorando a cada dia”, e que o capital estaria “deixando o país” e “indo em direção ao México e aos Estados Unidos”, informando que o governo guatemalteco estaria se preparando para taxar todos os materiais importados e exportados em 6%¹⁶⁹.

Observa-se, então, o quão importante era a questão das movimentações do governo guatemalteco nos países vizinhos, o que pode ser interpretado como uma preocupação do governo dos Estados Unidos com uma expansão do comunismo na região, a qual serviria como motivo para intervir nessa Guatemala que estava criando laços com outros grupos em outros países da América Central, o que poderia ameaçar os interesses geopolíticos estadunidenses. Porém, de acordo com Gleijeses (1991, p. 184), o partido comunista guatemalteco, o PGT, se desenvolveu e se manteve praticamente isolado na região da América Central, já que os partidos comunistas de países próximos, como Nicarágua e El Salvador, haviam sido derrotados e não havia partido comunista em Honduras, embora o PGT mantivesse contato regular com os comunistas do México e de Cuba. O PGT e a administração de Árbenz também não tinham disponíveis os recursos para prover apoio aos grupos comunistas dos países vizinhos, porém ofereciam um local seguro para os comunistas da região, segundo Roniger (2010, p. 107-108):

Os líderes comunistas cubanos foram visitantes frequentes, colaborando com os marxistas locais para controlar o trabalho organizado. Os comunistas salvadorenos foram os mais ativos. Os ativistas do Partido Socialista Popular Dominicano, que era o partido comunista da República Dominicana no exílio, também aderiram ao Partido Guatemalteco del Trabajo. Em 1952, eles se comprometeram a organizar todos os dominicanos exilados espalhados pelo mundo em torno de um Comitê de Exilados Dominicanos. Outros grupos nacionais no exílio estabeleceram frentes unidas similares na Guatemala, entre elas a Asociación Salvadoreña Democrática, o movimento de nicaraguenses partidários da democracia e o Partido Democrático Revolucionario

¹⁶⁵ “[...] has embarked on a campaign to sell communism to the people.”; tradução de minha autoria.

¹⁶⁶ “Guatemalan political activity is on the increase.”; tradução de minha autoria.

¹⁶⁷ “We have information that in northern Honduras there are more than forty (40) communist cells in existence.”; tradução de minha autoria.

¹⁶⁸ Não se encontra disponibilizado o nome desse indivíduo.

¹⁶⁹ Ver original: “Economic conditions in Guatemala are very grave and are becoming worse every day. Capital is leaving the country. It is going to Mexico and the United States.”

Hondureño. O exílio republicano espanhol também se destacava, e os diferentes grupos se uniram para formar o Frente Democrático de Exiliados Americanos e Espanhóis. No desfile de maio de 1953, os grupos de exilados marcharam com 70.000 partidários a fim de manifestar sua lealdade ao presidente Arbenz.

As informações coletadas a respeito do comunismo na Guatemala geravam interpretações que viam as políticas de Árbenz e a situação do país como sinais evidentes que confirmavam essa influência. Dessa maneira, tanto as informações trazidas por informantes, assim como as interpretações das ações tomadas pelo então presidente da Guatemala, corroboravam entre si. Ainda no mesmo memorando, discorre-se que o governo guatemalteco estaria comprando armamento que não iria para o seu Exército, mas que estavam sendo distribuídos para “forças secretas”¹⁷⁰. O governo de Árbenz, portanto, estaria não só sendo influenciado pelos comunistas, como também os auxiliando em uma suposta expansão do comunismo na América Central.

Abordando o comunismo na Guatemala, o *Office of Intelligence Research*¹⁷¹ do Departamento de Estado, em um relatório de inteligência, noticia¹⁷² que os objetivos do partido comunista, o Partido Guatemalteco do Trabalho, são os seguintes: estender o controle do partido sob o trabalho; aumentar a sua “influência e infiltração” no governo “*leftist-nationalist*”¹⁷³; e “dominar os círculos mais radicais de intelectuais” do país¹⁷⁴. Os comunistas também estariam forçando grupos progressistas em direção a reformas radicais no campo da educação, do trabalho e do setor agrário. Eles intensificariam, por meio de propaganda, a insatisfação nacionalista guatemalteca para os interesses privados dos Estados Unidos e retratariam a imagem da política externa dos EUA como *imperialistic warmongers*^{175,176}. Novamente, fora mencionado que os ideais nacionalistas eram utilizados pelos comunistas como ferramenta para aumentar seu alcance e, assim, conseguir maior apoio.

¹⁷⁰ No original: “The Guatemalan Government has been purchasing arms which are not going to the Guatemalan army but which it is believed are being distributed to the secret forces [...]”

¹⁷¹ “Escritório de Pesquisa de Inteligência”; tradução de minha autoria.

¹⁷² Intelligence Report Prepared in the Office of Intelligence Research, Department of State, Washington, January 1, 1953. In: HOLLY, Susan K.; PATTERSON, David S. (orgs.) *Foreign Relations of the United States, 1952-1954: Guatemala*. Washington: Government Printing Office, 2003. Documento 33.

¹⁷³ Termo para se referir a um governo de esquerda com pautas nacionalistas, nesse caso, o governo de Jacobo Árbenz.

¹⁷⁴ No original: “The immediate objectives of the Communist Party of Guatemala, now the Guatemalan Labor Party (Partido Guatemalteco de Trabajo, PGT), are to extend the party’s control over labor, to increase its influence in and infiltration of the leftist-nationalist government, and to dominate the more radical intellectual circles of the country.”

¹⁷⁵ Termo para se referir à política externa dos Estados Unidos, tratando-a como uma política imperialista e belicista.

¹⁷⁶ No original: “The Communists push ‘progressive’ Guatemalan political groups toward extreme labor, agrarian, and educational reform, intensify nationalist dissatisfaction with US private interests in Guatemala, and portray US foreign policy as the instrument of ‘imperialistic warmongers’.”

É possível, por consequência, observar que tanto os funcionários da CIA quanto do Departamento de Estado já identificavam que a principal preocupação para a política externa dos Estados Unidos era, de fato, a ascensão do comunismo na Guatemala. Os comunistas, segundo o próprio Departamento de Estado, possuíam táticas para realizar essa infiltração na sociedade guatemalteca. De acordo com o mesmo departamento, os principais grupos alvos eram os trabalhadores do campo e da cidade, depois, os intelectuais e a “burguesia progressista”. Ressalva-se, entretanto, que, em relação ao último grupo, os sentimentos eram mistos, e havia certa desconfiança contra ele; todavia, era um grupo importante de ser convencido por conta de uma “necessidade política”, devido ao núcleo da classe média do movimento nacional revolucionário, que inspirou a vida política na Guatemala desde 1944.

Os comunistas, segundo o departamento, eram poucos e, por isso, buscavam “capturar” e se “infiltrar” em lideranças organizacionais já existentes, ou até mesmo criarem suas organizações, especialmente voltadas a temas como a paz e a grupos como a juventude e as mulheres¹⁷⁷. O fato de os comunistas ainda somarem um pequeno número, como foi visto, não representava, para o Departamento de Estado e para a CIA, que eles não exercessem essa grande influência no âmbito político e na sociedade guatemalteca. Toda essa influência exercida e esse “plano” de tomada da Guatemala estariam acontecendo, apesar desse fator numérico e por conta de fatores sociais e econômicos específicos da Guatemala, como a situação em que se encontrava a maior parte da população guatemalteca, apoiando-se na narrativa nacionalista da Revolução de 1944 como ferramenta de propaganda política para através do nacionalismo, realizar a infiltração do comunismo no país.

Nesse contexto, o governo guatemalteco estaria auxiliando os comunistas a unificarem o trabalho na Guatemala, de modo que uniram a *Confederación General de Trabajadores de Guatemala*, o CGTG, com a *Confederación de Trabajadores de América Latina* e a *World Federation of Trade Unions*, essas duas últimas sendo classificadas pelo Departamento de Estado como organizações trabalhistas comunistas. Depreende-se, com isso, que o Departamento de Estado enxergava essas organizações laborais como ferramentas a serem utilizadas pelos comunistas para encorajarem a expansão do comunismo por conta da participação de comunistas e do alcance e influência que essas organizações laborais nacionais, sob lideranças

¹⁷⁷ No original: “Among groups in Guatemalan society to which the Communists especially direct themselves are urban and rural labor. Intellectuals and the ‘progressive bourgeoisie’ are also high on the list of targets, although the appeal to the latter is mixed with distrust and is, in part, inspired by reason of political necessity because of the middle class core of the national revolutionary movement which has inspired Guatemalan political life since 1944. Since they are few in numbers the Communists concentrate upon infiltrating and capturing existing organizational leadership, or, they may bring into existence their own front organization, especially with respect to peace, youth, and women’s groups.”

comunistas, teriam na população guatemalteca. As organizações e confederações laborais eram vistas como locais em que as ideias comunistas teriam maior penetração e adesão de seus membros, já que se os líderes de organizações que não fossem simpatizantes do comunismo seriam expulsos das mesmas, com o objetivo de controlar os comunistas dos principais sindicatos dos ferroviários e dos trabalhadores rurais.¹⁷⁸ Apesar da visão do Departamento do Estado de que o Partido Guatemalteco do Trabalho controlava a CGTG, segundo Gleijeses (1991, p. 191), o PGT nunca chegou a controlar a confederação em questão, sendo que cada sindicato permanecia com a sua autonomia dentro dela, destacando-se ainda que, desses sindicatos, poucos eram liderados por membros do PGT.

Um dos pontos principais para essa infiltração comunista, conforme o Departamento de Estado dos EUA, era a penetração dos comunistas no círculo governamental guatemalteco, apoiando partidos de esquerda e buscando atuar politicamente por meio dos mesmos, especialmente durante o período em que o Partido Guatemalteco do Trabalho não estava legalizado. Também os comunistas estariam procurando posições de destaque no Departamento Agrário, nas agências de propaganda e no Instituto de Segurança Social¹⁷⁹. Mais uma vez, é mencionado o nome de José Manuel Fortuny, argumentando que ele havia se aproximado do presidente Jacobo Árbenz e que fora creditado por redigir o Decreto 900.¹⁸⁰ O Departamento de Estado discorre que o “sucesso” dos comunistas na Guatemala se deve pelo ambiente democrático, nacionalista e de esquerda, que fora suscitado pela Revolução de 1944. A situação social e econômica, ao lado do papel desempenhado pelos interesses econômicos dos Estados Unidos, foi colocada como “munição” para os comunistas¹⁸¹. Segundo esta visão, os comunistas poderiam se utilizar do fato de o capital privado estadunidense explorar o país, suas terras e seus trabalhadores, ao mesmo tempo que a população guatemalteca vivia uma realidade com uma grande desigualdade econômica e uma alta taxa de analfabetismo que não correspondia ao lucro gerado por essas empresas estadunidenses, como propaganda política para aderir novos membros e apoiadores. Apesar disso, de acordo com o departamento, os comunistas ainda não teriam ganhado apoio substancial da população guatemalteca¹⁸².

¹⁷⁸ No original: “The Communists now seek to expand their control over labor by ousting non-Communist leadership from important railway and rural unions.”

¹⁷⁹ Ver original: “Thus, they have heavily infiltrated the Social Security System, the Agrarian Department and the propaganda agencies.”

¹⁸⁰ Ver original: “It is apparent also that Fortuny, PGT’s General Secretary, has access to the inner circle of politicians who surround the President. He is credited with drafting the recently passed Agrarian Reform Law [...]”

¹⁸¹ Ver original: “The social and economic backwardness of the country and the powerful role played by US business interest in the Guatemalan life provide the Communists with obvious ammunition.”

¹⁸² Ver original: “[...] they have not yet gained a substantial consistent popular following.”

Jacobo Árbenz e os líderes do PGT – embora Árbenz não fosse comunista –, nutriam simpatia pelas ideias comunistas, tanto que a Guatemala, como fora visto anteriormente, abrigava ativistas e comunistas latino-americanos no seu país, e no processo de legislar a reforma agrária, contou com apoio e incentivo de diversas lideranças comunistas da Guatemala – estavam convencidos de que, eventualmente, o mundo inteiro se tornaria uma “comunidade socialista”. Portanto, havia-se o pensamento de que, apesar de desejável, o comunismo não chegaria em breve, pois a Guatemala, eles acreditavam, era um país “semifeudal” e deveria, primeiramente, passar pelo estágio do capitalismo, no qual as condições materiais para o socialismo seriam desenvolvidas por meio da reforma agrária, da industrialização do país e do crescimento do proletariado. O veículo de imprensa do governo guatemalteco, o *Diario de Centro América*, embora também não escondesse sua simpatia em relação ao bloco soviético, possuía uma abordagem “neutra” com relação aos assuntos de política externa (Gleijeses, 1991, p. 147-148, 178-179).

Com isso, percebia-se uma grande diferença nas interpretações realizadas no Departamento de Estado e na CIA sobre o poder e a influência comunista; sobre o pensamento de que Árbenz e os principais nomes vinculados ao comunismo, mencionados pelo governo dos Estados Unidos, tinham a respeito da implementação do comunismo na Guatemala. No departamento em questão, em sua análise a respeito das capacidades do partido, se observava que havia provavelmente menos de mil membros no mesmo, e suas células de organização poderiam ser encontradas em sua maioria em áreas rurais, mas que, mesmo assim, a “força comunista” estaria centrada na capital do país, na Cidade da Guatemala. Os membros do partido majoritariamente seriam da classe média e trabalhadora do país. Já as suas lideranças eram compostas por intelectuais e burocratas, e apesar de existirem “oportunistas”, os membros seriam militantes e disciplinados, e líderes como José Manuel Fortuny e Victor Manuel Gutiérrez eram vistos como “figuras capazes”.¹⁸³

O embaixador Schoenfeld, em uma carta¹⁸⁴, já mencionada no capítulo anterior, ao assistente dedicado à inteligência do Secretário de Estado, John Foster Dulles, afirma que:

¹⁸³ Ver original: “There are probably less than 1,000 members of the Guatemalan Labor Party (Partido Guatemalteco de Trabajo, PGT). [...] Cell organization may be found in predominantly rural areas, but Communist strength is centered in the capital, Guatemala City. PGT membership is drawn from the middle class and labor and its leadership has come largely from among intellectuals and bureaucrats. On the whole, while there are opportunists and dilettantes in PGT, its membership is militant and well-disciplined. Leaders such as José Manuel Fortuny and Victor Manuel Gutiérrez are judged particularly capable.”

¹⁸⁴ Letter From the Ambassador to Guatemala (Schoenfeld) to the Secretary of State’s Special Assistant for Intelligence (Armstrong), Guatemala City, February 13, 1953. In: HOLLY, Susan K.; PATTERSON, David S. (orgs.) *Foreign Relations of the United States, 1952-1954: Guatemala*. Washington: Government Printing Office, 2003. Documento 34.

Na Guatemala, nossa observação tem sido a de que os Comunistas até agora têm dedicado esforços minoritários em relação a obter controle de posições abertamente estabelecidas de formulação de políticas, mas têm mirado em instalar seu pessoal em posições nas quais irão dar vantagens sobre grupos influentes para atingir seus objetivos.¹⁸⁵

Pelo que foi visto até agora, compreende-se que o governo dos Estados Unidos, tomando os documentos produzidos pela CIA, pelo Departamento de Estado e pela comunicação da embaixada dos EUA na Guatemala, interpretava uma suposta influência comunista na administração de Árbenz, nas instituições e confederações nacionais, como também em organizações populares, que tinham como foco pautas como a juventude, as mulheres e a paz. O fato de o PGT ter poucos membros e ocupar uma minoria no Congresso não excluía que eles poderiam estar influenciando os próximos rumos da política guatemalteca.

Essa “influência comunista” é identificada a partir de uma junção de fatos e informações coletadas, como a participação dos comunistas na legislação da reforma agrária, nas organizações laborais, e, nas viagens realizadas por comunistas para países pertencentes ao bloco soviético. Segundo Gleijeses (1991, p. 181-182), em março de 1953, por exemplo, integrantes do Congresso guatemalteco, após três horas de debate, levantaram-se para realizar uma homenagem ao falecimento de Joseph Stalin. O autor argumenta que o desejo de “dar um tapa nos Yankees”¹⁸⁶, frase dita em entrevista por um antigo congressista guatemalteco, explica o motivo do Congresso ter votado em sua maioria para realizar tal ato. Esse ato também demonstra como era o sentimento nacionalista guatemalteco, em que o imperialismo estadunidense era percebido como um obstáculo para soberania nacional.

Esses fatos supracitados geravam presunções a partir de uma ótica específica da política externa em meio à Doutrina Truman, que produzia uma narrativa exagerada dessas informações. O nacionalismo e as ideias “antiamericanas” serviriam, portanto, como ferramenta de propagação do comunismo no país. Os comunistas, então, de acordo com o que fora dito pelo embaixador dos Estados Unidos na Guatemala, apesar de ser uma minoria no Congresso e de que Jacobo Árbenz, como foi apresentado no primeiro capítulo deste trabalho, não fosse considerado pelo próprio embaixador Schoenfeld como um comunista, exerciam influência na Guatemala das formas mais variadas.

¹⁸⁵ Ver original: “In Guatemala, our observation has been that the Communists have thus far dedicated rather minor efforts towards obtaining control of the openly established policy-making positions but have rather aimed at installing their people in positions which will give leverage over influential groups in order to achieve their aims.”; tradução de minha autoria.

¹⁸⁶ Ver original: “to give a slap to the Yankees”; tradução de minha autoria.

2.3 A relação entre o capital privado estadunidense na Guatemala e o governo dos EUA

Internamente, no Departamento de Estado, em um memorando¹⁸⁷ de Raymond G. Leddy, o encarregado de comandar o *Central America and Panama Affairs*, para o Secretário Assistente de Estado para Assuntos Interamericanos, John M. Cabot, ao tratar dessa ameaça comunista, havia a discussão de que os interesses americanos estavam sob ataque, nesse caso, referindo-se às empresas de capital estadunidense. Em um documento¹⁸⁸, preparado¹⁸⁹ no *Bureau of Inter-American Affairs*¹⁹⁰, é abordado que os comunistas teriam conquistado a sua mais forte posição na América Latina e estariam, no momento, “[...] em um programa que ameaça importantes negócios comerciais americanos naquele país e devem afetar a estabilidade dos governos vizinhos”.¹⁹¹ Ainda se acrescenta que a “Continuação da presente tendência na Guatemala colocaria gravemente em perigo a unidade do Hemisfério Oeste contra a agressão soviética e a segurança de nossa posição estratégica no Caribe, incluindo o Canal do Panamá.”¹⁹²

No mesmo documento mencionado acima, consta que o objetivo imediato dos comunistas era a “[...] eliminação dos interesses econômicos americanos, representado na Guatemala pela *United Fruit Company*, pela *International Railways of Central America*, e pela *Guatemalan Electric Company*.”¹⁹³ Tal eliminação seria “[...] prejudicial ao prestígio e aos interesses americanos por toda América Central, e um severo atraso aos programas de desenvolvimento econômico no hemisfério por meio do investimento de capital privado.”¹⁹⁴

¹⁸⁷ Memorandum by the Officer in Charge of Central America and Panama Affairs (Leddy) to the Assistant Secretary of State for Inter-American Affairs (Cabot), Washington, May 21, 1953. In: KANE, N. Stephen; SANFORD Jr., William F. (orgs.) *Foreign Relations of the United States, 1952-1954*. The American Republics. Washington: Government Printing Office, 1983, p. 1071-1073.

¹⁸⁸ Draft Policy Paper Prepared in the Bureau of Inter-American Affairs, Washington, August 19, 1953. In: KANE, N. Stephen; SANFORD Jr., William F. (orgs.) *Foreign Relations of the United States, 1952-1954*, The American Republics. Washington: Government Printing Office, 1983, p. 1074-1086.

¹⁸⁹ Esse documento é a primeira versão de um documento elaborado para submissão ao National Security Council. A data original não consta no documento e sim quando foi esse documento foi enviado em um memorando. Não há nenhuma indicação se esse documento foi realmente enviado ao NSC.

¹⁹⁰ “Escritório de Assuntos Interamericanos; tradução de minha autoria.

¹⁹¹ Ver original: “[...] on a program which threatens important American commercial enterprises in that country and may affect the stability of neighboring governments.”; tradução de minha autoria.

¹⁹² Ver original: “Continuation of the present trend in Guatemala would ultimately endanger the unity of the Western Hemisphere against Soviet aggression, and the security of our strategic position in the Caribbean, including the Panama Canal.”; tradução de minha autoria.

¹⁹³ Ver original: “[...] elimination of American economic interests, represented in Guatemala by the United Fruit Company, the International Railways of Central America, and the Guatemalan Electric Company.”; tradução de minha autoria.

¹⁹⁴ Ver original: “[...] damaging to American interests and prestige throughout Central America, and a severe setback to programs for economic development in the hemisphere through private capital investment.”; tradução de minha autoria.

Existia uma relação da política externa dos Estados Unidos – que estava no momento de colocar em prática a doutrina de contenção ao comunismo – com a visão de que os interesses privados representavam também os interesses do governo estadunidense. Interpretando a questão dos “interesses e prestígio” estadunidenses na América Central, que seriam prejudicados por conta dessas políticas que visavam às empresas estrangeiras de capital privado, pode-se inferir que uma suposta infiltração do comunismo em outros países da América Central poderia causar maiores danos ao capital privado estadunidense, e assim levar à “instabilidade” na perspectiva do governo dos Estados Unidos.

Ainda no documento originado no *Bureau of Inter-American Affairs*, discorre-se que o “Sucesso do Comunismo na Guatemala, até agora, não constitui uma ameaça direta militar ou econômica aos Estados Unidos, mas a ininterrupta tendência a seu favor é de preocupação aos nossos interesses e segurança futura, e requisita estudo para fins de reverter essa situação.”¹⁹⁵ Denota-se, com isso, em um setor que pertencia ao Departamento de Estado, a ideia de que o comunismo já obteve “sucesso” em sua infiltração na Guatemala, não existindo ainda uma ameaça direta aos Estados Unidos, mas uma preocupação aos seus “interesses” devido ao contínuo progresso dos comunistas na Guatemala. Porém, o alto escalão do Departamento de Estado, bem como o presidente Eisenhower, já haviam aprovado a operação PBSUCCESS, que seria executada pela CIA.

Apesar de as empresas estadunidenses de capital privado estarem sendo alvo das políticas de Árbenz na busca por uma maior autonomia econômica para a Guatemala e menor exploração por parte das mesmas, como a reforma agrária legislada em 1952, o fato é que essas práticas do seu governo para essas empresas não constituíam uma ameaça direta à economia dos EUA. Seriam um problema maior caso essas políticas resultassem, por exemplo, nas expulsões dessas empresas de capital privado estadunidense, o que significaria certa ameaça a seus interesses econômicos e geopolíticos.

O capital privado estadunidense na Guatemala fazia parte dos interesses econômicos e geopolíticos dos EUA, como fora visto, mas a economia dos EUA não dependia exclusivamente dessas venturas econômicas no país da América Central. Por isso, referia-se a elas não como uma ameaça direta à sua economia, mas sim como uma preocupação aos seus interesses, caso essas políticas “influenciadas” pelo comunismo continuassem. Os “interesses” de expansão do mercado e “segurança do hemisfério” contra a União Soviética se mesclavam, já

¹⁹⁵ Ver original: “Communist success in Guatemala thus far does not constitute a direct military or economic threat to the United States; but the uninterrupted trend in its favor is of serious concern to our interests and future security and requires determined study of means to reverse it.”; tradução de minha autoria.

que, quanto maior fosse a penetração das empresas estadunidenses nos países latino-americanos, maior seria a influência política que os EUA exerceriam nos mesmos. Schoenfeld envia, da embaixada dos EUA na Guatemala para o Departamento de Estado, um telegrama¹⁹⁶ notificando que o gerente interino da *United Fruit Company* lhe havia informado das ações que iriam ser tomadas pelo governo de Árbenz, e que a empresa apelaria ao então presidente da Guatemala contra essas ações. Dessa forma, evidenciava-se que a principal empresa de capital estrangeiro no país, a UFCo, estava em contato com membros do governo estadunidense durante esse momento em que se davam as expropriações de suas terras não cultivadas.

Com a saída de Rudolph E. Schoenfeld do cargo de embaixador dos Estados Unidos na Guatemala e a entrada de John E. Peurifoy no seu lugar – embora o *National Security Council* já houvesse aprovado o projeto PBSUCCESS que seria realizado pela CIA –, agora o embaixador não era mais alguém que nutria uma boa relação com Jacobo Árbenz. Como apontado anteriormente, ao contrário de Schoenfeld, que era observado como um intelectual de comportamento cauteloso, Peurifoy era considerado por membros do governo um “homem de ação”. Em fins de 1953, Peurifoy se encontrou com Árbenz e sua esposa, María Cristina Vilanova de Árbenz, enviando informações a respeito do que foi conversado para o Departamento de Estado¹⁹⁷.

Segundo o embaixador, Árbenz “mostrou profundidade no seu sentimento contra a *United Fruit Company* e a sua admiração aos líderes comunistas da Guatemala, não deixando nenhuma dúvida de que ele tenderia a continuar a colaborar com eles.”¹⁹⁸ Peurifoy acrescenta que, quando o mesmo perguntou o que ele poderia fazer para melhorar a relação entre Estados Unidos e Guatemala e se Árbenz possuía sugestões, este respondeu que o problema era “[...] entre a *United Fruit Company* e seu governo”.¹⁹⁹ Peurifoy, interrompendo, disse que: “Eu pensei que nós devíamos colocar *first things first*²⁰⁰, que contanto que os comunistas exercessem a sua atual influência no governo guatemalteco, eu não via esperanças reais de melhores

¹⁹⁶ Telegram From the Embassy in Guatemala to the Department of State, Guatemala City, August 12, 1953, 6 p.m. In: HOLLY, Susan K.; PATTERSON, David S. (orgs.) *Foreign Relations of the United States, 1952-1954: Guatemala*. Washington: Government Printing Office, 2003. Documento 39.

¹⁹⁷ The Ambassador in Guatemala (Peurifoy) to the Department of State, Guatemala City, December 17, 1953, 7 p.m. In: KANE, N. Stephen; SANFORD Jr., William F. (orgs.) *Foreign Relations of the United States, 1952-1954, The American Republics*, Washington: Government Printing Office, 1983, p. 1091-1093.

¹⁹⁸ Ver original: “President showed depth of his feeling against United Fruit Company and his admiration for Guatemala’s Communist leaders, leaving no doubt he intended to continue to collaborate with them.”; tradução de minha autoria.

¹⁹⁹ Ver original: “I opened conversation by telling President I was interested in seeing what I could do to improve relations and asked if he had any suggestions. He began by saying problem here is one between United Fruit Company and his government.”; tradução de minha autoria.

²⁰⁰ Expressão em inglês que significa abordar as principais questões antes de qualquer coisa, podendo ser traduzida literalmente como “primeiras coisas primeiro”.

relações”.²⁰¹ Árbenz respondeu que “[...] havia alguns comunistas no seu governo, e que eles tinham um certo grau de influência, mas eles eram locais. Ele descreveu sua amizade com Victor Manuel Gutiérrez, secretário geral comunista da única federação trabalhista do país, e José Manuel Fortuny, líder do partido comunista da Guatemala”.²⁰² Árbenz complementou que ambos eram “[...] ‘honestos’ e seguiam os interesses guatemaltecos, e não soviéticos. Eles foram a Moscou (Fortuny está lá em uma viagem no momento) simplesmente para estudar Marxismo, não necessariamente para adquirir instruções”.²⁰³ Nesse encontro entre o embaixador dos EUA e o presidente da Guatemala, o que se tem é a preocupação de Peurifoy a respeito do comunismo no país, não se colocando para defender os interesses da UFCo no momento em que Árbenz põe isso como o principal fator que havia danificado as relações entre EUA e Guatemala.

A *United Fruit Company*, porém, possuía laços com inúmeros membros do governo estadunidense. Além de John Foster Dulles, Secretário de Estado a partir de 1953, e seu irmão Allen W. Dulles, diretor da CIA, que haviam trabalhado na firma de advocacia *Sullivan & Cromwell*, que prestava serviço à UFCo, a empresa possuía uma vasta conexão com funcionários do governo. Immerman (2004, p. 123-125) afirma que, embora não se possa utilizar da narrativa que coloca a UFCo como a razão pela qual os Estados Unidos intervieram na Guatemala, essas conexões não podem ser ignoradas, inclusive o papel que a UFCo teve na propaganda contra Árbenz na imprensa estadunidense, quando houve a mudança de administração de Truman para Eisenhower, colocando que o governo guatemalteco estava em total parceria com os comunistas. Segundo o autor,

A lista de funcionários com conexões entre a UFCo e o governo continua. O ex-Alto Comissário da Alemanha, John J. McCloy, amigo próximo de Eisenhower, que como presidente do Banco Internacional para Reconstrução e Desenvolvimento havia ordenado o estudo das dificuldades agrárias da Guatemala, foi um diretor da United Fruit. Ann Whitman, secretária pessoal do presidente, era a ex-esposa do diretor da United Fruit e então vice-presidente de relações públicas, Edward. O embaixador Robert Hill na Costa Rica, parte da equipe diplomática que participou do projeto da CIA, era um ex-vice-presidente da W. R. Grace and Company, que tinha grandes interesses na Guatemala, e mais tarde se tornou um diretor da United Fruit. Walter Bedell Smith tornou-se diretor imediatamente após renunciar ao governo em outubro de 1954. No Conselho de Relações Exteriores, Whitney H. Shephardson era um oficial da IRCA, e Robert Lehman serviu no conselho da UFCo. Lehman era parente

²⁰¹ Ver original: “I thought we should put first things first, that as long as Communists exerted their present influence in Guatemalan Government I did not see real hope of better relations.”; tradução de minha autoria.

²⁰² Ver original: “[...] there were some Communists in his Government and that [they] had certain amount of influence, but they were ‘local.’ He described his friendship with Victor Manuel Gutiérrez, Communist secretary general of country’s only national labor federation, and José Manuel Fortuny, head of Guatemala Communist Party.”; tradução de minha autoria.

²⁰³ Ver original: “[...] ‘honest’ and followed Guatemalan not Soviet interests. They went to Moscow (Fortuny is on trip there now) merely to study Marxism, not necessarily to get instructions.”; tradução de minha autoria.

por casamento de Frank Altschul, o secretário do conselho, que foi responsável pelo influente relatório da Associação Nacional de Planejamento que alegava que os comunistas estavam em completo controle da Guatemala.²⁰⁴

Por conseguinte, o papel do capital privado estadunidense não pode ser excluído do debate acerca da intervenção dos Estados Unidos na Guatemala em 1954, embora se perceba, a partir dos documentos oficiais, que o grande fator discutido nos círculos internos da CIA e do Departamento de Estado era essa “infiltração comunista” na Guatemala. A *United Fruit Company* realizava ativamente uma campanha contra as políticas de Árbenz, utilizando-se de uma narrativa anticomunista. Em um encontro²⁰⁵ de Eisenhower com o embaixador da Guatemala nos EUA, Toriello, o presidente, quando questionado sobre o monopólio da UFCo e da propaganda contra o governo de Árbenz que circulava nos Estados Unidos, argumentou que “[...] queria nada mais que justiça para qualquer empresa americana operando na Guatemala.”²⁰⁶ Toriello mencionou mais uma vez a *United Fruit Company*, discorrendo que o Secretário de Estado John Foster Dulles havia trabalhado na *Sullivan & Cromwell*, e que a mesma firma representava a UFCo. Nesse momento, Eisenhower “[...] havia se levantado para indicar que a entrevista havia terminado.”²⁰⁷ Então, o Secretário Assistente, John M. Cabot, que estava presente na reunião, argumentou ser inverídico o que Toriello havia informado.

O presidente Eisenhower, nesse mesmo encontro, afirmou para Toriello “[...] que o problema era o comunismo no governo guatemalteco, não uma questão referente à *United Fruit Company* [...]”²⁰⁸ Porém, não se pode ignorar que existia um conexão entre o governo estadunidense e o capital privado inerente à questão do governo Árbenz e suas políticas referentes às empresas estadunidenses, principalmente a reforma agrária.

²⁰⁴ Ver original: “The list of officials with UFCo-government connections continues. Former High Commissioner of Germany John J. McCloy, Eisenhower’s close friend who as president of the International Bank for Reconstruction and Development had ordered the study of Guatemala’s agrarian difficulties, was a United Fruit director. Ann Whitman, the president’s personal secretary, was the exwife of United Fruit’s director and then vice-president for public relations, Edward. Ambassador Robert Hill in Costa Rica, part of the diplomatic team that participated in the CIA project, was a former vice-president of W. R. Grace and Company, which had large Guatemalan interests, and later became a director of United Fruit. Walter Bedell Smith became a director immediately upon resigning from the government in October 1954. On the Council on Foreign Relations, Whitney H. Shephardson was an IRCA officer, and Robert Lehman served on the UFCo board. Lehman was related by marriage to Frank Altschul, the council’s secretary, who was responsible for the influential National Planning Association report that contended that the Communists were in complete control of Guatemala.”; tradução de minha autoria.

²⁰⁵ Memorandum of Conversation, by the Assistant Secretary of State for: Inter-American Affairs (Cabot), Washington, January 16, 1954. In: KANE, N. Stephen; SANFORD Jr., William F. (orgs.) *Foreign Relations of the United States, 1952-1954, The American Republics*, Washington: Government Printing Office, 1983, p. 1095-1097.

²⁰⁶ Ver original: “[...] wanted no more than justice for any American companies operating in Guatemala.”; tradução de minha autoria.

²⁰⁷ Ver original: “[...] had risen to indicate the interview was ended.”; tradução de minha autoria.

²⁰⁸ Ver original: “[...] the issue is communism in the Guatemalan Government, not the United Fruit question [...]”; tradução de minha autoria.

Em outro momento, Peurifoy e Toriello vieram a se encontrar²⁰⁹ novamente, e os assuntos permaneciam os mesmos por parte de Toriello, que discorreu que a *United Fruit Company*, nas palavras de Peurifoy, “[...] estava explorando a Guatemala durante anos e pagando muito pouco imposto, e ele se perguntou se não poderíamos nos sentar com nossos conselheiros e encontrar uma solução.”²¹⁰ Ele também reiterou a sua suspeita das relações entre a UFCo e o governo estadunidense, e que “[...] ele não possuía confiança na imparcialidade do Secretário Dulles, por sua conexão com *Sullivan & Cromwell*, e certos empregados do Departamento de Estado na questão da UFCo [...]”²¹¹ Peurifoy termina informando ao departamento que, pela conversa tida com Toriello, “[...] Não há nenhuma indicação que eles possuem qualquer intenção de modificar a sua atitude em relação aos comunistas”,²¹² e que ele próprio sugeriria ao Departamento que “[...] minimizasse a questão da *fruit company* no momento e se concentrasse no problema do Comunismo.”²¹³

Pela ótica do governo guatemalteco, a causadora dos problemas entre a Guatemala e os Estados Unidos era a *United Fruit Company*. Já pelo lado do governo estadunidense, a razão dessa relação conturbada desde a eleição de Árbenz era o comunismo que havia se infiltrado tanto no governo guatemalteco como em diversas organizações trabalhistas e sociais. Portanto, o capital privado estadunidense se inseria de outra maneira nas conversas internas tidas entre a CIA, o Departamento de Estado e a embaixada dos EUA na Guatemala a respeito da intervenção dos EUA na Guatemala e na deposição de Árbenz da presidência do país. Do ponto de vista do governo dos EUA, a UFCo, principal empresa de capital estadunidense no país, era quem vinha sofrendo com as políticas de Árbenz, influenciadas pelos comunistas que haviam se inserido no governo guatemalteco. A empresa, porém, antes da primeira expropriação de sua terra pelo governo de Árbenz, já havia contatado membros do governo estadunidense, como já mostrado no capítulo anterior (Immerman, 2004, p. 118-119).

Existia, inegavelmente, uma relação entre a UFCo e o governo estadunidense, mas nem sempre essa relação era correspondida da maneira que a empresa gostaria que fosse pelo

²⁰⁹ The Ambassador in Guatemala (Peurifoy) to the Department of State, Guatemala City, May 24, 1954, 8 p. m. In: KANE, N. Stephen; SANFORD Jr., William F. (orgs.) *Foreign Relations of the United States, 1952-1954, The American Republics*, Washington: Government Printing Office, 1983, p. 1127-1128.

²¹⁰ Ver original: “[...] had been exploiting Guatemala for years and paid very little taxes and he wondered whether we could not sit down with our advisers and work out solution.”; tradução de minha autoria.

²¹¹ Ver original: “[...] He then said he had no confidence in impartiality of Secretary Dulles, because of connection with Sullivan and Cromwell, and certain employees of State Department on UFCo question [...]”; tradução de minha autoria.

²¹² Ver original: “[...] There is no indication that they have any intention of modifying their attitude towards Commies.”; tradução de minha autoria.

²¹³ Ver original: “[...] play down fruit company problem for present and concentrate on Commie issue.”; tradução de minha autoria.

governo dos Estados Unidos. Immerman (2004, p. 118) argumenta que uma ação dos EUA na Guatemala era previsível, mesmo sem o *lobby* realizado pela UFCo. Piero Gleijeses (1989, p. 479) complementa, a respeito do governo de Árbenz, que “na superfície, o estado saudável da economia era equiparado com desenvolvimentos igualmente satisfatórios no ramo político: a administração era popular, o controle de Árbenz do governo aparentava ser firme, e a oposição estava em desordem”²¹⁴. Porém, a relação com os EUA se deteriorava cada vez mais: “Nas sombras, no entanto, o desastre avizinhava-se”,²¹⁵ complementa o autor.

O governo estadunidense estava determinado a depor Árbenz e pausar a reforma agrária em curso, mas a questão da UFCo não poderia ser utilizada para simplificar a intervenção na Guatemala. José Manuel Fortuny, em entrevista com Gleijeses, argumentou que “Eles teriam nos derrubado mesmo se não produzíssemos bananas”²¹⁶ (Gleijeses, 1989). Segundo o mesmo autor, em nenhum país da América Latina um presidente possuía relações tão próximas com os comunistas como Árbenz na Guatemala, bem como em nenhum outro país o partido comunista local exercia influência política como o Partido Guatemalteco do Trabalho. Esses fatores, portanto, “[...] motivados por uma complexa mistura de interesse econômico, anticomunismo e pura arrogância imperial, os Estados Unidos se mobilizaram a fim de destruir a Revolução de 1944”²¹⁷ (Gleijeses, 1989, p. 480). Ao contrário do que Immerman e Gleijeses argumentam, os autores Stephen Schlesinger e Stephen Kinzer, autores do livro *Bitter Fruit: The Untold Story of the American Coup in Guatemala*, uma das primeiras obras sobre o assunto, aumentam o papel que a UFCo teve na deposição de Árbenz, dando, segundo Streeter (2000, p. 65), “à UFCo uma extraordinária influência em Washington”²¹⁸.

Em um telegrama²¹⁹ da Secretaria de Estado para determinados “*diplomatic offices*”²²⁰ na América Latina, é afirmado que, “[...] enquanto todo importante interesse dos Estados Unidos incluindo a UFCO estiver sob ataque, nossa preocupação a respeito da penetração

²¹⁴ Ver original: “On the surface, the healthy state of the economy was matched by equally satisfactory developments in the political realm: the administration was popular, Arbenz’s control of the government appeared firm, and the opposition was in disarray.”; tradução de minha autoria.

²¹⁵ Ver original: “In the shadows, however, disaster loomed.”; tradução de minha autoria.

²¹⁶ Ver original: “They would have overthrown us even if we had grown no bananas.”; tradução de minha autoria.

²¹⁷ Ver original: “[...] motivated by a complex mixture of economic interest, anticomunism and sheer imperial hubris, the United States moved to destroy the Guatemalan revolution.”; tradução de minha autoria.

²¹⁸ Ver original: “[...] gave the UFCO extraordinary influence in Washington.”; tradução de minha autoria.

²¹⁹ The Acting Secretary of State to Certain Diplomatic Offices in the American Republics, Washington, May 29, 1954, 6 p.m. In: KANE, N. Stephen; SANFORD Jr., William F. (orgs.) *Foreign Relations of the United States, 1952-1954, The American Republics*, Washington: Government Printing Office, 1983, p. 1149-1151.

²²⁰ “Escritórios diplomáticos”, em tradução literal.

comunista será da mesma proporção se isso não fosse verdade.”²²¹ A grande “justificativa” formal que percorria os círculos internos dos departamentos, agências e embaixadas era, desse modo, a necessidade de colocar um fim a esse progresso dos comunistas e da sua influência na Guatemala. O argumento de Schlesinger e Kinzer, portanto, não se sustenta com base nos documentos analisados e nas interpretações de Gleijeses e Immerman, que colocam a relação entre a UFCo e o governo estadunidense como um fator importante, porém, não central para a intervenção dos Estados Unidos na Guatemala.

2.4 O anticomunismo estadunidense e o caso do “armamento soviético” na Guatemala

O anticomunismo era a força motriz do planejamento para a deposição de Jacobo Árbenz, ao lado da noção de que os interesses econômicos e geopolíticos estavam em risco, por conta desse avanço da infiltração comunista no governo guatemalteco. Para se comprovar essa visão de que os comunistas haviam se infiltrado no governo, houve uma amálgama de informações e presunções extrapoladas a partir dessas mesmas informações. O caso do envio de armamento da Tchecoslováquia, território que atualmente é dividido entre a República Tcheca e Eslováquia, que na década de 1950 pertencia ao bloco soviético, simboliza essa prática e esse discurso anticomunista. Esse fato foi utilizado como propaganda anticomunista, e legitimava a ideia de que os comunistas haviam se infiltrado, sim, na Guatemala e consistiam uma ameaça aos Estados Unidos, incorporando a esse acontecimento outras informações, como as viagens de guatemaltecos para a União Soviética e as políticas de Árbenz, fortalecendo uma narrativa anticomunista contra o governo guatemalteco.

Em outubro de 1953, Árbenz, através de um agente duplo, soube dos planos de Castillo Armas de realizar um golpe de Estado, bem como de sua proximidade com o governo dos Estados Unidos. Assim, no começo de 1954, o governo de Árbenz encomendou, diretamente da Tchecoslováquia, rifles, metralhadoras, granadas, canhões antitanques, canhões antiaéreos, morteiros e munição. Ao todo, foram enviadas cerca de 2.000 toneladas, que serviriam para um exército de 12 mil homens em um período de 10 a 15 anos. Essa negociação, porém, foi fruto de um longo processo e de uma relação entre os dois países, que se iniciou ainda na década de 1920. O governo guatemalteco já havia adquirido armamento manufaturado da Tchecoslováquia durante os anos de 1930. No período conturbado da Segunda Guerra Mundial e

²²¹ Ver original: “[...] while every important US interest in Guatemala including UFCo is under attack, our concern about communist penetration would be just as great if this were not true.”

da transição do país como membro da União Soviética, essa relação foi interrompida até a eleição de Jacobo Árbenz para presidente do país. Em 1953, Árbenz havia procurado por países dispostos a negociar armamento suficiente; porém, sem apoio de países tanto da América Latina como da Europa Ocidental, o então presidente voltou suas atenções para o bloco soviético e para o antigo parceiro comercial da Guatemala, a Tchecoslováquia. Nesse mesmo ano, cerca de 35 artigos foram publicados no *Diario de Centroamérica*, abordando de forma positiva a vida na Tchecoslováquia, o que atesta essa aproximação entre a Guatemala e o país que pertencia ao bloco soviético. Havia, também, uma ideia de que, se necessário, o governo de Árbenz iria fornecer secretamente armamento para o PGT, pois como já foi mencionado, o então presidente da Guatemala já sabia dos planos de golpe de Castillo Armas (Gleijeses, 1991, p. 178, 258, 279; Perutka, 2013, p. 101, 108).

Pelo fato de certos líderes comunistas guatemaltecos já terem visitado o país, especialmente José Manuel Fortuny, que era próximo de Árbenz e que fez importantes contatos, segundo Perutka (2013, p. 104), aquele provavelmente persuadiu Árbenz a comprar armamento vindo da Tchecoslováquia. No processo de negociação da compra do armamento, foram realizadas diversas reuniões entre Fortuny e as autoridades tchecoslovacas que, por sua vez, respondiam a Moscou e aguardavam a resposta do comitê central do Partido Comunista da União Soviética. Árbenz chegou a enviar outro correspondente²²² para Praga, o qual não era membro do partido comunista guatemalteco, a fim de finalizar esse acordo de compra de armamento (Perutka, 2013, p. 108). Essa relação entre a Guatemala e a União Soviética existia, mas, com exceção de determinados membros do partido comunista guatemalteco, não havia uma grande aproximação entre Árbenz e Moscou, como se interpretava nos círculos internos do governo estadunidense.

Em abril de 1954, dois meses antes da deposição de Árbenz, os irmãos John Foster Dulles, Secretário de Estado, e Allen W. Dulles, diretor da CIA, estavam à procura de provas que comprovassem para o público essa influência comunista. Como resposta a essa mobilização da opinião pública, foi decidido realizar uma manobra de propaganda²²³, que consistia em inventar, através de falsos relatórios soviéticos, que a URSS realizaria uma entrega de armamento soviético para a Guatemala, e também a dar ordens à CIA para plantar armas soviéticas a fim de comprovar essa “conexão” entre a União Soviética e o governo de Jacobo Árbenz. As armas foram plantadas na Costa Pacífica da Nicarágua e além de se divulgar essa “desco-

²²² Alfonso Martínez.

²²³ Memorandum Prepared in the Central Intelligence Agency, Washington, May 12, 1975. In: HOLLY, Susan K.; PATTERSON, David S. (orgs.) *Foreign Relations of the United States, 1952-1954: Guatemala*. Washington: Government Printing Office, 2003. Documento 287.

berta”, também foi dito que havia se avistado um submarino circulando a região²²⁴, mas o plano não causou a comoção que se esperava da imprensa devido ao próprio desinteresse da mesma e por conta do aspecto “rudimentar” do plano. Porém, quase que concomitantemente, o Departamento de Estado e a CIA descobriram que havia, de fato, um carregamento de armamento vindo do bloco soviético. (Gleijeses, 1991, p. 294; Perutka, 2013, p. 109).

O governo tchecoslovaco transportou o armamento da fábrica para um porto na Polônia. Gleijeses (1991, p. 296) destaca que, provavelmente, o capitão do navio sueco *Alfhem* foi subornado, pois a embarcação iria diretamente para a Guatemala, sem fazer uma rota ordinária. Antes mesmo de sua chegada, em abril, a CIA foi informada por um agente que o armamento estava a caminho do “Hemisfério Oeste”. O agente:

[...] então escreveu uma carta aparentemente inofensiva para uma empresa de peças de automóveis parisienses. Ele meticulosamente colou um ponto de microfilme sobre um ponto. O agente em Paris traduziu a mensagem do microfilme em código e imediatamente a transmitiu por ondas curtas para Washington. A mensagem parecia a vigésima segunda oração de Davi no Livro dos Salmos: “Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?” Decodificado, isso significava que suprimentos militares estavam a bordo do navio²²⁵ (Immerman, 2004, p. 155).

Allen W. Dulles deu ordens a outro agente, que estava localizado no Canal de Kiel, na Alemanha, para inspecionar tal navio, o que confirmou que havia um carregamento bélico nele. A agência perdeu o rastro do navio, porém, ele foi redescoberto já em águas guatemaltecas com o embaixador John E. Peurifoy e sua equipe aguardando o navio aportar (Immerman, 2004, p. 155-156). No dia 16 de maio de 1954, um telegrama²²⁶ foi enviado internamente na CIA, no qual se dizia que o navio “[...] *Alfhem* chegou a Puerto Barrios às 15,00 horas do dia 15 de maio, transportando um carregamento consignado ao Governo da Guatemala e supostamente consistindo em 2.000 toneladas de armamento, tipos desconhecidos. Foi ainda relatado que o navio foi recebido por Sanchez, Ministro da Defesa, e descarregado até às 18,00 horas.”²²⁷ Algumas horas após a chegada do navio, o Departamento de Estado instruiu a embai-

²²⁴ Quem fez a divulgação desses supostos acontecimentos foi Anastasio Somoza.

²²⁵ Ver original: “[...] then wrote a seemingly innocuous letter to a Parisian automobile parts concern. He meticulously pasted a microfilm dot over one period. The agent in Paris translated the microfilm message into code and immediately transmitted it by shortwave to Washington. The message read like the twenty-second prayer of David in the Book of Psalms: ‘My God, my God, why hast thou forsaken me?’ Decoded, this meant that military supplies were on board the ship.”

²²⁶ Telegram From the Central Intelligence Agency to the CIA Station in [place not declassified], Washington, May 16, 1954. In: HOLLY, Susan K.; PATTERSON, David S. (orgs.) *Foreign Relations of the United States, 1952-1954: Guatemala*. Washington: Government Printing Office, 2003. Documento 152.

²²⁷ Ver original: “[...] *Alfhem* arrived Puerto Barrios 15,00 hours 15 May carrying shipment consigned Guatemalan Government and allegedly consisting of 2,000 tons armament, types unknown. Further reported that vessel met by Sanchez, Minister of Defense, and unloaded by 18,00 hours.”; tradução de minha autoria.

xada dos Estados Unidos em Estocolmo, na Suécia, a persuadir o governo sueco para requerer que o navio deixasse *Puerto Barrios*, situado na Guatemala, sem ser descarregado, o que não foi correspondido, de maneira que o carregamento chegou na Cidade da Guatemala. Já Peuri-foy relatou que foi passada uma mensagem à *International Railways of Central America* (IR-CA) para encorajá-la a causar o maior atraso possível, enquanto o carregamento era analisado pelos estadunidenses (Gleijeses, 1991, p. 296).

Essa notícia causou um tumulto no Capitólio, e os irmãos Dulles decidiram levar tal acontecimento ao conhecimento público, com Allen W. Dulles agindo no Congresso para que os líderes do Congresso falassem contra esse “recente ultraje comunista”. Em resposta, vieram os discursos afirmando que o envio de armas soviéticas para a Guatemala era parte de um grande plano do comunismo global, que o armamento seria utilizado para sabotar o Canal do Panamá, e que o mesmo armamento era como uma bomba atômica plantada no quintal dos Estados Unidos. A imprensa, que já havia propagado a imagem de uma Guatemala infiltrada pelo comunismo, agora escrevia que o armamento soviético do Exército guatemalteco poderia colocar em perigo o hemisfério, no Canal do Panamá, e criar uma nova Coreia na América. Eisenhower realizou um discurso declarando que esse carregamento vindo da União Soviética poderia resultar em um regime ditatorial comunista na Guatemala (Immerman, 2004, p. 156; Perutka, 2013, p. 109-110).

Podemos interpretar, com base nos esforços empregados por Allen W. Dulles e outros membros do governo estadunidense de criar essa imagem de uma Guatemala sob influência comunista, primeiramente orquestrando um plano que consistiu em plantar uma falsa prova que comprovasse uma suposta ligação entre a União Soviética e a Guatemala com objetivo de conseguir apoio para depor Jacobo Árbenz, e depois criando uma narrativa que exagerava o envio de armamento da Tchecoslováquia para a Guatemala, que os mesmos, até por não terem provas concretas dessa ligação direta entre a União Soviética e a Guatemala e de um suposto controle por parte dos comunistas sob o governo guatemalteco, não acreditavam de fato que a administração de Árbenz, naquele momento, estava sob comando dos comunistas e da União Soviética. Porém, esses mesmos indivíduos, tendo em vista a conjuntura de anticomunismo do período, pensavam que, por conta das informações coletadas acerca da atividade comunista no país, que realmente acontecia, a Guatemala poderia eventualmente se tornar um país comunista. Logo, a deposição de Árbenz acabaria com as chances de os comunistas tomarem o poder na Guatemala.

Esse evento representa como o anticomunismo, que ainda estava circulando internamente entre o Departamento de Estado, a CIA e a embaixada estadunidense na Guatemala,

ganha outra proporção, mobilizando o Congresso, a imprensa e a opinião pública. A partir de um fato, que foi a negociação de envio de armamento entre um país latino-americano e um Estado pertencente ao bloco soviético, sendo a primeira vez isso que havia acontecido, junto a outros acontecimentos, o argumento de que a Guatemala estava dominada pelo comunismo e representava uma ameaça para os Estados Unidos acabou se solidificando. Alguns exemplos desses acontecimentos foram a aproximação de Árbenz com membros do partido comunista guatemalteco, as políticas sociais de Árbenz, as reclamações do capital privado na Guatemala no Congresso estadunidense, ao lado do *lobby* realizado por membros da *United Fruit Company* e as conexões entre membros do governo Eisenhower e a empresa em questão. (Gleijeses, 1991, p. 279).

2.5 O anticomunismo como justificativa e ferramenta da intervenção na Guatemala

A política externa dos Estados Unidos na Guerra Fria, segundo Moniz Bandeira (2017, n.p.), não aceitava, especialmente nesse período de polarização geopolítica, a ideia de nacionalismo latino-americano, movendo esforços para combatê-los e os identificando como comunistas. O autor ainda argumenta que, “em seu extremado nacionalismo, jamais admitiram o nacionalismo dos povos da América Latina ou de qualquer outra região do mundo. Sempre o atribuíram, essencialmente, à inspiração estrangeira (comunista, durante a Guerra Fria), considerando-o grave ameaça à segurança dos Estados Unidos.” No caso da intervenção da Guatemala, observava-se que, por conta da Revolução de 1944, havia uma ideia de nacionalismo guatemalteco, mas que rapidamente fora juntada pelos comunistas que haviam se aproximado de Árbenz. Pettinà (2005, p. 589) relata que, nos anos de 1950, “[...] Washington estava diante de um nacionalismo transbordante sobre o qual a política externa soviética parecia ter mais possibilidades de controle.”²²⁸ O nacionalismo latino-americano, embora existisse antes de 1950, passou ser visto como uma ferramenta para um controle soviético dos estados latino-americanos, pois, ao mesmo tempo que a URSS também era uma potência estrangeira, esse nacionalismo dos países latino-americanos representavam os ideais de libertação nacional e anti-imperialismo estadunidense. Pode se interpretar, então, que nos círculos internos do governo estadunidense, se tinha o pensamento que a União Soviética poderia exercer influência direta nos países da América Latina por conta desse nacionalismo.

²²⁸ Ver original: “[...] Washington se encontraba frente un nacionalismo desbordante sobre el cual la política exterior soviética parecía tener más posibilidades de control.”; tradução de minha autoria.

No Departamento de Estado e na CIA, ao lado da embaixada dos Estados Unidos na Guatemala, durante a administração de Eisenhower, já se analisava a situação da Guatemala e por consequência o movimento nacionalista no país através de uma perspectiva anticomunista. Sendo assim, como de fato Árbenz era o representante máximo desse nacionalismo guatemalteco pós-1944, suas políticas e sua aproximação com indivíduos já identificados pelo governo dos EUA como comunistas, que tinham contato com o bloco soviético, eram interpretadas como evidências dessa infiltração comunista, ainda que não houvesse uma relação direta entre Árbenz e a União Soviética, que a compra do armamento da Tchecoslováquia não significasse que a Guatemala estivesse em parceria com os soviéticos, e também que os comunistas guatemaltecos ainda eram pouco numerosos.

Em consequência, o anticomunismo foi o catalisador da deposição de Jacobo Árbenz. Esse anticomunismo, durante os governos de Truman e Eisenhower, desembocava em uma visão que interpretava determinadas ações nacionalistas do governo de Árbenz, como a reforma agrária, como práticas comunistas, por conta da informação de que havia comunistas próximos ao então presidente da Guatemala. Apesar de se apoiar em fatos, a participação dos comunistas e seu poder eram exageradamente interpretados pelos estadunidenses por meio dessa ótica anticomunista. Já o capital privado, que representava os interesses das empresas estadunidenses na Guatemala, também representava os interesses geopolíticos estadunidenses no país, pois permeava a discussão dessa suposta infiltração comunista na Guatemala, ainda que não fosse a razão central que geraria a deposição de Árbenz, pelo simples fato de empresas de capital privado estadunidense terem sido alvos das políticas de Árbenz, a participação desse capital na intervenção dos Estados Unidos na Guatemala não pode ser ignorada.

3 OS DEPARTAMENTOS E AGÊNCIAS DO GOVERNO ESTADUNIDENSE E SUAS PARTICIPAÇÕES E ARTICULAÇÕES NA PREPARAÇÃO E EXECUÇÃO DO GOLPE DA GUATEMALA

A partir do momento em que a operação PBSUCCESS foi aprovada, eram poucos os que sabiam da sua existência e efetivamente a planejavam. O Departamento de Estado, embora de suma importância para sua aprovação, com exceção de alguns indivíduos que faziam parte do alto escalão do departamento, não participou ativamente do planejamento da operação e pouco sabia do andamento da mesma. Mesmo dentro da CIA, não havia um amplo envolvimento de diversos setores da agência, como foi o caso do *Directorate of Intelligence*²²⁹, que, mesmo pertencente à CIA, não tinha envolvimento algum na operação.

Segundo Gleijeses (1991, p. 243),

O planejamento da PBSUCCESS “ocorreu com o máximo sigilo. Apenas Eisenhower, os irmãos Dulles e alguns outros membros de alto escalão da Casa Branca, Departamento de Estado e Agência Central de Inteligência sabiam que uma operação estava sendo considerada, muito menos tinham conhecimento de seus detalhes.” O Pentágono [...] não estava envolvido nem no nível de política, nem no operacional; sua contribuição consistia, no máximo, em “alguns militares que estavam emprestados à CIA – mas isso era uma prática constante.”²³⁰

Esse grau de confidencialidade simboliza como essa política de ações encobertas promovida por Eisenhower era realizada. Allen W. Dulles, diretor da CIA, seu irmão John Foster Dulles, Secretário de Estado, e Walter Bedell Smith, Subsecretário de Estado, eram os que supervisionariam a operação e tinham o canal de comunicação com Eisenhower. Na CIA, o *Directorate of Plans*²³¹, sob a liderança do Chefe da Divisão do Hemisfério Oeste Joseph Caldwell King e do Vice-diretor de Planos Frank G. Wisner, o setor responsável pelas operações encobertas, foi encarregado de planejar e executar a operação. Uma unidade especial foi formada, possuindo suas próprias instalações de comunicação, pessoal de suporte, agentes secretos e autoridade especial para requisitar fundos confidenciais. O embaixador John E. Peurifoy também estava envolvido na operação, tendo contato direto com a CIA (Gleijeses, 1991, p. 244, 252-253).

Houve também uma mudança no posto de Secretário Assistente de Estado para Assuntos Interamericanos em março de 1954, com a saída de John Moors Cabot para a entrada de

²²⁹ “Diretorado de Inteligência”; tradução de minha autoria.

²³⁰ Ver original: “The planning of PBSUCCESS ‘took place with the utmost stealth. Only Eisenhower, the Dulles brothers, and a few other top-level members of the White House, State Department, and Central Intelligence Agency knew that an operation was even being considered, let alone were privy to its details.’ The Pentagon [...] was involved neither at the policy nor the operational level; its contribution consisted at most of ‘some military personnel who were on loan to the CIA—but this was a constant practice.’”; tradução de minha autoria.

²³¹ “Diretorado de Planos”; tradução de minha autoria.

Henry Holland, um advogado com conexões no governo dos Estados Unidos. Em entrevista com um antigo membro da CIA, Gleijeses (1991) discorre que pelo fato de Holland ser contrário à operação clandestina que estava sendo posta em prática, ele passou a ser visto por Frank G. Wisner, e também por outros membros do *Directorate of Plans*, como um dos “oponentes” do Departamento de Estado, sendo excluído do grupo que supervisionava a operação PBSUCCESS, porém ele continuaria trabalhando em prol do Departamento de Estado, inevitavelmente tendo que estar a par e auxiliar na questão da Guatemala e na operação que visava depor Árbenz. Apesar disso, Holland, após a queda de Árbenz, mudou sua opinião a respeito das ações encobertas realizadas pela CIA, tornando-se um ávido apoiador desse tipo de operação e da agência em questão (Gleijeses, 1991, p. 244-246).

A realização da operação PBSUCCESS tornou-se a prioridade da CIA, e então a preparação foi iniciada. De um lado, portanto, a Agência Central de Inteligência era a principal encarregada de tal operação, porém, em outra frente, apesar de não participar da operação, o Departamento de Estado tinha como objetivo legitimar uma intervenção na Guatemala que depusesse Jacobo Árbenz. Para isso, o mecanismo encontrado foi a exacerbação da narrativa anticomunista, fazendo uso da já mencionada Organização dos Estados Americanos (OEA) e do Tratado Interamericano de Assistência Recíproca, como ferramentas para legitimar o golpe que estava sendo planejado havia dois anos, desde 1952.

Para a realização da operação, por parte dos seus encarregados, decidiu-se utilizar táticas previamente aplicadas em outros casos. A operação, portanto, reuniria ações psicológicas, econômicas, diplomáticas e paramilitares. Especialmente, depois da intervenção no Irã, em 1953, a CIA percebeu o quão valiosa era a questão da propaganda em operações desse tipo, que visavam subverter a ordem de determinado local. A chamada “*psychological warfare*”²³² objetivava desacreditar o inimigo e angariar apoio para os aliados, uma vez que os planejadores da PBSUCCESS suplementariam as iniciativas públicas do governo dos Estados Unidos para fundamentar a intervenção na Guatemala por meio de operações clandestinas utilizando contatos locais que pertenciam ao exército, à igreja, ao rádio e outros grupos que, segundo eles, eram suscetíveis à propaganda fabricada pela CIA (Cullather, 2006, p. 40).

Para a PBSUCCESS ter êxito, as ações do Departamento de Estado e de Defesa eram imprescindíveis, pois eles teriam que realizar políticas que isolassem diplomática, militar e economicamente a Guatemala de Árbenz, para que assim o setor de operações clandestinas da CIA conseguisse realizar a operação. Em dezembro de 1953, Allen W. Dulles autorizou um

²³² “Guerra psicológica”; tradução de minha autoria.

orçamento de 3 milhões de dólares e, ao contrário do que havia sido dito a J. C. King, como fora visto no primeiro capítulo, Dulles posicionou Wisner como líder da operação, e não King, gerando um conflito interno. Mesmo King participando da operação, a PBSUCCESS tornou-se o projeto de Frank G. Wisner, deixando seu assistente com outros projetos. Enquanto a base dessa operação era localizada nas proximidades de Miami, no estado da Flórida, foram criados grupos de ação em Honduras, Nicarágua e Guatemala, e o Coronel Castillo Armas foi o escolhido para liderar as tropas opositoras locais contra Árbenz (Cullather, 2006, p. 44; Gleijeses, 1991, p. 244; Vicente, 2014).

3.1 A conferência de Caracas e a legitimação do intervencionismo estadunidense na Guatemala

Entre os dias 1º e 28 de março de 1954, na cidade de Caracas, na Venezuela, ocorreu a XX Conferência Interamericana. Com a finalidade de legitimar a intervenção na Guatemala por meio da Organização dos Estados Americanos (OEA), fundamentada no Tratado Interamericano de Assistência Recíproca (TIAR), o Secretário de Estado John Foster Dulles foi o encarregado de angariar a aprovação necessária para uma resolução anticomunista. A preparação, no entanto, para essa conferência iniciou-se no ano anterior, em 1953. O Embaixador dos Estados Unidos na Guatemala, John E. Peurifoy, em um telegrama²³³ direcionado ao Departamento de Estado, afirma a necessidade de se fazer um trabalho de convencimento dos países latino-americanos, membros da OEA, para as resoluções que os EUA apresentariam na conferência.

Além disso, Peurifoy utilizou a mídia como veículo para propagar essa suposta infiltração comunista na Guatemala: “Antes da conferência em Caracas, devemos nos concentrar em preparar outros governos bem-dispostos na América Latina para apoiar nossa resolução anticomunista e em divulgar no exterior através de canais de imprensa os desenvolvimentos comunistas neste país.”²³⁴ A Conferência de Caracas era, portanto, vista como essencial para a intervenção estadunidense na Guatemala ocorrer sem que os acordos interamericanos fos-

²³³ *The Ambassador in Guatemala (Peurifoy) to the Department of State*, Guatemala City, December 23, 3 p.m. In: KANE, N. Stephen; SANFORD Jr., William F. (orgs.) *Foreign Relations of the United States, 1952-1954, The American Republics*. Washington: Government Printing Office, 1983, p. 1093-1095.

²³⁴ Ver original: “Before Caracas conference, we should concentrate on preparing other well-disposed governments in Latin America for supporting our anti-Communist resolution and on publicizing abroad through press channels Communist developments in this country”; tradução de minha autoria.

sem quebrados. Em uma reunião²³⁵ entre Wisner e os membros do Departamento de Estado, comentou-se que o que viria a ocorrer na conferência era interpretado na CIA como de suma importância para o desenvolvimento da operação.

A proposta de John Foster Dulles era a “Declaração de Solidariedade para a Preservação da Integridade Política dos Estados Americanos contra a Intervenção do Comunismo Internacional”. Essa resolução, porém, no começo da conferência, detinha o apoio somente dos países alinhados com os Estados Unidos; por isso, era necessário realizar um trabalho de convencimento dos outros Estados latino-americanos em meio a essa conferência. Ao mesmo tempo, o embaixador guatemalteco nos Estados Unidos, Guillermo Toriello, que chefiava a delegação da Guatemala, confrontava a narrativa apresentada pelo Secretário de Estado estadunidense para os representantes dos países presentes (Vicente, 2014).

Enquanto o argumento de John Foster Dulles era que o comunismo havia se infiltrado na Guatemala, Toriello respondia que o pan-americanismo era inútil para enfrentar os problemas do continente e que a Guatemala não era país-satélite, nem da União Soviética, nem dos Estados Unidos, e denunciou que a *United Fruit Company* e as companhias estrangeiras realizavam ações similares às primeiras práticas colonialistas, e que não contribuíam para desenvolvimento do país explorado, a não ser gerando lucro para os acionistas dessas empresas. Toriello antecipou seu voto contra qualquer resolução que fosse considerada “anticomunista”, pois pensava que era um pretexto para atacar a soberania de países latino-americanos independentes (Vicente, 2014).

Apesar da perspectiva anticomunista dos Estados Unidos ser adotada por diversos países latino-americanos, havia o receio de que a resolução apresentada pelos EUA resultasse na violação do princípio de não intervenção entre países americanos. Países como México e Argentina abstiveram-se da votação, enquanto a Guatemala votou contra a resolução proposta na conferência. O chanceler mexicano, em favor dos argumentos apresentados por Toriello, “[...] recordou ainda o tempo em que o México passou por profundas reformas econômicas e sociais durante o período revolucionário, ficando isolado internacionalmente” (Martins, 2016, p. 10). A delegação da Argentina também se absteve, pois, segundo Martins (2016, p. 11), o então presidente “Perón realizava à época esforço importante para recompor as relações com os Estados Unidos. Nesse esforço de aproximação, no entanto, buscava não comprometer certa autonomia no campo político e econômico [...]”.

²³⁵ Memorandum for the Record, Washington, March 9, 1954. In: HOLLY, Susan K.; PATTERSON, David S. (orgs.) *Foreign Relations of the United States, 1952-1954: Guatemala*. Washington: Government Printing Office, 2003. Documento 113.

Por conta da resolução não ter sido aceita prontamente sem que críticas tivessem sido feitas, Dulles cedeu à pressão dos participantes, sugerindo ser necessária a convocação de uma reunião de consulta antes que qualquer medida fosse tomada, além de acrescentar a seguinte frase na resolução: “Esta declaração de política externa feita pelas repúblicas americanas em relação aos perigos de origem extracontinental destina-se a proteger e não a prejudicar o direito inalienável de cada Estado americano de escolher livremente sua própria forma de governo e sistema econômico, e de viver sua própria vida social e cultural”^{236,237}. No dia 13 de março de 1954, portanto, a Conferência de Caracas aprovou a resolução XCIII, apresentada por John Foster Dulles, por uma maioria de 17 votos a favor (Morgenfeld, 2010, p. 88).

Na visão do então Secretário de Estado estadunidense, a conferência havia sido um sucesso, pois legitimava a operação que já estava em andamento – que visava depor Jacobo Árbenz – apesar de que, segundo Morgenfeld (2010, p. 89), John Foster Dulles tivesse ido a Caracas na expectativa de ratificar “[...] um projeto que legitimava uma ação conjunta ou individual contra algum país latino-americano que ‘sofrera uma agressão extracontinental’ [...]”²³⁸, e os debates ocorridos na conferência haviam transformado esse mesmo projeto, resultando em uma resolução que “[...] previa uma convocação de uma reunião de consulta que exigiria medidas adequadas em conformidade com os tratados já existentes”²³⁹.

As práticas do governo dos Estados Unidos em relação ao governo de Árbenz, de uso dos serviços de inteligência, propaganda e mídia, e das instituições internacionais, do capital privado e do militarismo, confluem com o conceito proposto por Moniz Bandeira de “ultraimperialismo”, o qual, segundo o autor:

Implica uma política de poder, e os Estados Unidos configuram a única potência capaz de executá-la, com o objetivo estratégico de assegurar fontes de energia e de matérias-primas, bem como os investimentos e os mercados de suas grandes corporações, mediante a manutenção de bases militares nas mais diversas regiões do mundo, nas quais avançam seus interesses, através da mídia, de ações encobertas dos serviços de inteligência, de *lobbies*, de corrupção, de pressões econômicas diretas ou indiretas, por meio de organizações internacionais, como o Banco Mundial e o FMI, nas quais detêm posição majoritária (2017, n.p.).

²³⁶ Ver original: “Esta declaración de política exterior hecha por las repúblicas americanas en relación con los peligros de origen extracontinental está destinada a proteger y no a menoscabar el derecho inalienable, de cada Estado americano, de elegir libremente su propia forma de gobierno y sistema económico, y de vivir su propia vida social y cultural”; tradução de minha autoria.

²³⁷ Essa citação da resolução retirada de Morgenfeld (2010, p. 88) é encontrada em: *Dotación Carnegie para la Paz Internacional*. Conferencias Internacionales Americanas. Segundo suplemento 1945-1954. Washington: Dotación Carnegie para la Paz Internacional, Publicación de la Unión Panamericana, 1956, p. 363-4.

²³⁸ Ver original: “[...] un proyecto que legitimaba una acción conjunta o individual contra algún país latinoamericano que ‘sufriera una agresión extracontinental’ [...]”; tradução de minha autoria.

²³⁹ Ver original: “[...] preveía el llamado a una reunión de consulta exigiría medidas adecuadas, en conformidad con los tratados existentes”; tradução de minha autoria.

No entanto, embora seja possível relacionar o conceito apresentado acima com a intervenção dos Estados Unidos na Guatemala, não podemos generalizar o aparato estatal estadunidense em relação esse caso de intervencionismo, pois, como foi observado no primeiro capítulo, houve uma confluência de fatores que possibilitou o alinhamento entre o Departamento de Estado e a CIA. Lembremos, também, que não era um assunto de amplo conhecimento no departamento e na agência, o que fez com que a operação PBSUCCESS fosse aprovada, além de serem poucos os indivíduos que sabiam e estavam a par do plano de deposição de Jacobo Árbenz do cargo de presidente da Guatemala, como determinados membros do Departamento de Estado, somente um diretorado da CIA e seus agentes e o presidente Eisenhower.

3.2 A deposição de Jacobo Árbenz

Como foi visto, a intervenção dos Estados Unidos na Guatemala se deu por três frentes: pela ação sigilosa da CIA, pela legitimação por parte do Departamento de Estado e pelas forças locais capitaneadas por Castillo Armas – com a CIA sendo a força motriz da operação, conectando-se tanto com Armas quanto com o Departamento de Estado. Em janeiro de 1954, a CIA produz um memorando²⁴⁰ em que consta uma série de assuntos objetivando preparar um determinado indivíduo para um encontro com Castillo Armas, no qual se observa o que a agência considerava fatores determinantes para o plano de ação da operação. No documento consta que:

A utilização das táticas de bombardeio para neutralizar qualquer ponto forte foi eliminada, até mesmo como um fator psicológico, tendo em vista que o próprio conceito do movimento é o de libertar pessoas da opressão. Todas as ações devem permitir que esse elemento insatisfeito participe da derrubada da opressão ou, pelo menos, contribua por simpatia.²⁴¹

Nele também se observa que se procurava evitar que ocorresse uma guerra civil prolongada na Guatemala, pois, além de causar implicações que seriam negativas para os Estados Unidos, uma vez que quanto maior a duração do conflito diário, mais recursos seriam utiliza-

²⁴⁰ Memorandum Prepared in the Central Intelligence Agency, Washington, January 23, 1954. In: HOLLY, Susan K.; PATTERSON, David S. (orgs.) *Foreign Relations of the United States, 1952-1954: Guatemala*. Washington: Government Printing Office, 2003. Documento 84.

²⁴¹ Ver original: “Utility of bombing tactics to neutralize any strongpoint has been eliminated, even as a psychological factor, in view of the fact that the very concept of the movement is that of release of persons from oppression and all actions must allow this discontented element to participate in the overthrow of oppression or at least aid by sympathy”; tradução de minha autoria.

dos, de modo que a oposição em relação aos invasores poderia se fortalecer. Por isso, em vez dos alvos serem atacados em ocasiões distintas, eles deveriam sofrer um ataque simultâneo. Podemos observar que, formalmente, a agência aspirava realizar uma missão rápida e sem maiores consequências. Dessa forma, como pensamento que visava livrar os guatemaltecos de um regime “opressivo”, as táticas que seriam empregadas deveriam fazer com que os próprios guatemaltecos se juntassem na ação de retirar Árbenz da presidência do país. No entanto, conforme o plano vai sendo posto em prática, a operação vai se apoiando em ferramentas como a propaganda política, com a utilização da mentira e do pânico moral, ou seja, de criar uma sensação coletiva na Guatemala que o governo guatemalteco estaria sob controle dos comunistas, além de realizar bombardeamentos aéreos em diversos pontos estratégicos na Guatemala, como no porto de *San José* e nos arredores da capital do país (Vicente, 2014).

A CIA contou também com o apoio dos governos aliados de Honduras e Nicarágua, que, como foi visto no capítulo anterior, já haviam estabelecido laços com Castillo Armas. Sendo Honduras o local onde ele estabeleceu sua base para organizar as tropas opositoras ao governo guatemalteco, e Nicarágua o país que, em 1952, através de Anastasio Somoza, entrou em contato com Harry S. Truman para tratar da retirada de Árbenz da presidência da Guatemala – época em que já se mencionava o nome de Castillo Armas como um dos principais líderes da oposição local à Árbenz. No mês de fevereiro de 1954, agentes da CIA chegaram a Honduras para iniciar o treinamento de algumas dezenas de exilados guatemaltecos e também criarem dois novos campos de treinamento na Nicarágua. Também, no país de Somoza, em uma pista de voo abandonada, alguns pilotos guatemaltecos estavam treinando para integrar as forças de Castillo Armas, e a CIA, por sua vez, realizou a compra de aviões e a contratação de pilotos americanos para executar a operação (Gleijeses, 1991, p. 289, p. 292).

O outro lado da operação realizada pela CIA, o da propaganda local, com o objetivo de mobilizar o povo guatemalteco contra Árbenz e, conseqüentemente, a favor de Armas, teve início no mês de março de 1954. Uma rádio ilegal foi criada com o intuito de simular que estava sendo transmitida diretamente da Guatemala. Primeiramente foi selecionado um time de técnicos, escritores e locutores da Cidade da Guatemala, que de lá iriam para a Flórida, onde se daria o planejamento e, por fim, iriam até a Nicarágua estabelecer a rádio; e assim, no dia 1º de maio, a rádio *La Voz de la Liberación* foi ao ar, anunciando que as horas do “traidor Jacobo” estavam contadas (Gleijeses, p. 295). Segundo Immerman (2004, p. 164), quase todos os guatemaltecos que possuíam rádio ouviam-na regularmente, pois as transmissões informavam que Castillo Armas tinha tudo o que era necessário para derrotar Árbenz. O autor continua dizendo que as transmissões soavam tão autênticas que muitos correspondentes es-

trangeiros pensavam que era a mais confiável fonte de informação do país. Em maio também ocorreu o envio do armamento tchecoslovaco para a Guatemala, que, como já visto neste trabalho, foi o catalisador que deu à operação PBSUCCESS um grau de urgência e necessidade para “parar o comunismo na Guatemala” e sua eventual ampliação nos seus países vizinhos.

Nesse contexto de aprovação da operação PBSUCCESS, ações como a realização da Conferência de Caracas e a utilização do envio de armamento do bloco soviético para o governo de Árbenz – como ferramenta de propaganda utilizada pelos irmãos Dulles – e também à concomitância ao estabelecimento das bases da operação em Honduras e na Nicarágua, além da criação da rádio clandestina agiam em prol do mesmo fim. Pode-se notar, então, que o pessoal da CIA, designado para realizar a operação, e determinados membros do Departamento de Estado estavam agindo de uma maneira conjunta para que a operação fosse concluída com sucesso.

Além do uso de todo o aparato preparado pela CIA e das táticas disponibilizadas através da agência para realizar a operação, também havia um movimento de oposição contra o governo guatemalteco que agia simultaneamente com a execução da missão orquestrada, mas que realizava suas ações de maneira isolada da CIA. Um memorando²⁴² do Vice-diretor de Planos Frank G. Wisner para o diretor da CIA Allen W. Dulles informa que:

Os ativos psicológicos incluem muitos jornais e estações de rádio não controlados ou influenciados pela CIA, que ainda são independentes. Por exemplo, o jornal ‘El Espectador’ é fortemente anticomunista, assim como Clemente Marroquin Rojas, o jornalista mais influente na Cidade da Guatemala. Admitidamente, esses veículos independentes devem agir com cautela, e seus dias de independência podem estar contados, mas por enquanto eles sobrevivem. Por outro lado, um grupo controlado na Cidade da Guatemala publica semanalmente o jornal “El Rebelde”, direciona equipes de cartazes e panfletos, uma equipe de provocação telefônica, esquadrões de agressores e realiza transmissões de rádio intermitentes. Além disso, esse grupo opera uma organização política composta por uma coalizão de diversos grupos políticos conhecida como Frente Anticomunista Nacional (FAN), que oferece cobertura em todo o país. Isso é complementado por um grupo especial chamado ‘Inspetores’, que viaja periodicamente por todo o país para entrar em contato com vários agentes.²⁴³

²⁴² Memorandum From the Deputy Director for Plans of the Central Intelligence Agency (Wisner) to Director of Central Intelligence Dulles, Washington, April 24, 1954. In: HOLLY, Susan K.; PATTERSON, David S. (orgs.) *Foreign Relations of the United States, 1952-1954: Guatemala*. Washington: Government Printing Office, 2003. Documento 133.

²⁴³ Ver original: “Psychological assets include many newspapers and radio stations, not controlled or influenced by CIA, which are still independent. ‘El Espectador’, for example, is strongly anti-Communist. So is Clemente Marroquin Rojas, the most influential journalist in Guatemala City. Admittedly these independents must move with caution and their days of independence may well be numbered but for the moment they survive. A controlled group in Guatemala City publishes a weekly, ‘El Rebelde’, directs poster and leaflet teams, a telephone provocation team, ‘goon’ squads and runs intermittent radio broadcasts. It also operates a political organization consisting of a coalition of numerous political groups known as the National Anti-Communist Front (FAN which provides coverage of the entire country. This is supplemented by a special group, ‘Inspectors’, who periodically travel throughout the country contacting numerous agents”; tradução de minha autoria.

Porém, mesmo assim, “Várias outras pequenas publicações anticomunistas em várias partes da Guatemala recebem apoio financeiro e orientação”²⁴⁴. A operação, portanto, fazia uso de um cenário local na Guatemala em que já existia uma resistência ao governo de Árbenz, com algumas organizações que possuíam e outras não o suporte da CIA. O que a agência faz a partir do uso de ações encobertas, utilizando tanto o suporte material como a guerra psicológica por meio da propaganda, é, na parte de armamento e treinamento, aumentar a capacidade dessas forças, e na parte de mobilizar a opinião pública pela propaganda, fazer com que uma narrativa anticomunista e contra Árbenz tivesse cada vez mais alcance. Em abril de 1954, John E. Peurifoy afirmou²⁴⁵ que o governo estava sob controle de um pequeno número de comunistas e que o cenário na Guatemala era “receptivo” para as ideias que confrontavam diretamente o governo guatemalteco. Além de também mencionar que diversos grupos que faziam oposição ao governo de Árbenz, principalmente os estudantes universitários, estariam prontos para agir.

No mês de maio, após o escândalo da chegada do carregamento da Tchecoslováquia, um avião sobrevoou a capital da Guatemala, despejando panfletos que informavam aos cidadãos do país que “a liberação estava nas mãos deles”. Nos dias seguintes, diversos outros aviões não identificados planaram sobre a cidade, dando a impressão de um ensaio para um eventual bombardeamento da mesma. Nos fins do mesmo mês, a ação começara por parte das forças opositoras treinadas pela CIA que residiam na Nicarágua, principalmente sabotando trens que ligavam *Puerto Barrios* e a capital do país, sendo o primeiro ataque ao trem que carregava o armamento tcheco, ação que fora louvada pela rádio *La Voz de la Liberación*. Apesar do trem não ter sido afetado pela explosão, que apenas produziu pequenos danos, ocorreu um tiroteio no qual um sabotador morreu enquanto outros escaparam (Gleijeses, 1991, p. 309-310).

Durante o período noturno na última semana de maio, panfletos eram empurrados por baixo das portas das casas dos guatemaltecos, informando para as pessoas prepararem listas com o nome de comunistas para, quando o governo fosse deposto, as enviarem às autoridades, que executariam a “justiça”. Ainda em maio, mais precisamente no dia 24, iniciou-se, idealizada pelos irmãos Dulles, a operação *Hardrock*, que visava realizar um bloqueio naval para que nenhum armamento ou munição chegasse à Guatemala (Gleijeses, 1991, p. 310, p. 312).

²⁴⁴ Ver original: “Several other small anti-Communist publications in various parts of Guatemala receive financial aid and guidance”; tradução de minha autoria.

²⁴⁵ Memorandum for the Record, Washington, April 21, 1954. In: HOLLY, Susan K.; PATTERSON, David S. (orgs.) *Foreign Relations of the United States, 1952-1954: Guatemala*. Washington: Government Printing Office, 2003. Documento 131.

Esse bloqueio, que os próprios John Foster Dulles e Allen W. Dulles sabiam que violava as leis internacionais, era realizado por navios estadunidenses. No tempo em que durou a operação, de maio até a deposição de Árbenz, não foi encontrado nenhum carregamento com armamento ou munição com destino à Guatemala. Porém, essa operação não visava apenas dificultar um plano de defesa por parte de Árbenz, mas também funcionar a partir de um aspecto psicológico (Gleijeses, 1991, p. 313).

Os membros do Departamento de Estado, que sabiam e participavam do desenrolar da intervenção estadunidense na Guatemala, tinham como objetivo legitimar o papel dos Estados Unidos em uma eventual deposição de Jacobo Árbenz da presidência enquanto a CIA realizava as ações clandestinas. No entanto, tratando-se da operação *Hardrock*, pode-se observar que o Departamento de Estado também realizava atos que violavam leis internacionais em prol da operação PBSUCCESS, tanto que o Vice-secretário Assistente de Estado do departamento, Robert Murphy, não fora consultado, e quando soube, manifestou-se contra esse bloqueio ser posto em prática (Gleijeses, 1991).

Após a aprovação da operação *Hardrock*, os Estados Unidos procuraram realizar uma conferência especial da OEA na tentativa de aprovar sanções em relação ao governo de Árbenz. Ela ocorreria no dia 1 de julho, em Montevidéu, e em um telegrama²⁴⁶ já mencionado no capítulo anterior, da Secretaria do Estado para determinados *diplomatic offices*²⁴⁷ localizados na América Latina, consta que essa reunião se ocuparia de assuntos como a penetração comunista na Guatemala, a recomendação de medidas que prevenissem o envio de armamento do bloco soviético para as américas e também realizaria um chamado para o governo guatemalteco para eliminar agentes comunistas estrangeiros e se dedicar a defender o continente americano contra todas as formas de intervenção estrangeira, embora o plano de depor Árbenz já estava sendo posto em prática por meio das ações encobertas executadas pela CIA. Essa conferência acabou não ocorrendo, pois Árbenz foi deposto antes, ainda que Holland havia indicado, em uma reunião²⁴⁸ no Departamento de Estado, que mesmo após a deposição do então presidente, a conferência ocorreria, porém em outra data (Gleijeses, 1991).

²⁴⁶ The Acting Secretary of State to Certain Diplomatic Offices in the American Republics, Washington, May 29, 1954, 6 p.m. In: KANE, N. Stephen; SANFORD Jr., William F. (orgs.) *Foreign Relations of the United States, 1952-1954, The American Republics*, Washington: Government Printing Office, 1983, p. 1149-1151.

²⁴⁷ “Escritórios diplomáticos”, em tradução literal.

²⁴⁸ Notes of a Meeting of the Guatemalan Group, Held at the Department of State, June 16, 1954. In: KANE, N. Stephen; SANFORD Jr., William F. (orgs.) *Foreign Relations of the United States, 1952-1954, The American Republics*, Washington: Government Printing Office, 1983, p. 1170-1172.

Após da CIA haver se preparado desde o início de 1952, e desde a aprovação da operação PBSUCCESS em agosto de 1953, a operação estava tomando forma. Kate Doyle (1997, p. 37-38), a respeito das táticas utilizadas pela agência, argumenta que:

Para assustar funcionários do governo, da polícia e militares opositores, a CIA e seus agentes enviaram a eles avisos de morte, fizeram chamadas telefônicas anônimas (de preferência entre 2 e 5 da manhã), espalharam rumores sobre suas vidas pessoais e profissionais, e enviaram símbolos ameaçadores para suas casas, como um caixão ou uma forca. A CIA também empregou uma rede de estudantes guatemaltecos anticomunistas para criar a impressão de uma grande oposição organizada a Árbenz. Os estudantes distribuíram panfletos em reuniões públicas, cobriram paredes com grafites antigoverno e distribuíram notícias falsas escritas por operativos da CIA. Essas táticas tiveram sucesso demais. O governo de Árbenz reprimiu a oposição, prendendo e torturando dezenas dos jovens ativistas usados pela Agência.²⁴⁹

Em junho de 1954, iniciaria a invasão por parte das tropas de Castillo Armas em direção à Cidade da Guatemala. O objetivo era depor Árbenz da presidência. Porém, o então presidente estava confiante que as tropas de Armas não seriam o bastante para derrotar as forças armadas da Guatemala. Segundo Gleijeses (1991, p. 320): “A resposta inicial de Árbenz à invasão baseou-se na sua crença de que Castillo Armas não representava uma ameaça militar. Seus informantes em Honduras haviam assegurado a ele que havia apenas algumas centenas de rebeldes. Derrotá-los não seria difícil”²⁵⁰.

Árbenz não estava enganado, pois Armas não possuía uma grande quantidade de homens à sua disposição. E assim, 222 deles cruzariam a fronteira de Honduras e Guatemala no dia 18 de junho, 192 atacariam *Puerto Barrios* e 60 iriam adentrar na Guatemala por El Salvador. No entanto, eles foram impedidos pela polícia salvadorenha e presos, sendo que 10 sabotadores treinados, antes da invasão começar, adentraram na Guatemala e iniciaram o trabalho de explodir as linhas ferroviárias e cortar as linhas de telégrafo (Cullather, 2006, p. 87-88; Gleijeses, 1991, p. 320).

Nesse mesmo dia, a administração de Árbenz realizou uma petição na ONU para que essa “agressão externa”, interpretada como uma ação realizada pela Nicarágua, Honduras e

²⁴⁹ Ver original: “In order to frighten unfriendly government, police, and military officials, the CIA and its agents sent them death notices, made anonymous phone calls (‘preferably between 2 and 5 a.m.’), spread rumors about their personal and professional lives, and mailed threatening symbols to their homes, such as a coffin or a hangman’s noose. The CIA also employed a network of anti-communist Guatemalan students to create the impression of a large, organized opposition to Árbenz. Students leafleted public gatherings, covered walls with anti-government graffiti and distributed phony news articles written by CIA operatives. These tactics succeeded too well. Árbenz’s government cracked down on the opposition, arresting and torturing dozens of the young activists used by the Agency”; tradução de minha autoria.

²⁵⁰ Ver original: “Árbenz’s initial response to the invasion was based on his belief that Castillo Armas posed no military threat. His informers in Honduras had assured him that there were only a few hundred rebels. To defeat them would not be difficult”; tradução de minha autoria.

pela *United Fruit Company* fosse interrompida. No dia 20 de junho, o Conselho de Segurança aprovou uma moção francesa requerendo o fim de qualquer ação que pudesse levar ao derramamento de sangue. Publicamente, os EUA apoiaram essa moção, porém, o Secretário de Estado John Foster Dulles foi veemente contra essa ação por parte da França, pois, segundo ele, as Nações Unidas não deveriam intervir em assuntos do Hemisfério Ocidental (Cullather, 2006, p. 92; Gleijeises, 1991, p. 329-330; Vicente, 2014).

Um dia depois, o chanceler Guillermo Toriello recorreu ao Conselho de Segurança das Nações Unidas pedindo que qualquer ação necessária fosse tomada. O conselho era presidido por Henry Cabot Lodge, delegado dos EUA nas Nações Unidas. Internamente, idealizou-se um veto a ser proposto pelos Estados Unidos em relação a esse pedido, porém, seria o primeiro veto realizado pelo país, o que poderia resultar em uma propaganda que o prejudicasse. As delegações da França e Inglaterra tinham a ideia de enviar observadores da ONU à região, pois estavam preocupados com as ramificações legais desse caso, principalmente por conta da jurisdição das Nações Unidas. A partir desse momento, foi realizada uma pressão do Departamento de Estado para que isso não acontecesse (Cullather, 2006, p. 92; Gleijeises, 1991, p. 330-331). Dulles, em telefonema²⁵¹ com Lodge, discorre:

O Presidente disse que acha que você deveria informar aos britânicos e franceses que, se eles adotarem uma linha independente apoiando a ação da Guatemala neste assunto, significaria que nos sentiríamos totalmente livres, sem levar em consideração a posição deles em relação a quaisquer questões como seus problemas coloniais no Egito, Chipre etc. Se eles sentirem que podem adotar uma linha independente, a contrapartida será que eles devem considerar que também seremos igualmente livres para ser independentes, quando qualquer um dos assuntos, como Norte da África, Oriente Médio etc., surgirem na ONU.²⁵²

Visto o trecho acima, pode-se notar como os Estados Unidos utilizam um argumento que tem como base os “problemas coloniais” enfrentados pela Inglaterra e França, dando uma conotação que os EUA consideravam a situação da Guatemala como um assunto de base colonial, como se ela fosse uma colônia dos Estados Unidos. Essa perspectiva denota que somente o país colonizador poderia tratar de um assunto de sua colônia, indo diretamente de encontro com o princípio das organizações interamericanas que visavam uma colaboração

²⁵¹ Memorandum of Telephone Conversation, by the Secretary of State, Washington, June 24, 1954. In: KANE, N. Stephen; SANFORD Jr., William F. (orgs.) *Foreign Relations of the United States, 1952-1954*, The American Republics. Washington: Government Printing Office, 1983, p.1184-1185.

²⁵² Ver original: “The President said he thinks you should let the British and French know that if they take independent line backing Guatemalan move in this matter, it would mean we would feel entirely free without regard to their position in relation to any such matters as any of their colonial problems in Egypt, Cyprus etc. If they feel they can take independent line, the counterpart will be that they must consider that we will be free equally to be independent, when any of the matters such as North Africa, Middle East etc., come up before the UN”; tradução de minha autoria.

entre os países americanos. Os Estados Unidos, portanto, se colocava na mesma situação da Inglaterra e França em relação aos desafios coloniais que esses países enfrentavam, porém em relação à Guatemala.

No dia 25 de junho o Conselho de Segurança da ONU se recusou, através de uma votação, com abstenção da Inglaterra e da França, a considerar o pedido da Guatemala, de forma que essa questão foi transferida para a OEA, onde foi agendada uma reunião para o dia 7 de julho de 1954. Porém, essa reunião nunca chegou a ser realizada (Gleijeses, 1991, p. 331; Vicente, 2014).

No começo da invasão, as forças rebeldes que lutavam contra Árbenz tiveram um lento progresso e fizeram uso da força aérea, ações que não resultaram no que se havia imaginado. Além disso, também fora recomendado às tropas rebeldes a não entrarem em conflito direto com o exército da Guatemala, pois esses ataques poderiam realizar um efeito de unificação das tropas, e assim a rebelião liderada por Armas seria rapidamente derrotada. Após o pânico inicial gerado pela invasão, esse sentimento se dissipou entre os guatemaltecos, que perceberam que “nada iria acontecer” (Cullather, 2006, p. 88-89).

Embora tenha sido executada em diversas frentes, as tropas de Armas, durante essa invasão, no entanto, sofreram diversas derrotas pelas forças nacionais da Guatemala. A principal foi em *Puerto Barrios*, na qual as forças rebeldes de Armas se reduziram quase pela metade. Em uma tentativa de se recuperar dessas derrotas, foi autorizado um ataque aéreo nas redondezas da Cidade da Guatemala, o que gerou a impressão de “fraqueza” das forças rebeldes. Isso chegou ao ponto de Castillo Armas solicitar bombardeamentos mais eficazes que os que haviam sido realizados, pois, do contrário, ele seria obrigado a abandonar a missão (Cullather, 2006, p. 90).

Até esse momento, a operação PBSUCCESS estava rumo a uma derrota pelas forças nacionais. Entretanto, o exército da Guatemala não era totalmente partidário em relação à Árbenz, o que gerou uma situação na qual o então presidente se viu ameaçado tanto pela invasão externa quanto pelo próprio exército de seu país, o qual, embora contrário à investida de Armas, os militares também eram contra essa suposta infiltração do comunismo no seu governo. Nesse cenário, aventava-se que, caso Árbenz não renunciasse, as forças armadas poderiam entrar em acordo com Castillo Armas (Cullather, 2006, p. 97).

A invasão continuou com um aumento considerável do uso da força aérea e com a vitória sob as forças nacionais em determinados lugares. De acordo com Cullather (2006, p. 98), houve uma reunião na Casa Branca a respeito desse uso entre Eisenhower, que perguntou a Allen W. Dulles quais chances os rebeldes teriam sem o auxílio aéreo, que respondeu “prati-

camente zero”. O presidente dos EUA, então, perguntou quais seriam as chances com o auxílio aéreo, e Dulles o respondeu que aumentariam para 20%. E assim, Eisenhower tomou a decisão de enviar dois pilotos, dando início a uma série de bombardeios em diferentes regiões da Guatemala. Henry Holland, Secretário Assistente de Estado para Assuntos Interamericanos que estava presente na reunião, foi contrário a essa ação. Assim, com o exército em vias de se voltar contra Árbenz, o então presidente da Guatemala decidiu armar a população, porém, essa ação não se materializou, talvez porque lutar tanto contra Castillo Armas e suas tropas e contra o exército guatemalteco não parecesse viável (Cullather, 2006, p. 100).

Também em junho de 1954, mais precisamente dia 20, ou seja, dois dias depois do início da invasão das tropas de Armas na Guatemala, um memorando²⁵³ preparado pela CIA discorre sobre a importância do aspecto psicológico da operação PBSUCCESS, tratando como parte fundamental da mesma. No documento consta que:

Todo o esforço depende mais do impacto psicológico do que propriamente da força militar, embora seja a capacidade do esforço de Armas de criar e manter por um curto período a impressão de uma força militar muito substancial que o sucesso deste esforço particular depende principalmente. O uso de um pequeno número de aviões e o uso massivo de transmissões de rádio são projetados para construir e dar suporte principal à impressão da força de Armas, bem como para espalhar a impressão da fraqueza do regime.²⁵⁴

A partir desse momento, diferentes interpretações podem ser realizadas quanto a qual foi o motivo que teria levado Jacobo Árbenz a renunciar ao cargo de presidente da Guatemala. Internamente, na CIA, Cullather (2006, p. 98) argumenta que se alimentou uma narrativa de que o então presidente “perdeu a paciência” por conta da pressão psicológica, dos ataques aéreos e da propaganda realizada através do rádio. Realmente, como complementa o autor, tratou-se de um golpe militar, porém, Cullather diminui a importância dessas práticas realizadas pela agência na Guatemala. No entanto, o papel da CIA e do Departamento de Estado não pode ser subvalorizado pela razão de Árbenz ter escolhido renunciar ao cargo de presidente do país.

Desde o ano de 1952, a CIA vinha apoiando forças contrárias ao governo de Árbenz e, em agosto de 1953, quando a operação PBSUCCESS foi aprovada, o governo guatemalteco passou a ser alvo das ações encobertas da CIA e de uma pressão internacional por parte do

²⁵³ Memorandum Prepared in the Central Intelligence Agency, Washington, June 20, 1954. In: HOLLY, Susan K.; PATTERSON, David S. (orgs.) *Foreign Relations of the United States, 1952-1954: Guatemala*. Washington: Government Printing Office, 2003. Documento 214.

²⁵⁴ Ver original: “The entire effort is thus more dependent upon psychological impact rather than actual military strength, although it is upon the ability of the Armas effort to create and maintain for a short time the impression of very substantial military strength that the success of this particular effort primarily depends. The use of a small number of airplanes and the massive use of radio broadcasting are designed to build up and give main support to the impression of Armas' strength as well as to spread the impression of the regime's weakness.”; tradução de minha autoria.

Departamento de Estado. O aspecto psicológico e a questão da propaganda, já mencionados anteriormente neste capítulo, também não podem ser retirados da questão, pois a penetração das informações falsas disseminadas pela CIA colaborou também no aumento da oposição de Árbenz, o que levou a um cenário conturbado de perseguições políticas por parte do governo da Guatemala, gerando conseqüentemente uma maior oposição interna, principalmente do exército.

Às 8 da manhã do dia 27 de junho de 1954, Jacobo Árbenz anunciou sua renúncia ao cargo de presidente da Guatemala. De acordo com Immerman (2004, p. 174), essa renúncia, entretanto, gerou um novo problema, pois Castillo Armas não estava próximo da capital e Allen W. Dulles não confiava no indicado por Árbenz para ocupar o posto de presidente do país. Dessa maneira, foi passado o poder para o Coronel Carlos Enrique Díaz de León, que ocupava a posição de chefe das forças armadas durante a administração de Árbenz e possuía total confiança do recém deposto presidente, na expectativa de que o exército se unisse sob o comando de Díaz e que, assim, as políticas realizadas e os avanços sociais feitos no país em busca de democratizar e diminuir a desigualdade social na Guatemala desde a Revolução de 1944 permanecessem (Gleijeses, 1991). Díaz garantiu a Árbenz que ele não realizaria acordos com Castillo Armas (esse era um fator determinante para que Árbenz abrisse mão da presidência para Díaz ocupar o cargo de presidente da Guatemala) e momentos após ocupar a presidência, realizou um discurso no qual o exército continuaria a lutar contra Armas e suas tropas. Nesse momento, os Estados Unidos agora se ocupariam do esforço de fazer uma transição de poder para que Castillo Armas assumisse a presidência da Guatemala (Immerman, 2004).

3.3 A instauração de Castillo Armas na presidência da Guatemala

Internamente, na CIA, STANDEL-1 era o criptônimo do Coronel Díaz, o recém-empossado presidente da Guatemala, após a renúncia de Jacobo Árbenz. No dia 28 de julho de 1954, um dia após a consecução do principal objetivo da operação PBSUCCESS, que era retirar Jacobo Árbenz do poder, um telegrama²⁵⁵ do QG da operação é enviado para a estação da CIA na Guatemala. Nele, afirma-se que Díaz deveria ser removido da presidência do país antes do meio-dia, caso ele não aceitasse as condições impostas por Castillo Armas de um

²⁵⁵ Telegram From Operation PBSUCCESS Headquarters in Florida to the CIA Station in Guatemala, [place not declassified], June 28, 1954. In: HOLLY, Susan K.; PATTERSON, David S. (orgs.). *Foreign Relations of the United States, 1952-1954: Guatemala*. Washington: Government Printing Office, 2003. Documento 246.

cessar-fogo. Conforme o documento, não havia opção senão continuar o combate, a menos que Díaz se posicionasse “imediatamente contra o comunismo, aceitando os termos anunciados e chamando um cessar-fogo para formar um novo governo com Calligeris²⁵⁶. Fazer o contrário seria renunciar às nossas vantagens atuais e possivelmente virar vítima”²⁵⁷. Vítima nesse caso das tropas invasoras e dos opositores de Árbenz.

Ainda no mesmo dia, em outro telegrama²⁵⁸, foi mencionado que era necessário dizer a “[...] Díaz que os bombardeamentos começarão ao meio-dia de 28 de junho e não pararão até que o exército de libertação ocupe o palácio ou Díaz concorde com os termos anunciados”²⁵⁹. Além disso, foi abordado que SHERWOOD, nome dado à estação de rádio ilegal plantada pela CIA, deveria continuar “[...] realizando o apelo que os anticomunistas são vitoriosos e Díaz deve concordar com o cessar-fogo antes que centenas de inocentes soldados morram em uma causa perdida. A única maneira de parar o derramamento de sangue é expulsar o comunismo. Nenhuma outra solução é aceitável”²⁶⁰.

Pode-se observar que a narrativa do anticomunismo permaneceu mesmo após a deposição de Árbenz e que, só quando Castillo Armas tomasse o poder, a Guatemala estaria livre do comunismo. Nesse momento, a pressão de uma possível continuação do ataque era a principal chave para que Díaz colaborasse com Castillo Armas e ocorresse uma transição do poder. No entanto, o embaixador dos Estados Unidos na Guatemala, John E. Peurifoy, já havia tido contato com Díaz, inclusive o aconselhando em aceitar a resignação de Árbenz da presidência. Durante esse momento em que a CIA usava a tática de pressionar Díaz, Peurifoy agia em outra frente, na busca de fazer a transição do poder para Castillo Armas, embora o embaixador estadunidense tenha recomendado a tática de bombardear a capital da Guatemala como meio de convencimento (Cullather, 2006, p. 102; Immerman, 2004, p. 174).

Díaz, na esperança de agradar Peurifoy, formou uma junta militar, porém, não foi o suficiente, e logo em sequência, viu-se obrigado pelo embaixador estadunidense a resignar também da junta estabelecida, tendo agora Elfego Hernán Monzón Aguirre (membro da primeira

²⁵⁶ Pseudônimo de Castillo Armas.

²⁵⁷ Ver original: “[...] immediately against communism accepting terms announced and call cease fire for forming new govt with Calligeris. To do otherwise would be to surrender our present advantages and possibly fall victim”; tradução de minha autoria.

²⁵⁸ Telegram From Operation PBSUCCESS Headquarters in Florida to the Mission Broadcasting Station, [place not declassified], June 28, 1954. In: HOLLY, Susan K.; PATTERSON, David S. (orgs.). *Foreign Relations of the United States, 1952-1954: Guatemala*. Washington: Government Printing Office, 2003. Documento 248.

²⁵⁹ Ver original: “[...] Díaz bombings to start noon 28 June and will not stop until liberation army occupies palace or Díaz agrees to terms announced”; tradução de minha autoria.

²⁶⁰ Ver original: “[...] appeal that anti-Communists are victorious and Díaz must agree cease fire before hundreds of innocent army men die in lost cause. Only way to stop bloodshed is to drive communism out. No other solution acceptable”; tradução de minha autoria.

junta formada por Díaz) como presidente dessa junta militar. Apesar de haver um conflito entre Armas e Monzón, no dia 30 de junho de 1954, o Departamento de Estado organizou uma reunião em El Salvador para a formação de uma nova junta militar, agora contando com Castillo Armas e Monzón, que era o que Peurifoy desejava, além de mais três indivíduos (Cullather, 2006; Gleijeses, 1991).

No dia 2 de julho, o Pacto de San Salvador havia sido assinado. No dia 7 do mesmo mês, dois outros membros da junta resignaram, e agora, restando apenas Armas, um aliado e Monzón, o último se viu com nenhuma outra opção a não ser votar em Castillo Armas para ocupar o posto de presidente da junta militar. Em setembro, Monzón foi retirado da junta militar e a mesma foi dissolvida, e, em outubro de 1954, através de um plebiscito e como candidato único, foi “eleito” presidente. Assim, Castillo Armas chegou ao cargo de presidente da Guatemala (Cullather, 2006, p. 103; Gleijeses, 1991, p. 357; Vicente, 2014).

Após a deposição de Árbenz, com o estabelecimento da junta sob o comando de Castillo Armas, em agosto de 1954, cerca de 100 cadetes atacaram um local na Cidade da Guatemala que estava abrigando 700 homens que haviam lutado contra Árbenz. A razão desse ataque foi que determinados membros da tropa de Armas realizaram humilhações públicas em cerca de quatro ou cinco cadetes: “Isso foi apenas uma em uma série de humilhações. Os apoiadores de Castillo Armas tiveram dificuldade em esconder seu desprezo por um exército que se rendeu sem lutar”²⁶¹ (Gleijeses, 1991, p. 359). Esses cadetes foram apoiados pela *Base Militar*, que não expressava o desejo de realizar uma insurgência contra Armas mas que enviou cerca de 200 homens ao local onde estava ocorrendo o conflito, e bloqueou o aeroporto, não permitindo mais nenhum ataque aéreo por parte de Armas; dessa maneira, os homens de Armas logo se renderam (Gleijeses, 1991).

No dia seguinte, o comandante da *Base Militar* foi até o palácio presidencial para comunicar a sua desistência desse conflito, enquanto outras unidades do Exército afirmavam que eles estariam prontos para atacar os cadetes. Então, eles se viram obrigados a se render em troca de não serem punidos, mas foram removidos de seus postos ou presos, além de aproximadamente 100 guatemaltecos terem sido mortos. Esse movimento por parte dos cadetes e oficiais tinha um forte caráter contra os Estados Unidos, e também se observa que não havia um senso de unidade ainda entre as forças armadas guatemaltecas e as tropas de Castillo Armas, conhecidos como *liberacionistas* (Gleijeses, 1991).

²⁶¹ Ver original: “This was merely one in a series of humiliations. Castillo Armas’s supporters had found it difficult to hide their contempt for an army that had surrendered without fighting”; tradução de minha autoria.

Apesar de a CIA haver realizado a operação e o Departamento de Estado ter sustentado as ações da mesma, nesse momento em que Jacobo Árbenz renuncia à presidência da Guatemala, John E. Peurifoy, embaixador dos Estados Unidos nesse país, teve um papel fundamental para que Castillo Armas assumisse o poder no país. No entanto, o que se sucedeu na Guatemala após 1954 foi um longo período de instabilidade política, perseguição, violação aos direitos humanos e uma longa guerra civil que começaria em 1960 e que viria a terminar somente em 1996.

Em julho de 1954, inicia-se, por parte da CIA, a operação PBHISTORY, a qual visava comprovar que a Guatemala estava sob o controle dos comunistas, e o *Directorate of Plans* enviou dois agentes ao lado de dois membros do Departamento de Estado no intuito de realizar essa missão. Pode-se interpretar que essa operação visava, com a comprovação documental que a Guatemala estava sob controle comunista, atenuar uma possível culpabilização dos Estados Unidos na deposição de Jacobo Árbenz, com a justificativa que embora tenha sido uma intervenção em um país latino-americano independente, a Guatemala estaria livre do comunismo. Portanto, com o auxílio da recém-instalada junta militar sob a direção de Castillo Armas, cerca de 150 mil documentos foram entregues, porém, nenhum comprovava essa suposta infiltração comunista e uma relação com a União Soviética (Cullather, 2006, p. 106-107; Doyle, 1997, p. 38).

O material produzido nessa operação seria distribuído para o National Security Council, para membros do Senado e outros indivíduos interessados. Frank G. Wisner estava em busca de documentos mais “incriminatórios”, quando, na verdade, esse material era composto, segundo Cullather (2006, p. 107), por “[...] fotografias da biblioteca de literatura marxista de Árbenz, materiais comunistas chineses sobre reforma agrária, páginas da cópia da biografia de Stalin da Sra. Árbenz, evidências de que Árbenz tentou comprar armas da Itália, e várias cartas e cabos revelando um ‘forte viés pró-comunista’”²⁶². Logo, o material não impressionou os membros do NSC. Após isso, membros da CIA e do Departamento de Estado tinham os cidadãos guatemaltecos que procuravam asilo como assunto não acabado, principalmente procurando evitar que eles fossem para a Cidade do México e planejassem sua volta à Guatemala, mesmo assim diversos indivíduos partiram da Guatemala. Árbenz, em setembro de 1954, após se exilar na embaixada do México na Guatemala, teve sua saída do país concedida por Castillo Armas, o que fez Árbenz ser revistado em frente a câmeras no aeroporto antes de sair

²⁶² Ver original: “[...] photographs of Árbenz’s library of Marxist literature, Chinese Communist materials on agrarian reform, pages from Mrs. Árbenz’s copy of Stalin’s biography, evidence that Árbenz had tried to purchase Arms from Italy, and various letters and cables revealing a ‘Strong pro-Communist bias’”; tradução de minha autoria.

do país. Árbenz passou seus últimos 17 anos de vida como um exilado político, passando por México, França, Suíça, Uruguai, Cuba e novamente México (Cullather, 2006, p. 109; García Ferreira, 2008, p. 63).

CONCLUSÃO

A presente dissertação procurou analisar como se deu a preparação e a execução, através de uma perspectiva interna, da primeira intervenção realizada pelos Estados Unidos em um país latino-americano durante a Guerra Fria, nesse caso a Guatemala. Esse processo, no entanto, esteve repleto de debates internos até que a operação fosse executada. A Guatemala, desde a década de 1930, era governada um regime ditatorial que privilegiava o capital privado estrangeiro, principalmente a empresa estadunidense *United Fruit Company*, e em 1944 ocorreu a Revolução Guatemalteca, que depôs o então ditador Jorge Ubico e iniciou o chamado “período revolucionário”. Durante esse período, o país iniciou seu processo de democratização, realizando políticas públicas e sociais, ainda que houvesse grupos que se opunham a esse processo. Porém, foi com a eleição de Jacobo Árbenz e com a promulgação da reforma agrária em 1952, que a Guatemala, apesar de já haver sido observada pelos departamentos e agências do governo dos Estados Unidos, ganha um novo destaque nessa conjuntura de Guerra Fria e contenção do comunismo. Fatores como a aproximação de Árbenz com membros do partido comunista da Guatemala, o PGT, bem como a relação entre o capital privado estadunidense e o governo dos EUA, também tiveram sua importância na decisão de intervir na Guatemala.

No primeiro capítulo foi abordado que durante a preparação e aprovação da operação PBSUCCESS, houve um conflito entre a CIA e determinados membros do alto escalão do Departamento de Estado. Naquele momento, o Departamento de Estado dos EUA conseguiu que a primeira operação aprovada com o objetivo de intervir na Guatemala, a operação PBFORTUNE, fosse cancelada por Harry S. Truman. Porém, a CIA continuou trabalhando em novas maneiras de conseguir aprovar essa intervenção e, com a eleição de Dwight D. Eisenhower, que era a favor das chamadas “ações encobertas” realizadas pela CIA, no cargo de presidente dos Estados Unidos, ao lado da entrada de determinados indivíduos que alçaram cargos de extrema importância e que eram partidários de uma intervenção na Guatemala, como o de Secretário de Estado, a operação PBSUCCESS foi aprovada.

No segundo capítulo, a questão que mais se torna evidente em todo o processo de intervenção foi o anticomunismo parte da CIA e do Departamento de Estado dos Estados Unidos, que via a Guatemala sob uma “influência comunista” por parte da União Soviética e dos comunistas guatemaltecos no governo de Jacobo Árbenz. Esse fator fundamentava a ideia de realizar, na perspectiva da agência e de departamento, uma intervenção na Guatemala por parte dos Estados Unidos – porém, mais ativamente da agência, entre os anos de 1952 e 1954.

No entanto, a visão que o nacionalismo latino-americano poderia ser utilizado pelos comunistas como uma “ferramenta” e a ligação do governo estadunidense com o capital privado também faziam parte desse pensamento intervencionista.

O terceiro e último capítulo desse trabalho tratou como essa operação foi realizada de maneira conjunta entre a agência, o departamento e a embaixada dos Estados Unidos na Guatemala, além das forças opositoras locais. Com a utilização de táticas de propaganda e ameaça, além do auxílio militar, Jacobo Árbenz foi deposto em junho de 1954. Também nesse capítulo, é posto que durante a preparação e execução do golpe, poucas pessoas sabiam da operação e internamente, principalmente no Departamento de Estado, havia indivíduos contrários a essa intervenção.

Após a instauração de uma ditadura militar sob o comando de Castillo Armas, os Estados Unidos mantiveram uma relação que consistia basicamente em financiar e estabilizar seu governo. Segundo Schlesinger e Kinzer (1982, p. 232-233), os EUA deram ao “[...] seu regime cerca de \$80 milhões nos primeiros três anos após a ‘Libertação’”. Quase tudo era na forma de doações diretas; nada disso, exceto um empréstimo de \$18.2 milhões do Banco Mundial, teve que ser reembolsado.”²⁶³ Os autores continuam que, apesar desse investimento ter “[...] revitalizado certas áreas do setor privado, eles fizeram pouco para os pobres da nação. De fato, ao reverter abruptamente as políticas de industrialização e de reforma agrária de Arévalo e Árbenz, Castillo Armas chocou e desestabilizou a economia guatemalteca.”²⁶⁴ Após o assassinato de Armas em 1957, o que se sucedeu foi um longo período de instabilidade política e de conflito civil entre o Estado e grupos opositores (Schlesinger; Kinzer, 1982).

Em fins da década de 1970, a situação agrária havia retrocedido, e 10% dos donos de terra controlavam 80% das terras da Guatemala, a taxa de mortalidade infantil havia aumentado, assim como a taxa de analfabetismo e a expectativa de vida da população indígena era de 44,5 anos. Entre 1960 e 1996, quando se chegou a uma resolução para terminar o conflito, mais de 200 mil guatemaltecos haviam sido assassinados ou desaparecidos forçadamente²⁶⁵. Enfim, os Estados Unidos, seus departamentos e agências, principalmente o Departamento de Estado, a embaixada dos EUA na Guatemala e a CIA, apesar de seus conflitos internos, auxiliaram a instauração de um regime ditatorial na Guatemala, retrocedendo todas as políticas

²⁶³ Ver original: “[...] his regime some \$80 million in the first three years after the ‘Liberation.’ It was nearly all in the form of direct grants; none of it, except an \$18.2 million World Bank loan, had to be repaid”; tradução de minha autoria.

²⁶⁴ Ver original: “[...] revitalized certain areas of the private sector, they did little for the nation’s poor. Indeed, in abruptly reversing the industrialization and land reform policies of Arévalo and Árbenz, Castillo Armas shocked and destabilized the Guatemalan economy”; tradução de minha autoria.

²⁶⁵ Ver: CENTER for Justice and Accountability. *Guatemala*. Disponível em: <https://cja.org/where-we-work/guatemala/>. Acesso em: 28 abr. 2024.

sociais realizadas e sustentando durante décadas, por meio de auxílio financeiro, material e de treinamento, uma violência sistemática contra o povo guatemalteco (Schlesinger; Kinzer, 1982, p. 253-254).

Essa intervenção dos Estados Unidos na Guatemala marcou o início da prática de intervencionismo estadunidense na América Latina como política de Estado, utilizando ações clandestinas por meio da CIA em países latino-americanos independentes. Muito do que foi executado no caso da Guatemala foi aprimorado nas intervenções seguintes, como o uso da propaganda e do apoio material e financiamento a grupos opositores locais. Após a intervenção na Guatemala em 1954, o modelo de intervencionismo estadunidense durante a Guerra Fria foi estabelecido e serviu de base, por exemplo, para a fracassada tentativa de deposição de Fidel Castro em Cuba em 1961, e tendo obtido “sucesso” no Brasil em 1964 e no Chile em 1973.

REFERÊNCIAS

- ALLEN W. Dulles dies at 75; CIA Chief from 1953 to 1961. Washington: *Central Intelligence Agency*, [s.d.]. Disponível em: <https://www.cia.gov/readingroom/docs/CIA-RDP75-00001R000100040116-5.pdf>. Acesso em: 31 out. 2023.
- ALLIER-MONTAÑO, Eugenia; ORTEGA, César Iván Vilchis; OVALLE, Camilo Vicente. (coord.) *En la cresta de la ola. Debates y definiciones en torno a la historia del tiempo presente*. México: Universidad Nacional Autónoma de México, Bonilla Artiga Editores, 2020.
- AYERBE, Luís Fernando. *Estados Unidos e América Latina: a construção da hegemonia*. São Paulo: Editora UNESP, 2002.
- BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. *Formação do Império Americano: da guerra contra a Espanha à guerra no Iraque*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.
- BARBOSA, Leandro. Supremo da Guatemala anula suspensão de partido e garante segundo turno das eleições. Partido de candidato à presidência havia sido suspenso por juiz de primeira instância. *Brasil de Fato*, São Paulo, 14 jul. 2023. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2023/07/14/supremo-da-guatemala-anula-suspensao-de-partido-e-garante-segundo-turno-das-eleicoes>. Acesso em: 6 set. 2023.
- BRIEFS on diplomatic, military and civilian career, Walter Bedell Smith. Washington: *Central Intelligence Agency*, 1953. Disponível em: <https://www.cia.gov/readingroom/docs/CIA-RDP99-00418R000100320002-5.pdf>. Acesso em: 31 out. 2023.
- CENTER for Justice and Accountability. *Guatemala*. Disponível em: <https://cja.org/where-we-work/guatemala/>. Acesso em: 28 abr. 2024.
- CULLATHER, Nick. *Secret History: The CIA's classified account of its operations in Guatemala, 1952-1954*. Stanford, California: Stanford University Press, 2006.
- FEINSTEIN, Tamara; SIMPSON, Brad. *A Guide to Reading Declassified Documents*. CAVR – Comissão for Reception, Truth and Reconciliation in East Timor. National Security Archive, 2004.
- FRANK G. Wisner dead; U.S. intelligence figure. Washington: *Central Intelligence Agency*, [s.d.]. Disponível em: <https://www.cia.gov/readingroom/docs/CIA-RDP75-00001R000200520015-3.pdf>. Acesso em: 31 out. 2023.
- GARCÍA FERREIRA, Roberto. La CIA y el exilio de Jacobo Árbenz. *Perfiles Latinoamericanos*, n. 28, p. 59-82, 2006.
- _____. La Revolución Guatemalteca y el legado del Presidente Árbenz. *Anuario de Estudios Centroamericanos*, n. 38, p. 41-78, 2012.
- _____. The CIA and Jacobo Árbenz: History of a disinformation campaign. *Journal of Third World Studies*, vol. 25, n. 2, p. 59-81, 2008.

GLEIJESES, Piero. The Agrarian Reform of Jacobo Árbenz. *Journal of Latin American Studies*, v. 21, n. 3, p. 453-480, 1989.

_____. *Shattered Hope: The Guatemalan Revolution and the United States, 1944-1954*. Princeton: Princeton University Press, 1991.

HOLLY, Susan K.; PATTERSON, David S. (orgs.) *Foreign Relations of the United States, 1952-1954: Guatemala*. Washington: United States Government Printing Office, 2003.

IMMERMAN, Richard H. *The CIA in Guatemala: The foreign policy of intervention*. Austin: University of Texas Press, 2004.

_____. Guatemala as Cold War History. *Political Science Quarterly. Academy of Political Science*, v. 97, n. 4, p. 629-653, 1980. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/2150608>. Acesso em: 03 set. 2023.

_____. *The Hidden Hand: A Brief History of CIA*. Wiley-Blackwell, 2014.

JOFFILY, Mariana. A política externa dos EUA, os golpes no Brasil, no Chile e na Argentina e os direitos humanos. *Topoi – Revista de História*, Rio de Janeiro, v. 19, n. 38, p. 58-80, mai./ago. 2018. Disponível em: www.revistatopoi.org.

_____. Documentos dos EUA referentes às ditaduras do Cone Sul: desafios metodológicos. *Revista Eletrônica da ANPHLAC*, [s.l.], n. 025, p. 275-302, jul./dez. 2019. Disponível em: <https://revista.anphlac.org/anphlac/article/view/2935>. Acesso em: 03 set. 2023.

KANE, N. Stephen; SANFORD Jr., William F. (orgs.) *Foreign Relations of the United States, 1952–1954. The American Republics. Volume IV*. Washington: United States Government Printing Office, 1983.

MARTINS, André Saboia. Anotações sobre a Intervenção na Guatemala em 1954: uma análise de suas projeções sobre as práticas sistemáticas de violação aos direitos de asilo e refúgio durante a guerra fria. *Revista de Estudos e Pesquisas sobre as Américas*, [S. l.], v. 10, n. 2, 2016. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/repam/article/view/14885>. Acesso em: 27 mar. 2024.

MARY FERRELL FOUNDATION. Ipswich, MA. *Mary Ferrell Foundation*, [s.d.]. Disponível em: <https://www.maryferrell.org/search.html?q=Hedden&docid=144513&from=1>. Acesso em: 03 set. 2023.

MORGENFELD, Leandro Ariel. El inicio de la Guerra Fría y el sistema interamericano: Argentina frente a Estados Unidos en la Conferencia de Caracas (1954). *Contemporánea, Historia y problemas del siglo XX*, vol. 1:, pp. 75-97, 2010.

MUNHOZ, Sidnei José. *Guerra Fria: história e historiografia*. [s.l.]: Appris, 2020.

NA GUATEMALA, Kamala diz ‘não venham’, e EUA lançam programa de combate a tráfico de pessoas. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 07 jun. 2021. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2021/06/nao-venham-diz-kamala-em-visita-a-guatemala-para-discutir-migracao.shtml>>. Acesso em: 05 set. 2023.

NEW YORK TIMES. (<https://www.nytimes.com>) *New York Times*, Nova York, [s.d.]. Disponível em: <https://www.nytimes.com/1984/02/15/obituaries/robert-p-joyce-dead-was-in-foreign-service.html>. Acesso em: 03 set. 2023.

NEW YORK TIMES. (<https://www.nytimes.com>) *New York Times*, Nova York, [s.d.]. Disponível em: <https://www.nytimes.com/1981/04/19/obituaries/rudolf-schoenfeld-ambassador-to-3-nations-for-us-dies-at-86.html>. Acesso em: 31 out. 2023.

OFFICE OF THE HISTORIAN. (<https://history.state.gov>) Washington: *Office of the Historian*, [s.d.]. Disponível em: <https://history.state.gov/departments/history/people/dulles-john-foster>. Acesso em: 31 out. 2023.

OFFICE OF THE HISTORIAN. (<https://history.state.gov>) Washington: *Office of the Historian*, [s.d.]. Disponível em: <https://history.state.gov/departments/history/people/acheson-dean-gooderham>. Acesso em: 31 out. 2023.

OFFICE OF THE HISTORIAN. (<https://history.state.gov>) Washington: *Office of the Historian*, [s.d.]. Disponível em: <https://history.state.gov/departments/history/people/peurifoy-john-emil>. Acesso em: 31 out. 2023.

OFFICE OF THE DEPUTY DIRECTOR (PLANS). (<https://www.cia.gov/>). Washington: *Central Intelligence Agency*, 1953. Disponível em: <https://www.cia.gov/readingroom/docs/CIA-RDP84-00022R000400190053-3.pdf>. Acesso em: 03 set. 2023.

ORGANIZATIONAL HISTORY OF CENTRAL INTELLIGENCE AGENCY, 1950-1953. (<https://www.cia.gov/>) Washington: *Central Intelligence Agency*, 1953. Disponível em: <https://www.cia.gov/readingroom/docs/CIA-RDP64-00654A000200070001-3.pdf>. Acesso em: 03 set. 2023.

OS – KING, JOSEPH CALDWELL<SANITIZED>. (<https://www.cia.gov/>) Washington: *Central Intelligence Agency*, 1949. Disponível em: https://www.cia.gov/readingroom/docs/DOC_0005642324.pdf. Acesso em: 31 out. 2023.

PETTINÀ, Vanni. Del anticomunismo al antinacionalismo: La presidencia de Eisenhower y el giro autoritario en la América Latina de los años 50. *Revista de Indias*, v. LXVII, n. 240, p. 573-606, 2007.

PERUTKA, Lukáš. Arms for Arbenz: Czechoslovakia's Involvement in the Cold War in Latin America. *Central European Journal of International and Security Studies*, v. 7, n 3, 2013, p. 98-114.

PRINCIPAL ASPECTS OF SOCIALISM IN LATIN AMERICA. (<https://www.cia.gov/>) Washington: *Central Intelligence Agency*, 1958. Disponível em: https://www.cia.gov/readingroom/docs/DOC_0000483779.pdf. Acesso em: 31 jan. 2024.

RABE, Stephen G. Review of the U.S. Intervention in Guatemala: The Documentary Record, by U.S. Department of State. *Diplomatic History*, vol. 28, n. 5, p. 785-790, 2004. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/24914824>.

_____. *The Killing Zone: The United States Wages Cold War in Latin America*. Oxford Press, 2015.

RONIGER, Luis. Exílio massivo, inclusão e exclusão política no século XX. *DADOS – Revista de Ciências Sociais*, Rio de Janeiro, v. 53, n. 1, 2010, pp. 91 a 123.

ROUSSO, Henry. Sobre a história do tempo presente: entrevista com o historiador Henry Rousso. *Tempo e Argumento*. Revista do Programa de Pós-Graduação em História. Florianópolis, v. 1, n. 1, p. 201-216, 2009.

TRACHTENBERG, Marc. *The Craft of International History: A Guide to Method*. Princeton. NJ: Princeton University Press, 2006.

SANTOS, Marcelo. A política externa dos EUA para a América Latina: da Doutrina Monroe à Diplomacia Total. In: *O poder norte-americano e a América Latina no pós-guerra fria*. São Paulo: Annablume, Fapesp, 2007.

SCHOULTZ, Lars. *Estados Unidos: poder e submissão: uma história da política norte-americana em relação à América Latina*. Bauru, SP: EDUSC, 2000.

STREETER, Stephen. Interpreting the 1954 U.S. Intervention in Guatemala: Realist, Revisionist, and Postrevisionist Perspectives. *The History Teacher*, v. 34, n. 1, p. 1-20, 2000.

THE FOUNDING of the Office of Special Operations (U). Michael Warner; Kevin C. Ruffler. (<https://www.cia.gov/>) Washington: *Central Intelligence Agency*, 2000. Disponível em: <https://www.cia.gov/readingroom/docs/the%20founding%20of%20the%20offic%5B15495255%5D.pdf>. Acesso em: 13 out. 2023.

VÉLIZ ESTRADA, Rodrigo. “Soñadores y quijotes”: la faceta internacional del proyecto revolucionario guatemalteco (1944-1951). *Secuencia*, n. 111, e1933, 2021.

VICENTE, R. Un castillo armado: el primer golpe de la CIA en América Latina. *Ciclos en la Historia, la Economía y la Sociedad*, n. 43, 20 fev. 2014.

WEINER, Tim. *Legacy of Ashes: The History of CIA*. Doubleday, 2007.

FONTES DOCUMENTAIS

HOLLY, Susan K.; PATTERSON, David S. (orgs.) *Foreign Relations of the United States, 1952-1954: Guatemala*. Washington: Government Printing Office, 2003. Documento 2.

HOLLY, Susan K.; PATTERSON, David S. (orgs.) *Foreign Relations of the United States, 1952-1954: Guatemala*. Washington: Government Printing Office, 2003. Documento 6.

HOLLY, Susan K.; PATTERSON, David S. (orgs.) *Foreign Relations of the United States, 1952-1954: Guatemala*. Washington: Government Printing Office, 2003. Documento 7.

HOLLY, Susan K.; PATTERSON, David S. (orgs.) *Foreign Relations of the United States, 1952-1954: Guatemala*. Washington: Government Printing Office, 2003. Documento 8.

HOLLY, Susan K.; PATTERSON, David S. (orgs.) *Foreign Relations of the United States, 1952-1954: Guatemala*. Washington: Government Printing Office, 2003. Documento 9.

HOLLY, Susan K.; PATTERSON, David S. (orgs.) *Foreign Relations of the United States, 1952-1954: Guatemala*. Washington: Government Printing Office, 2003. Documento 12.

HOLLY, Susan K.; PATTERSON, David S. (orgs.) *Foreign Relations of the United States, 1952-1954: Guatemala*. Washington: Government Printing Office, 2003. Documento 20.

HOLLY, Susan K.; PATTERSON, David S. (orgs.) *Foreign Relations of the United States, 1952-1954: Guatemala*. Washington: Government Printing Office, 2003. Documento 24.

HOLLY, Susan K.; PATTERSON, David S. (orgs.) *Foreign Relations of the United States, 1952-1954: Guatemala*. Washington: Government Printing Office, 2003. Documento 25.

HOLLY, Susan K.; PATTERSON, David S. (orgs.) *Foreign Relations of the United States, 1952-1954: Guatemala*. Washington: Government Printing Office, 2003. Documento 26.

HOLLY, Susan K.; PATTERSON, David S. (orgs.) *Foreign Relations of the United States, 1952-1954: Guatemala*. Washington: Government Printing Office, 2003. Documento 27.

HOLLY, Susan K.; PATTERSON, David S. (orgs.) *Foreign Relations of the United States, 1952-1954: Guatemala*. Washington: Government Printing Office, 2003. Documento 29.

HOLLY, Susan K.; PATTERSON, David S. (orgs.) *Foreign Relations of the United States, 1952-1954: Guatemala*. Washington: Government Printing Office, 2003. Documento 30.

HOLLY, Susan K.; PATTERSON, David S. (orgs.) *Foreign Relations of the United States, 1952-1954: Guatemala*. Washington: Government Printing Office, 2003. Documento 32.

HOLLY, Susan K.; PATTERSON, David S. (orgs.) *Foreign Relations of the United States, 1952-1954: Guatemala*. Washington: Government Printing Office, 2003. Documento 33.

HOLLY, Susan K.; PATTERSON, David S. (orgs.) *Foreign Relations of the United States, 1952-1954: Guatemala*. Washington: Government Printing Office, 2003. Documento 34.

- HOLLY, Susan K.; PATTERSON, David S. (orgs.) *Foreign Relations of the United States, 1952-1954: Guatemala*. Washington: Government Printing Office, 2003. Documento 36.
- HOLLY, Susan K.; PATTERSON, David S. (orgs.) *Foreign Relations of the United States, 1952-1954: Guatemala*. Washington: Government Printing Office, 2003. Documento 37.
- HOLLY, Susan K.; PATTERSON, David S. (orgs.) *Foreign Relations of the United States, 1952-1954: Guatemala*. Washington: Government Printing Office, 2003. Documento 40.
- HOLLY, Susan K.; PATTERSON, David S. (orgs.) *Foreign Relations of the United States, 1952-1954: Guatemala*. Washington: Government Printing Office, 2003. Documento 41.
- HOLLY, Susan K.; PATTERSON, David S. (orgs.) *Foreign Relations of the United States, 1952-1954: Guatemala*. Washington: Government Printing Office, 2003. Documento 42.
- HOLLY, Susan K.; PATTERSON, David S. (orgs.) *Foreign Relations of the United States, 1952-1954: Guatemala*. Washington: Government Printing Office, 2003. Documento 35.
- HOLLY, Susan K.; PATTERSON, David S. (orgs.) *Foreign Relations of the United States, 1952-1954: Guatemala*. Washington: Government Printing Office, 2003. Documento 39.
- HOLLY, Susan K.; PATTERSON, David S. (orgs.) *Foreign Relations of the United States, 1952-1954: Guatemala*. Washington: Government Printing Office, 2003. Documento 287.
- HOLLY, Susan K.; PATTERSON, David S. (orgs.) *Foreign Relations of the United States, 1952-1954: Guatemala*. Washington: Government Printing Office, 2003. Documento 152.
- HOLLY, Susan K.; PATTERSON, David S. (orgs.) *Foreign Relations of the United States, 1952-1954: Guatemala*. Washington: Government Printing Office, 2003. Documento 84.
- HOLLY, Susan K.; PATTERSON, David S. (orgs.) *Foreign Relations of the United States, 1952-1954: Guatemala*. Washington: Government Printing Office, 2003. Documento 113.
- HOLLY, Susan K.; PATTERSON, David S. (orgs.) *Foreign Relations of the United States, 1952-1954: Guatemala*. Washington: Government Printing Office, 2003. Documento 133.
- HOLLY, Susan K.; PATTERSON, David S. (orgs.) *Foreign Relations of the United States, 1952-1954: Guatemala*. Washington: Government Printing Office, 2003. Documento 131.
- HOLLY, Susan K.; PATTERSON, David S. (orgs.) *Foreign Relations of the United States, 1952-1954: Guatemala*. Washington: Government Printing Office, 2003. Documento 214.
- HOLLY, Susan K.; PATTERSON, David S. (orgs.) *Foreign Relations of the United States, 1952-1954: Guatemala*. Washington: Government Printing Office, 2003. Documento 246.
- HOLLY, Susan K.; PATTERSON, David S. (orgs.) *Foreign Relations of the United States, 1952-1954: Guatemala*. Washington: Government Printing Office, 2003. Documento 248.
- KANE, N. Stephen; SANFORD Jr., William F. (orgs.) *Foreign Relations of the United States, 1952-1954. The American Republics*. Washington: Government Printing Office, 1983, p. 1039-1041.

KANE, N. Stephen; SANFORD Jr., William F. (orgs.) *Foreign Relations of the United States, 1952-1954. The American Republics*. Washington: Government Printing Office, 1983, p. 1041-1043.

KANE, N. Stephen; SANFORD Jr., William F. (orgs.) *Foreign Relations of the United States, 1952-1954. The American Republics*. Washington: Government Printing Office, 1983, p. 1050-1052.

KANE, N. Stephen; SANFORD Jr., William F. (orgs.) *Foreign Relations of the United States, 1952-1954. The American Republics*. Washington: Government Printing Office, 1983, p. 1052-1055.

KANE, N. Stephen; SANFORD Jr., William F. (orgs.) *Foreign Relations of the United States, 1952-1954. The American Republics*. Washington: Government Printing Office, 1983, p. 1055-1056.

KANE, N. Stephen; SANFORD Jr., William F. (orgs.) *Foreign Relations of the United States, 1952-1954. The American Republics*. Washington: Government Printing Office, 1983, p. 1058-1061.

KANE, N. Stephen; SANFORD Jr., William F. (orgs.) *Foreign Relations of the United States, 1952-1954. The American Republics*. Washington: Government Printing Office, 1983, p. 1061-1071.

KANE, N. Stephen; SANFORD Jr., William F. (orgs.) *Foreign Relations of the United States, 1952-1954. The American Republics*. Washington: Government Printing Office, 1983, p. 1071-1073.

KANE, N. Stephen; SANFORD Jr., William F. (orgs.) *Foreign Relations of the United States, 1952-1954. The American Republics*. Washington: Government Printing Office, 1983, p. 1074-1086.

KANE, N. Stephen; SANFORD Jr., William F. (orgs.) *Foreign Relations of the United States, 1952-1954. The American Republics*. Washington: Government Printing Office, 1983, p. 1091-1093.

KANE, N. Stephen; SANFORD Jr., William F. (orgs.) *Foreign Relations of the United States, 1952-1954. The American Republics*. Washington: Government Printing Office, 1983, p. 1095-1097.

KANE, N. Stephen; SANFORD Jr., William F. (orgs.) *Foreign Relations of the United States, 1952-1954. The American Republics*. Washington: Government Printing Office, 1983, p. 1127-1128.

KANE, N. Stephen; SANFORD Jr., William F. (orgs.) *Foreign Relations of the United States, 1952-1954. The American Republics*. Washington: Government Printing Office, 1983, p. 1149-1151.

KANE, N. Stephen; SANFORD Jr., William F. (orgs.) *Foreign Relations of the United States, 1952-1954. The American Republics*. Washington: Government Printing Office, 1983, p. 1093-1095.

KANE, N. Stephen; SANFORD Jr., William F. (orgs.) *Foreign Relations of the United States, 1952-1954, The American Republics*, Washington: Government Printing Office, 1983, p. 1170-1172.

KANE, N. Stephen; SANFORD Jr., William F. (orgs.) *Foreign Relations of the United States, 1952-1954, The American Republics*. Washington: Government Printing Office, 1983, p. 1184-1185.